

RESISTENCIA

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 674

COIMBRA — Domingo, 16 de fevereiro de 1902

7.º ANNO

NA ESTACADA

As condições geraes dominantes da politica monarchica portuguesa, feita de traições odiosas, de interesseiras maquinações e de intrigas vis em que se comprazem os caracteres depravados dos politicos que governam, sam as mesmas que ha dez annos a esta parte, em que cada vez mais fundo a monarchia tem cavado a ruina da nação. Mas a essas condições vêem junctar-se presentemente motivos novos de sobresalto, que obrigam todos os homens de consciencia a encarar com pavôr o futuro temeroso que estão preparando à nação os homens da monarchia.

Contra as suas maquinações tenebrosas, que têm em vista sómente garantir por alguns annos mais a vida dissoluta em que se agitam e se revolvem, à custa dos interesses mais caros da Pátria, que sam os interesses sagrados da sua independencia e da sua honra, é urgente que nos levantemos todos nós, — os portugueses para quem a Pátria é alguma coisa de grandioso e de santo, — determinados a aniquillar de vez as companhias de quadrilheiros que se constituíram e se defendem para exploração do país. Que Portugal não é só delles, os corruptos e venaes, que açambarcaram para gôso e fruição dalguns o patrimonio augusto que pertence aos milhões de homens que constituem a Pátria Portuguesa!

E' por isso que a **Resistencia**, que ontem ensarilhou armas momentaneamente, hoje, animada do ardôr antigo; persistente nos mesmos principios, que sam o lemma augusto inscripto na sua bandeira, reaparece de novo, prompta a entrar novamente no combate da nação contra a monarchia, determinada a envolver-se no mais accêso da refrega, onde a batalha se ferir mais encarniçada e renhida!

Ha no país traidores odiosos, os mais vis e miseraveis dos inimigos da nação, que planeiam entregá-la de mãos atadas ao extranjeiro, como hypotheca deshonorosa a garantir a sua vida de dissipação e o parasitismo criminoso da sua clientella esfaimada? Esmaguemo-los, todos nós os que não pactuamos com as torpezas expoliadoras de que a nação é victima, todos os que sentimos no peito um impulso vingador de cólera santa!

E depois façamos desta nobre nacionalidade, aviltada pelo aviltamento dos que a têm governado, uma nação honesta e respeitada, que saiba administrar-se com tino e viver com honradez...

E' para êste fim tam levantado e tam nobre; é com os olhos fitos na regeneração nacional, que a **Resistencia** volta à estacada, revestida da couraça luminosa dos seus ideaes mais altos — a Honra e a Gloria de Portugal!

Termos do convenio:

Consignação da receita das alfandegas do continente, insulares e colonias;

Fiscalisação das receitas pelos extranjeiros, por meio do «contrôle»;

Pagamento do juro da divida externa, em oiro à razão de 50% para o 3%, 4% e 4 1/2%;

Centro nacional

Parece que tambem por cá já temos disto... que não se sabe bem o que seja, senão que se pretende governar o país com escapulários de frades e biôcos de freiras!

Pois está bem... Mas se Coimbra é um centro, onde está a circunferencia?

E' verdade que dizem que o incenso e a mirra attrahiram já alguns lentes... de mathematica, e que um lente de mathematica officiará de pontifical.

De mathematica! Mas que cálculos farão elles?...

Parodia

E' magnifica de concepção e de desenho a página central do último numero da «Parodia». O lapis soberbo de Raphael Bordallo Pinheiro apresenta o País soltando um brado lancinante d'angustia ao vêr-se assaltado por um bando de cães de fila — os credores externos — a dilacerarem-no, enquanto vai seguindo a Dança da Bica dos politicos no pagode nacional...

Pungente de verdade!

O CONVENIO

Continúa o partido, que a fatídica figura d'Hintze Ribeiro synthetiza, na faina de obter um arranjo com os credores externos para o pagamento dos juros e amortização da divida externa, empenho em que é auxiliado pela opposição progressista. Mais um emissario anda a percorrer a Europa, em demarches que nos encham de ridiculo, de Paris para Londres, de Londres para Paris, de Paris para Berlim, de Berlim para Londres... a apresentar alvitres, a receber propostas, a procurar banqueiros, a entender-se com comités, e tudo isto para obter um accordo que, alterando a lei de 1893, dê alguns annos de desfôgo à vida airada e dissoluta dos partidos da rotação!

Sabido que os credores externos o que querem é ter a garantia das suas rendas, parecia curial que os governos, se não fôsem da peor especie de saltimbancos politicos, o que tinham a fazer era demonstrar aos nossos credores, por uma administração sensata e honrada, que estávamos no proposito de saldar honradamente os nossos compromissos; que se annos de desvario passaram, em que politicos de má morte cometeram as mais desastradas loucuras, ao mesmo tempo que as mais desafortadas ladroerias, com os milhões que sobre nós choveram dos empréstimos lá de fóra, que tinhamos entrado numa era nova de trabalho, de moralidade e de economia, que os resgatariam dos erros e dos crimes do passado; que a maior garantia dos nossos credores estava na lisura dos nossos processos de administração... e então, sim! de cara levantada e consciencia tranquilla podiamos dizer-lhes: — esperae, sereis pagos!

Que auctoridade têm, porem, progressistas ou regeneradores, — os mais desafortados politicos portugueses, os que têm mettido até aos hombros os braços no thesouro publico, — para procurarem com os credores accôrds que êstes sabem não serem elles capazes de cumprir?

Dai a natural e justificada desconfiança; mais, a certeza de que só com penhores seguros, hypothecas garantidas, poderam obrigar os governos de Portugal a honrar com elles os seus compromissos!

A esta situação degradante nos arrastaram os sycophantas da monarchia!

E' por isso que os credores exigem em garantia:

Consignação dos rendimentos das alfandegas do país, — isto é — a morte da nação; «contrôle» ou fiscalisação da applicação das receitas do país, por meio de delegados dos credores — isto é a deshonor!

E ha de o país tolerar tal ignominia? Não, e não! que Portugal não está em condições de se submeter a taes vergonhas.

O que nos falta é uma administração honesta, feita por homens de bem.

Pois em Portugal não haverá homens honrados que substituam os farçantes que nos têm expoliado e envilecido?...

As exigencias dos credores externos — «contrôle» e «consignação de rendimentos» — sam a condemnação dos governos da monarchia.

Roubados

Em alta grita clamaram ontem no parlamento (?) vários deputados... que se não sabe de quem, que o sr. Hintze Ribeiro os havia roubado; que lhes tinha roubado... as suas candidaturas na legislatura passada; que lhes tinha cortado... a sua carreira politica por três annos!

E isto gritavam-no os lindos moços em altas vozes, com largos gestos de indignação.

Roubados, elles, e nas suas candidaturas, a grande coisa!

E bradaram e gritaram... E não brada, nem grita, nem clama o país, o eternamente roubado no seu dinheiro, pelos ladrões que roubam candidaturas como fazem ao dinheiro da nação!

Roubados, elles...

Alerta

O governo prepara-se para' no caso de o país lhe não consentir o convenio como o tem tramado, apresentar ao parlamento uma proposta com bases para o accôrdo. E nestas bases irá distarçado tudo quanto o governo e os progressistas quizerem que se faça...

Nem convenio, nem bases!

Que não dam garantias nehumas ao país nem o governo nem o parlamento...

Convenio, que o façam homens honestos, administradores honrados!

A revelação

O ex-ministro da fazenda no gabinete progressista, sr. Espregueira, o homem dos expedientes escuros para arranjos financeiros, declarou ha poucos dias a um amigo, o seguinte:

— A continuar o systema de administração que temos tido, dentro de seis annos está aberta a bancarôta da nação sem ninguem lhe poder valêr! Authentico.

Reparemos todos na revelação... e não percâmos tempo!

Carta de Lisboa

13 de fevereiro.

E' de amarguras a hora. Eu sinto-as, como cidadão português. Mas, em meio dellas, a minha alma tem já experimentado suaves impressões de esperança — por crêr num movimento salvador — e de contentamento — por vêr surgirem esforços de valor. E uma das impressões mais gratas ao meu espirito, colhidas neste momento historico, é esta resurreição da **Resistencia**.

O leitor, mesmo o que não tenha o vicio nem a profissão de escrever para o publico, ha de ter reconhecido já o que se pode chamar o habito do jornal. Uma folha, com um determinado formato, um determinado titulo e uma determinada forma de dizer, que durante certo tempo nos entra em casa, passa, natural é insensivelmente, a constituir uma como parte integrante da nossa casa, uma necessidade do nosso viver, sem a qual não podemos passar bem.

Em quem escreve ha uma acção idéntica, mais funda, mais intensa. O individuo, que methodicamente collabora num jornal, que ai regista a sua opinião, que nelle expande o seu sentimento, tomou amor a êsse jornal como a uma parte do seu ser. Se elle lhe falta, n'alma ficou um vacuo que, ainda que não se reconheça como tal, é, com effeito, um vacuo de dôr.

Foi assim que o meu espirito se enlucou quando esta **Resistencia** suspendeu, e é assim que elle hoje se alegra como para saudar um amigo muito querido que resuscita.

Afóra estas razões, de restricto caracter pessoal, que certamente não têm o menor interesse para o publico, outras ainda me levam a pegar na penna com enthusiasmo.

Nestas cartas de Lisboa para a **Resistencia**, eu fallei, com uma insistencia que chegou a ser impertinente, da questão dos credores. Foi êsse, talvez, o assumpto que mais encheu estas cartas.

Pois, quando a questão dos credores surge mais grave do que nunca, os perigos que eu discuti se apresentam mais do que nunca iminentes, resurge a **Resistencia**.

E resurge exactamente pelo aspecto que tomou a questão, em nome dos interesses da Pátria,

E resurge pelo esforço dum grupo de homens que, com a consciencia do tremendo perigo que ameaça a nação, querem por todas as formas evita-lo.

E resurge com o seu velho e considerado titulo, que no instante me parece uma palavra nova, completa, inventada para o momento.

— Este: **Resistencia**.

Resistencia...

Que melhor, que mais justa, que mais oportuna palavra se pode lêr, sentir e escrever no momento?

Que melhor grito, que melhor programma, que melhor bandeira?

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — MANUEL DOS REIS GOMES

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa. Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornecer pelos preços do catálogo COFRES À PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que são os mais garantidos.

Também se encarrega de qualquer obra de serralheiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechánicas de qualquer natureza.

CASA INNOCENCIA

CONFETARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CACÇADA)

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.

Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua e asseio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

REDUCCÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cozinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao publico em geral, que acaba de peduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas, são uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

Mesa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de Bria à-brac, tabacos e oculista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mesa de pau preto e sândalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender pôde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

PECUINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toelhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toelhas para rôsto em linho, algodão e felpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cozinha e mesa de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra.

ROTULOS

parapharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins do Carvalho, 7 Coimbra.

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Podings, Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das meliores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos asucares com que são fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roque fort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

A B C

DO POVO

Para aprender a ler

POR

TRINDADE COELHO

COM DESENHOS DE

Raphael Bordallo Pinheiro

50 paginas luxuosamente illustradas

AVULSO 50 REIS, PELO CORREIO 60 REIS

Descontos para revenda: até 500 exemplares, 20% de desconto; de 500 até 1000 exemplares, 25%; de 1000 a 5000 exemplares, 30%

A venda em todas as livrarias do paiz, lhas e ultramar e na casa editora

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.º — LISBOA

Accitam-se correspondentes em toda a parte

FACULHAS e envelopes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

Espingardas

De fogo central e de carregar pela bôcca. Vendem-se com grande abatimento.

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Bibliotheca Popular

Empreza editora de publicações illustradas

162, 1.º — Rua da Rosa, — 162, 1.º LISBOA

Em publicação as obras completas de Paulo de Kock, das quaes está já em distribuição o primeiro volume nitidamente impresso e primorosamente illustrado com esplendidas photo-gravuras, ao preço de

60 rs. — O volume — rs. 60

Publica-se 1 vol. nos dias 1 e 15 de cada mez.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50%.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTENCIA

Editor

Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica

Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 675

COIMBRA — Quinta feira, 20 de fevereiro de 1902

7.º ANNO

Jogo encoberto

Perante as graves circunstancias que atravessa o país, em que se ouvem clamando as vozes sinceras d'aquelles que sentem na alma um impulso vehemente de patriotismo, batalhando por que não chegue a consummar-se a obra nefanda do convenio com os credores externos, parece que todos aquelles que ostensiva e ruidosamente se separaram dos partidos do governo, protestando em altas vozes contra os seus processos criminosos de administração, deveriam vir, para conferencias e comícios e jornaes, bradar contra a armadilha que se prepara aos interesses e honra da nação.

Mas vêmos isso? não.

Dos homens publicos de responsabilidades directas ou indirectas no estado do país, só dois, os srs. Dias Ferreira e Fuschini, vieram expôr ao país em conferencias illucidativas e notaveis pelo rigor e sinceridade da exposição, o perigo enorme a que está sujeita a nacionalidade portugueza. Da cidade que elles fizeram tribuna do seu ataque, visto lhes estar vedada a tribuna do parlamento para assumpto de tam capital importancia, partiú um convite a outro homem de estado, de responsabilidades enormes ligadas á situação dos negocios publicos em Portugal, para que elle fôsse expôr a sua maneira de considerar as circunstancias do país perante o convenio, o que sente, e o que deve fazer o país; mas esse homem publico, que ainda ha pouco se afastou dos seus cumplices d'ontem, apregoando novos processos de administração e vida nova, encerrou-se na desculpa banal, futil e incorrecta de não ir ao cumprimento do seu dever por lh'o não permittir o seu estado de saude! E não consta que elle esteja doente; e sabe-se que não está doente. . . E doente que estivera, o seu dever seria declarar que apenas o seu estado de saude lh'o permittisse iria áquella tribuna honrada, visto de mais a mais não ter voz no parlamento, expôr á nação o que lhe parecesse util sobre a marcha dos negocios do Estado; sobre os processos novos de administração, que advoga, sobre as circunstancias da nação perante as exigencias dos credores externos, em-

fim, afirmar-se como homem publico com que o país pudesse contar.

Mas não foi, refecemente se recusou a ir!

Este homem é o sr. João Franco, de responsabilidades tremendas perante o país, não só pela sua acção preponderante exercida em mais do que um ministerio; não só pela sua situação especial na politica monarchica durante muitos annos, tendo collaborado e cooperado com o partido regenerador em todos os seus actos de administração e de politica de ha dez annos, pelo menos, a esta parte, mas ainda e sobretudo pela situação especial que se creou afastando-se dos seus cumplices e amigos de ha pouco para estabelecer á parte a sua tenda de campanha, em que arvorou uma bandeira nova!

Pois então o sr. João Franco, chefe dum grupo que pretende ser um partido politico de governo, disputando eleições por esse país além, fazendo crêr, pela voz dos seus amigos fieis, que em si está a salvação do país, a reorganização das finanças, o restabelecimento do credito da nação, numa questão como a presente, a mais grave, a mais critica que temos atravessado nos ultimos annos, em que se encontra em jogo a honra e a independencia nacionaes, não levanta nas mãos a sua bandeira de combate, desfaldando-a bem alto para que todos a vejam, proclamando ao país o que pensa e o que deseja para salvação de todos nós?! Onde está a demonstração de que pode haver confiança no *franquismo*? Que processos sam os seus, que ideias sam as suas? . . .

Se nas suas reservas de politico habilidoso entende que não deve apresentar um programma, porque o não esboça ao menos?

E se nem uma indicação quer dar, ao menos, do que seja esse programma que, por certo, não tem, o sr. João Franco foi convidado á pronunciar-se sobre um caso concreto, instante, urgente, qual é o convenio com os credores externos. Acha bem que tal convenio se faça com a consignação dos rendimentos das alfandegas e a fiscalização estrangeira, ou não?

E' o que o país carece de saber do chefe dos franquistas. . .

Mas sam faceis de prever os

motivos por que o sr. João Franco se não pronuncia. O convenio é um nó difficil de desatar e muito capaz até de estrangular os ministros que o fizerem; façam-no bem, façam-no mal, antes a responsabilidade delle fique aos regeneradores que aos franquistas; e então, porque o sr. João Franco está na esperança de que o vá arrancar á sua charrua de Cincinato a mão munificente d'el-rei, cheia de clemencia, prefere ser elevado ás culminancias de chefe de governo sem encontrar as difficuldades dum convenio com os credores externos. E em tal caso, o que lhe convem é não levantar difficuldades á acção do sr. Hintze Ribeiro, embora haja a certeza de que esse convenio virá a ser a morte da nação!

E' muito mais commodo deixar-se ficar descançadamente á porta da sua tenda a entoar pela milésima vez a lenda da sua moralidade, do que envolver a sua bandeira nova na frágua dos combates. Não vá ella apanhar algum farpão, embora honroso, por combater pela patria, que a não deixe entrar amanhã, reverente e lúsidia do panninho em fôlha, no paço das Necessidades. . .

Que o sr. João Franco assim raciocina, neste raciocínio, manhoso e sorna de politico da rotação, demonstra-o a sua reserva significativa e calculada. . .

Pois o momento actual não é proprio de phrases embocadas e gestos de phariseu!

Urge que todos os portuguezes, que de tal se presam e que se orgulham de o continuar a ser, sejam monarchicos, sejam republicanos ou socialistas, se unam e se congreguem para combater e aniquillar o inimigo commum, — o governo que pretender contractar o convenio, com administração estrangeira, consignação de rendimentos, ou quaesquer clausulas incompativeis com as circunstancias ou a soberania da nação!

Seja quem fôr que o contracte; e quem não combater tam criminoso tractado, torna-se cumplice daquelles que pretendem salvar-se á custa da deshonra da nação. . .

O convenio, que o governo se empenha em fazer com os credores externos, é a des-honra da nação.

OS DOIS

Noticiam varios collegas que o sr. conselheiro Alpoim conferenciou, mais uma vez, largamente, com o sr. ministro da marinha.

Inimigos politicos em publico, amigos intimos particularmente! Alijó e a Rede em festa; o povo cada vez mais encravado. . .

Dois figurantes exhibindo as suas habilidades no palco da politica portugueza.

A cl-que dos cevado-cratas applaude-os; que os espectadores honestos os corram a tacão e assobio.

Que honra e proveito não cabem no mesmo sacco.

O convenio

Sam cada vez mais inquietadoras as noticias que circulam sobre o convenio que o governo quer fazer com os credores estrangeiros.

O *Imparcial*, informa que o governo telegraphára ao sr. Canilho, para que este, por qualquer maneira que fosse, conseguisse um accordo com os credores!

Decididamente os governantes, ou estão doidos, ou têm interesses extraordinarios em esmagar o país, ferindo-o profundamente na sua honra e na sua independencia.

Com um descaramento e impudencia extraordinarios, reptam o país para um combate, que ou conduz á abjecção e perda da sua autonomia, ou á sua rehabilitação, se tiver forças para esmagar quem pretende esmagalo.

Ou a monarchia se consolida, por meio da fiscalização estrangeira, ou a republica se implanta por meio da revolução popular.

Eis o dilemma, em que um governo de aventureiros colloca o país.

O JORNAL

Com este titulo começou a publicar-se na capital um novo diario.

Affirma-se paladino dos immortaes principios progressistas, e diz inspirar-se somente nas indicações do seu chefe José Luciano de Castro.

Com tal morcego da politica caseira por guia é quasi certo que o seu vôo altaneiro levará breve o *Jornal* á treva do subsidio. Até porque o surgir de tanto progressista ao redor de sua bandeira, — não confundir com gamella, — parece legitimar que á porta da regeneração a rapaziada grite:

Nesta casa cheira a unto. . . Ora, longa vida e prosperidades.

As *Novidades*, com aquella ironia que todos lhe conhecemos, falla da soberania do povo, a proposito duma manifestação que os espectadores de S. Carlos fizeram na quinta feira por o theatro estar ainda mascarrado com os restos dos projecteis carnavalescos.

Ora as opiniões das *Novidades* sam sobrejamente conhecidas, as

sim como sam sobrejamente conhecidas as causas que têm levado o povo a não fazer valer como deve a tal soberania, a que tam mordentemente allude o jornal palaciano.

E felizmente para as *Novidades*, que a soberania do povo ha muito que é quasi um mytho; porque se não o fosse. . .

Mas a soberania popular, a unica que tem verdadeiro valor social, ha de adquirir a energia necessaria para se impôr e talvez mais depressa que as *Novidades* julgam.

Que os causticos, que os governos monarchicos lhe tem applicado, são energicos e ham de produzir beneficos efeitos.

Os partidos do governo têm feito uma administração deshonesta, motivo porque nelles não confiam os credores externos.

Uma questão vergonhosa

Ainda não foi definitivamente resolvida pelo governo, a grave questão dos operarios da Marinha Grande, que ha já bastante tempo reclamam o cumprimento de beneficos, que um benemerito lhe legou, por intervenção do governo.

A justiça dos operarios é incontestavel, os seus direitos nem ao menos podem ser de boa fé postos em duvida, mas os syndicateiros ministros, dando força aos syndicateiros exploradores da fabrica real da Marinha Grande, eternizam uma questão de que depende o bem estar de milhares de pessoas unicamente por isso convir aos seus interesses e dos seus compadres.

Ora um tal estado de coisas não pôde, não deve, continuar, porque além de ser uma injustiça flagrante, pode acarretar consequencias tragicas, conforme já as produz de ordem economica.

Os operarios, agulhoados pela sua miséria e das familias, vendo calcados os seus direitos e regalias, podem commetter excessos, saindo da linha ordeira que têm adoptado, excessos até certo ponto desculpaveis.

A fome não tem lei; o desespero é mau conselheiro.

Attente bem nisto o governo, e antes que se produzam factos irreparaveis, providencie, mas providencie justamente, não transigindo com os actuaes arrendatarios, que querem expoliar os operarios de certas regalias e direitos que têm, para depois mais facilmente os explorarem.

Anteponha-se ás conveniencias de meia duzia de syndicateiros, o bem estar de centos, de milhares de pessoas; não se calque a lei para servir argentários contra honestos trabalhadores.

Seja o governo justo, ao menos uma vez, e não leve aos ultimos extremos quem só procura ganhar honradamente o pão para si e suas familias.

Senão. . . O direito da legitima defesa está estatuido em todos os codigos das nações cultas. E os operarios podem e devem usar delle.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa. Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornecer pelos preços do catálogo CUFRES À PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que são os mais garantidos.

Também se encarrega de qualquer obra de serralleiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mecánicas de qualquer natureza.

CASA INNOCENCIA**CONFETARIA E MERCEARIA**

RUA FERREIRA BORGES—91 a 97 (CALÇADA)

CONFETARIA

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoas e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.

Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e acção na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho—Coimbra

REDUÇÃO DE PREÇOS**Estabelecimento de João Gomes Moreira**

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cozinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguesas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario—MANUEL DOS REIS GOMES

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artística SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

PECHINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rosto em linho, algodão e telpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cozinha e mesa de João Gomes Moreira—Rua Ferreira Borges—(em frente ao Arco d'Almedina—Coimbra.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{mos} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—**Memória**—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchina de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tão acreditadas máchinas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e accéitam-se máchinas em troca.

Esta casa acaba também de receber um grande sortimento de armures pretas, sêdas pretas e mantilhas de seda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

FACTURAS

e enveloppes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9—Coimbra

Espingardas

De fogo central e de carregar pela bôcca. Vendem-se com grande abatimento.

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges—COIMBRA

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos**, continúa recebendo hospedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis**.

O proprietário,
José Maria Junior.

SILVA & FILHO

CONFETARIA

Fábrica manual de calçado e tamanços e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 20700
Semestre..... 10350
Trimestre..... 686

Sem estampilha:

Anno..... 20400
Semestre..... 10200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTENCIA

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 677

COIMBRA — Quinta feira, 27 de fevereiro de 1902

8.º ANNO

Chronica politica

Má escolha de epigraphie para estes artigos.

Uma chronica politica, no estado actual das funcções dos partidos que se revesam no poder, cae, forçosamente, na mais insôsa das monotonias, repetindo hoje o escândalo de ontem, dizendo amanhã da mesma falta de pudôr do dia seguinte.

Não ha que corrigir, por meio da publicidade, ante a falta de brio dos estadistas que se julgam senhores e possuidores das nossas pessôas, dos nossos bens e do nosso trabalho. Não ha que criticar os factos que com o mesmo isochronismo se repetem dia a dia, hora a hora, deixando na consciencia popular a mesma impressão de repugnancia. Não ha que reclamar justiça, cumprimento de deveres, ou direitos individuaes e collectivos, neste regimen em que sobre a lei pesa o guante estúpido do arbitrio, que dictaduras inauditas sancionam.

A chronica politica nos dias que vâm correndo não pôde ser mais que um estendal de vergonhas, misérias e indignidades em que se vai afundando a caravella de todas as liberdades conquistadas.

Das duas uma: ou a consciencia pública desperta para as sublimes reivindicacões democraticas, ou regressamos aos tempos das refeições aos pórticos dos conventos e do império dos capitães-môres.

No parlamento não ha partidos. A oligarchia que governa o país é a mesma que põe em scena a comédia dos debates. Este facto de deprimentia constitucional está na consciencia pública, todos o sabem, todos o proclamam.

E a comédia continua! Ainda ha pouco na câmara dos pares, o chefe progressista, discutindo o bill, protestou contra os actos de dictadura que foram até a promulgacão de uma lei eleitoral, a base de toda a actividade politica, a principal engrenagem do nosso direito público — e contudo o partido progressista duplicou, jubilosamente, a sua representacão parlamentar, e lá a tem, no sanctuário das leis, como se fora limpa de mácula e filha da mais honesta das reformas!

Considera illegal os actos derivados dessa dictadura, mas os seus protestos não passam de tiradas oratórias, tal como os actores procedem nos palcos sob a direcção dos contra-regras.

O partido progressista!... Pois não viu o país como elle governou depois das célebres leis de salvacão pública, que ficaram na história com a denominaçãõ de *dictadura do medo*?

Lopo Vaz, João Franco, Marianno de Carvalho, e outros atiraram-se a todas as nossas liberdades, a todas as franquias populares com a áncia de exímios despotas, e quasi todas ellas se perderam.

Que fez, no governo, o partido progressista? Tudo! tudo sancionou desde a intendência do juiz Veiga, que

da opposiçãõ ameaçara de morte, até ás mais rudes perseguições por delicto de opinião!

O chamado partido liberal confundiu-se em processos e aspiracões com o conservador transformado, por sua vez, em partido de reacção politica para aquelle *engrandecimento do poder real* aconselhado por Oliveira Martins e começado a pôr em prática por Lopo Vaz, Carlos Valbom, e sócios.

Perante esse *engrandecimento* o partido progressista não passa de um cobarde, não vai além de um comediante.

A esse *engrandecimento* sacrificou todos os bons principios dos seus programmas, rasgando e maculando a sua bandeira!

O partido regenerador, ou antes, os comilões no farto banquete pago pelos réditos do thesouro, esse é o *executor da alta justiça*, funciona como a carrasco por prazer próprio, sempre prompto para todas as violências, para todos os crimes de lesa liberdade.

No momento presente não permite discussões parlamentares, nem jornalisticas, nem de qualquer ordem, sobre a gravissima penidência com os crédores externos.

O sr. Fuschini não consegue, sobre o assumpto, esclarecer o país da sua tribuna de deputado; ao sr. Dias Ferreira succede o mesmo.

O *Mundo*, corajoso collega, que honestamente e cheio de brio procura avisar o povo das traições dos governantes, acaba de ser assaltado pela policia que lhe inutilizou as chapas do jornal prestes a entrar no prelo. Os redactores dos jornaes de Evora acabam de ser intimados para não saírem a público sem o *visto* da intendência policial.

Mais um pouco e serám metidos nos porões dos navios todos quantos pretenderem fallar do accôrdo com os crédores externos! Santos immortaes a que tempos chegamos!!..

E o país dorme, e a comédia dos partidos constitucionaes continua!

Quando acabará tamanha vergonha?!..

E o que é a questãõ dos crédores externos?

Tentemos dizê-lo em synthese: Ha 10 annos que os governos não conseguem um empréstimo no estrangeiro, e o governo quer dinheiro.

Artificiosamente foi lançado na circulaçãõ muitas inscripções, emitidas á sombra de auctorisacões manhosas, e a fábrica de notas do Banco de Portugal trabalhou com a máxima velocidade. Por taes artes foi arranjanjo libras com grave prejuizo da economia do país, para fazer pagamentos no estrangeiro, mas essa fonte foi seccando, os juros da divida interna consolidada augmentam pavorosamente, e as notas, sem depósito de garantia, só têm o valor convencional que lhes damos para as nossas despensas da casa. Por outro lado a divida fluctuante caminha para 60.000 contos, os *déficits* augmentam progressiva e a-sustadoramente.

Os brasileiros ricos ainda compram inscripções, mas chegado o dia terrível nem os juros reduzidos poderám receber.

Em taes circunstancias urge arranjar dinheiro lá fóra, mas sem um arranjo com os crédores externos impossivel se torna qualquer empréstimo.

Que fazer em tal caso? Realizar o arranjo. Como?

Ninguém o diz das cadeiras do poder ou do parlamento; apenas periódicos estrangeiros nos informam ou insinuam, que temos um accôrdo ruinoso e deprimente dos brios nacionaes.

Ao mal estar que de ha annos nos afflige e preoccupa alguns homens que se dão ao estudo de problemas de administração pública, juntam se os receios inquietadores de que sobre a pátria venha a pesar a influencia tutelar de estrangeiros! Sobre o estado de decadência a que chegaram as finanças pesa a hypóthese de que será necessário hypothecar o patrimonio commum!

A isto nos conduziram os governos monarchicos, e elles continuam de accôrdo; continua a comédia das opposições partidárias no parlamento e nas gasetas.

Contra tudo isso, e em nome da honra nacional, só um accôrdo do povo com alguns estadistas e homens de governo que pela sua independência ainda se possam apurar.

E accôrdo para quê? Para acabar com a comédia dos partidos monarchicos; para acabar com a oligarchia que desde 1852 tem governado o nosso mal-fadado país.

E não ha que hesitar.

Ou isso, ou a sorte do Egypto. Feito esse accôrdo das boas consciencias portuguezas, necessário será pôr á margem os homens que nos arruinaram, e sobre o pouco que nos ficar levantaremos novo edificio de administração honesta, e economia rigorosa.

Então poderemos dizer aos crédores: — Pagaremos tudo por honra da pátria nossa!

E tudo pagaremos por que para tudo chegará o sacrificio de portuguezes.

Mas... regimen novo!..

O terror do relatório

Conhecemos o decantado relatório do sr. Madeira Pinto. E, por o conhecer, crêmos que todo o terror do governo por esse documento deriva simplesmente do facto de nelle se registrar, que a opinião dos homens estrangeiros mais importantes que se interessam por cousas portuguezas, é que devemos manter-nos no regimen de 93.

Não se comprehende que o governo faça tudo o que tem feito acêrca do relatório. Mas comprehende-se que elle tenha interesse em que uma tal opinião se não conheça.

Manifestamente, nós não podemos encontrar melhor regimen que o de 93.

Os crédores, depois de se terem conformado em receber um terço do juro, não estão certamente dispostos a receber menos.

Todo o convênio que se faça ha de importar maiores encargos.

Não se justifica, assim, o empenho do governo em chegar a um novo accôrdo com os crédores.

Não se justifica mas explica-se. Enquanto não se fizer um novo convênio, as praças extranjeiras estão fechadas para qualquer empréstimo portuguez — o que é um bem.

Mas esse bem do país é um mal para o governo, que quer dinheiro para a pândega.

Eis por que elle se esforça por obter um convênio, que não pôde deixar de ser peor que o regimen de 93.

A causa é essa.

Mas ao governo convém escondê-la.

Elle protesta por isso, que são os crédores que querem sair da lei de 93.

Mas esse protesto é uma refinada mentira, como o attesta o relatório do sr. Madeira Pinto.

Chronica politica

Publicamos hoje a primeira das *Chronicas politicas* com que nos honra o lúcido espirito dum dos nossos mais valiosos e prestantes correligionários. Não precisamos de as recommendar, por si se hám de impôr, tanto pelo rigôr da observacão, como pela sensatêz da sua doutrina e largueza das suas vistas.

O ministro das obras públicas acaba de ameaçar o país com uma enorme enxurrada de reformas.

E' o que se deprehe de a leitura de vários jornaes, que annunciam o caso, com uma cemerimônia, como se noticiassem uma coisa simples e sem gravame para o país.

Nem que o annúncio de novas reformas, não queira dizer que a bolça do contribuinte vai soffrer novo assalto, para occorrer aos augmentos de despensas, que as reformas feitas por mandôes avariados sempre trazem.

Que a afillhadagem rejubile, pois pelo visto vae ter farto jubileu de nomeações e proventos.

É fartar enquanto ha tempo...

Termos do convenio:

Consignação da receita das alfandegas do continente, insulares e colonias!

Fiscalisação das receitas pelos extranjeiros, por meio do *contrôle*!

Pagamento do juro da divida externa, em oiro á razão de 50% para o 3%, 4% e 4 1/2%!

As exigencias dos crédores externos — *contrôle* e *consignação de rendimentos* — são a condemnação dos governos da monarchia.

PROTESTO

A redacção da *Resistencia* protesta energicamente contra as inauditas violências, que em Lisboa se estão exercendo contra o nosso illustre collega *O Mundo*, por mandado do governo e executadas pela corregedoria.

Só um governo de doidos ou de traidores baixa a taes excessos, commettidos para com um jornal, que apenas pugna pelo bem e honra do país, combatendo o convênio que o governo quer fazer, contra as indicações da opinião pública e os interesses de todos nós.

Saiba o país que a imprensa independente e patriótica o governo se impõe pela força, visto que lhe falta justiça e auctoridade para o fazer dentro da lei.

Se o governo trair o país, a revolução não é um crime — é um direito, é um dever. A redacção deste jornal declara se solidaria com o *Mundo* e com todos aquelles que quiserem salvar a patria, que os governantes queiram deshonrar.

A'lerta, pois, contra as ciladas que se preparam na sombra.

ULTIMAS NOTICIAS

As ultimas noticias, fidedignas, recebidas de Lisboa, affirmam como certo que *está feito o convênio*! Está contractado **com encargos annuaes de perto de mil contos a mais e consignação de rendimentos do estado, não sabendo nós se só das alfandegas se doutros mais!**

Está consummada a traição do governo! Resta só que o país se pronuncie a tal respeito.

O convênio vai ser apresentado ao parlamento depois das férias da Páschoa; até lá conservar-se-há no extranjeiro o negociador do tratado, a fingir que este ainda não está concluido! Depois, de afogadilho, numa sessão, será convertido em lei, e o país lançado por elle na maior das abjecções!

Urge aproveitar o tempo, para obstar, *por todos os modos*, a que se consume a deshonra da nação!

540
15
200
540
540

CRÓNICA ALEGRE

Tenho andado receoso, a cus-tar-me a começar outra vez a escrever.

E' medo.

Os meus amigos estão a publicar coisas de arrepiar: andam sem sorte nenhuma; artigo, que escrevam, *não dá magem*, como diz espiritualmente El-Rei no seu calão de corte.

O Marcellino Mesquita fez fiasco em D. Maria com a *Sinhá*; o Gualdino teve nessa noite o último dito de espírito; o Fialho d'Almeida, a guardar porcos tristemente, numa terra feia do Alemtejo, acabou por onde começou o outro filho pródigo.

O Henrique de Vasconcellos, esse então anda de todo nas *No-vidades*, numa secção—*Poeira da semana*.

Diz que gosta de embriagar-se: *Ah sim! o alcool! Como elle illumina maravilhosas caras de fadas, cria karens, onde deusas perpassam num andar leve e musical, por toda a parte se vêem tremular bandeiras festivas, ha uma tal claridade na alma, que parece que nella a aurora raiou, renigora as mocidades, faz nascer flores, julgamos que das nossas bocças correm beijos!*

Mas o dia seguinte!

E' o estomago que salva a moralidade!

Feliz excepção, neste país, em que é ordinariamente o estomago que a faz perder.

Nessa mesma crónica, escreve, que não gosta de fallar com um amigo, que tem; porque elle lhe diz, sublinhando, *vergonhosas phrases que escandem*, e conta que, ao ir a uma entrevista em busca de uma senhora, elle o encontrára, e o agarrára para lhe dizer que lhe via no rosto como o florir dum beijo que se espera, e que se deixasse de mulheres, e que se embebedasse, e que furtasse dinheiro a uma viuva pobre, e fosse perdê-lo á batota, e terminára *Venha commigo... Não vá a essa entrevista*.

H. de Vasconcellos não foi com elle, e, no último número das *No-vidades*, escreve ás senhoras nobres de Paris, dizendo-lhes que deixem de se metter em política, e se perfumem, para lhe agradar, e resuscita as tam injustamente esquecidas *Flores d'Alma* de Thomás Ribeiro, murmurando num requiebro: *por vós combateremos, e a flor mais bella a flor mais pura das nossas almas será para enfeitar as vossas mãos*.

No *bulletin* de Saint Germain não se falla noutra coisa, e não ha duquesa que não queira conhecer o meu bom H. de Vasconcellos, urigueiro, forte, pequenino e bonito, como um soldado de caçadores.

Deu o mal nos mais sábios: J. Leite de Vasconcellos publica no último número d'*O Instituto* um retrato d'elle em verso.

Tal qual! Trinta e quatro versos, muitos mais do que gastou Camões para descrever tam indiscretamente Venus, a formosa.

E' o caso, que o sr. Leite de Vasconcellos, que é um illustre glottologo ou glottologista, como v. ex.^a quiserem, e melhor deva escrever-se, ao passar por Graz, se quis dar a conhecer ao dr. Schuchardt, a quem devia uma critica favoravel a *O dialecto mirandês*, opúsculo publicado ainda nos seus tempos d'estudante, e que, desde então, anda como os Lusitãos na mão de todo o bom português.

O livro foi publicado com o atrahente título de *O dialecto mirandês*, mas é tempo de corrigir o erro; porque, sendo o dialecto assim chamado por ser filho

de Miranda, deve ter o z patronimico, como eu me assigno Martinz e o meu amigo A. Augusto se assigna Gonçalves.

Muito tempo andamos enganados, mas, um dia, o nosso amigo dr. Vasconcellos pediu-nos para emmendarmos erro tam grosseiro, explicando nos que deviamos escrever assim; porque Gonçalves quer dizer filho de Gonçalo e Martins quer dizer filho de Martim.

Eu ia a protestar, mas o Gonçalves fez-me calar, gritando com uma grande convicção:

—Pois tem v. ex.^a razão, não me tinha lembrado!

Assignou, e estendeu-me a pena sem lhe tremer a mão.

Eu envergonhei-me de me não ter nunca lembrado tambem, e escrevi um Martinz em letra de phantasia.

Fiquei admirado da bellêza que uma simples mudança de letras dá ás coisas.

O z nervoso irradiava no meio, illuminando o nome, antes tam escuro, com o brilho, a nervosidade dum faísca eléctrica.

Percebia-se a electricidade numa vibração, puz-lhe a mão a tremer, antegosando o choque, e sujei os dedos de tinta.

As primeiras assignaturas minhas, que appareceram com o z, despertaram um movimento de inveja.

Por causa daquêlle z ia ficando mal com o Teixeira d'Abreu, o sr. dr. Laranjo começou a desconfiar commigo, e estive três meses sem fallar com o sr. conselheiro Bernardino Machado.

Coisas de Coimbra, em que as letras provocam movimentos desusados. Só o barulho que, ás véses, ha por causa dos AA e dos RR!

Eu andava contente: aquêlle z, no meio da assignatura, ligava magnificamente o Martinz, que é patronimico, como elles dizem, com o Teixeira de Carvalho que é...

E' verdade o que será o Teixeira de Carvalho na minha assignatura?

Hei de perguntar ao Vasconcellos.

Comquanto o pae do Gonçalves se chama António, e o meu tivesse dado, toda a vida, pelo nome de Joaquim, nós cá continuamos a assignar Gonçalves e Martinz; porque Gonçalves quer dizer filho de Gonçalo, e Martins quer dizer filho de Martim, o que nos não cansamos de repetir a toda a gente, e já sabemos dizer muito bem de cor.

Mas voltemos ao caso.

Leite de Vasconcellos dirigiu-se ao Dr. Schuchardt, que não é o fabricante de chocolate; mas sim o conhecido glottologo ou glottologista, como outros dizem, talvez com mais propriedade: escrevendo-lhe: *Wie soll ich Sie auf dem Bahnhof erkennen? Es reisen jetzt so viele Leute! Schicken Sie mir entweder Ihre Photographie oder geben Sie mir ein ganz bestimmtes Erkennungszeichen an!*

Nada mais claro!

Leite de Vasconcellos mandou-lhe então o tal retrato em verso que começa:

Estatura mediana. E, p'ra consôlo Da fuga do cabello, barba inteira, Encrespada em anéis, num negro rolo, Como silvestre matagal da Beira.

Sam naturezas: eu, por mais que deixe crescer a barba, não me consôlo da falta do cabello.

Talvez seja por a minha ser gualha. A barba preta enfeita muito mais.

Este começo lembra o retrato que de si fez o Bocage, num dia de vento:

Magro, d'olhos azues, carão moreno, Bem servido de pés, meião na altura.

Eu não conhecia Bocage, porque

desde pequeno, que mo não deixavam ler, mas o meu amigo Fausto Quadros revelou-me o soneto, e deu-me o volume, em que vinha, o que agradeço, tanto mais penhorado, que era o unico das obras do poeta que elle possuia.

Continua Leite de Vasconcellos.

Jamais sem *Sonnenschirm* tu me viras.

Eu então não! Questão d'habito: usa-se *Sonnenschirm*, ou não se usa *Sonnenschirm*.

E' questão de começar: um dia, pega-se no *Sonnenschirm*, traz-se no dia immediato, e nunca mais se pode largar o *Sonnenschirm*.

Pode ser mesmo um tic litterario usar *Sonnenschirm*: ha quem não possa escrever sem *Sonnenschirm*, como Boufon não escrevia sem punhos de renda.

Depois o *Sonnenschirm*...

Era capaz de estar a escrever assim até á manhã.

Que rica lingua a allemã! Faz accudir o pensamento, baba-se a gente de palavras.

Sonnenschirm! Que differença para a palavra prosaica, que traduz na nossa lingua o rico vocabulo germanico!

Que differença entre o nosso *guarda sol* e *Sonnenschirm!*

Porque é ao nosso guarda-sol que os Allemães chamam *Sonnenschirm*.

Guardei o *Sonnenschirm* para o fim por causa do gosto.

Para explicar a ida a Graz escrevi eruditamente:

Nascido na ribeira do Occidente, Das tradições da Lusitania herdeiro, Acharás, por ventura, surprehendente Que eu tenha um pouco o espirito via-geiro?

Não podia extranhar. Já Bocage no retrato que citamos, escrevera tambem:

Incapaz de assistir num só terreno

E' muito mais secco. Bocage sabia muito menos.

Leite de Vasconcellos recomenda a Suchardt, que, para o reconhecer na estação de Graz,

...ólha attento Pra onde mais te bater o coração

Não ha maneira mais sabia e elegante de indicar o lado esquerdo.

Quasi a terminar escreve:

num prenuncio certo De que co'o amigo em communhão está.

E' pena esta leve cacophonia em versos tam bonitos.

Anda tudo, tudo assim.

Ultimamente, o Arthur Leitão...

Decididamente tenho medo.

Ainda hoje me não decido a começar a escrever.

T. C.

A CHEIA

O Mondego mais uma vez saiu para fóra do seu leito, inundando os campos e povoações marginaes, causando avultados prejuizos.

Coimbra parece uma perfeita Veneza, áparte as bellezas que aqui faltam e sobram á formosa rainha do Adriático.

Parte das ruas da baixa da cidade estão inundadas, andando barcos a fazerem o serviço-entre os diferentes pontos occupados pela cheia.

Perto das dez horas attingiu o rio a sua maior altura, marcando 5.^a 75 acima do nivel ordinario.

A linha do caminho de ferro rompeu-se junto á azinhaga do Arnado, havendo as primeiras infiltrações na parte da linha que foi cortada pelas aguas ha dois annos.

Hoje apresentou-se o tempo

com melhor aspecto, cessando as chuvas torrencias que têm caído nos últimos dias.

Plas estradas ha muitas barreiras e muros caídos; na parte de Coimbra que está inundada os prejuizos sam importantes.

Coimbra, depois do Mondego voltar ao estado normal, deve ficar pestilencial, pois as aguas, que produziram as inundações, sam provenientes dos canos de exgoto, trazendo com ellas grande quantidade de podridões que por elles existem.

Se não forem completamente beneficiadas as casas e as ruas attingidas pela cheia, a saude publica soffrerá immenso.

Veremos quaes as providencias tomadas e depois fallaremos.

O que diz a mordaza

As violências que se estão exercendo contra a imprensa, sam a melhor prova do que o governo trama. O silencio dessa imprensa amordaçada á força é mais eloquente que todos os artigos que ella podesse publicar.

O que dizia essa imprensa, o que reclamava ella?

Isto:—que o país não admittisse um convénio, que deshonrasse e compromettesse o país.

Claramente, se o governo tencionasse apresentar um accordo, que representasse uma solução favoravel do assumpto, elle não tinha a arrear-se d'essa campanha.

O governo, com as suas violências, denuncia, pois, os seus criminosos planos.

O seu despotismo falla, accusando-o.

Estám doidos

Sabemos pormenores interessantes das violências exercidas contra *O Mundo* que, como se sabe, foi prohibido de circular sabbado e domingo. Chegam a parecer trechos de comédia.

Um exemplo:

Entre os artigos do *Mundo*, de sabbado, havia um artigo em que se dizia o que era o convénio Espregueiro. Na tarde de sabbado, a policia declarou que dêsse artigo não pôdia sair uma phrase pronunciada pelo sr. Fuschini numa sessão da câmara dos deputados.

Na primeira edição de domingo saiu o artigo sem a phrase.

A policia mandou então retirar este periodo, o último, de que primeiro não fazia caso:

«Julga o país o que isto quer dizer.»

Fêz-se segunda edição—com a subversiva phrase cortada.

Nova indicação da policia: para sair tambem o penúltimo periodo, êste:

«Dêsse documento ignóbil (convénio Espregueiro), que considerou como tal, o ministério Hintze faz hoje uma espécie de livro santo.»

Faz-se nova edição—com tal periodo cortado.

A policia vê a edição e declara que todo o artigo tem de ser eliminado.

Commentar para quê?

CORRESPONDÊNCIAS

Figueira, 23 de fevereiro.

Appareceu finalmente a classificação dos expositores que concorreram á exposição industrial e agricola dêste concelho, que esteve aberta durante os meses de verão. Esperaram mas arrecadaram.

Houve medalha que te parto, escapando apenas um ou outro expositor, por esquecimento, com certeza. As medalhas d'ouro então foram distribuidas (salvo seja) a rôdo. E assim, parece que ou ha por aqui muito ouro ou as nossas indústrias e agricolturas sam maravilha. Pois, nada d'isso.

A exposição, no meu humilimo parecer, foi manifestação interessantissima da nossa penúria industrial e agricola. Estava muito bem installada numa excellente casa.

E a comissão organisadora e installadora, que merece muitos elogios, viu coroado do melhor êxito, que se podia obter com os nossos elementos locais os seus esforços, que, todavia, não podiam fazer o milagre de fazer export indústrias que não existem.

A comissão fez tudo o que podia fazer e mais do que era de esperar e conseguiu, não obstante a opposição surda dos tolerados, fazer, como dissemos já, uma demonstração interessantissima da nossa penúria industrial e agricola; demonstração da nossa penúria, porque a verdade é que hoje pouco mais temos aqui do que a *indústria da exploração do banhista*, que não concorreu á exposição, mas que se concorresse, teria de receber da liberalidade excessiva e fácil dos classificadores apenas medalha de cobre, porque é muito mal feita; demonstração interessantissima porque—d'isto não ha dúvida—revelou excellentes apudões que se torna necessario desenvolver.

O que estava na exposição com valôr real, além da secção da actualmente próspera empresa exploradora das minas e indústrias do Cabo Mondego? A escola industrial com uma regular colleção de desenhos e dois discipulos—um o sr. Palha a apresentar muito bem uma industria nova nesta terra—a marcenaria—outro o sr. Alves, serralheiro. Havia tambem um bom trabalho de fundição, industria que tem tido alguma importancia e que infelizmente ultimamente tem es-do em fraca laboração e umas tentativas de productos para exportação, conservas, azeites, etc. dos srs. Ribeiro e Aguas e Francisco Maria d'Oliveira.

O resto, com poucas excepções, demonstrava, como dissemos, faculdades de trabalho, mas mais nada, por enquanto.

Oxalá se tire ensinamento dêste certamen e d'aqui a alguns annos outro se possa fazer com menos esforço, onde se possa constatar a existência de novas e florescentes indústrias. Oxalá que os poderes publicos, que desta vez e por habilidades da politica apenas trataram de ser desagradáveis á comissão da exposição, se convençam de que a Figueira merece uma escola industrial a valer, onde se possa aprender a trabalhar.

—A Junta Liberal da Figueira, requisitou á Associação das Escolas Móveis pelo Método João de Deus uma missão para esta cidade. A Associação das Escolas Móveis accedeu e ai temos ha um mês, na casa bizarramente cedida pela *Associação dos Caixeiros Figueirenses*, a missão, que dirigida pelo sr. Gonçalves Martins, o mais antigo professor da associação, que, com uma paciência e bondade inexcitáveis e com o auxilio de alguns cavalheiros e

principalmente do sr. António Ferreira de Freitas está ensinando perto de cem pessoas que dentro de pouco tempo têm aprendido, graças ao excellento método, a ler e a escrever com muita facilidade. A Figueira é, naturalmente, a freguesia do concelho onde ha proporcionalmente menos analphabetos, mas ainda, infelizmente, pôde dar que fazer a muitas missões.

—O nosso conterrâneo sr. José Santhiago, proprietário da importante quinta do Canal, aproveitou a cheia e foi a Coimbra no seu vaporsinho Carlos, que foi construído nesta cidade.

—Anda por essas praças e ruas a terrível poda municipal, creatura estúpida e inexorável que mutila barbaramente as pobres árvores para depois dizer que não se desenvolvem por causa do ar do mar.

Eu queria que me explicassem como pôde desenvolver-se uma árvore rodada annualmente!

Nas ruas onde não ha espaço para a arborisação, não ponham árvores, mas onde ellas podem desenvolver-se, deviam deixá-las tomar o natural desenvolvimento apenas modificado ligeiramente por uma poda educativa. Com as podas que andam a fazer e que eu ainda hoje vi no adro da igreja, as árvores de sombra poderiam dar aboboras como as cabeças de quem as manda fazer. Na Praça Nova, certamente por intervenção do presidente da câmara, a poda não foi tão bárbara como dos outros annos, mas ainda foi péssima.

—A câmara resolveu restituir ás ruas os seus antigos nomes. Acho bem.

Eu entendo que uma rua nunca deve mudar o nome, para ao menos não acontecer como aqui tem acontecido: ninguem saber os nomes das ruas, porque a política, ou o que diabo é, lhes anda sempre a mudar o nome.

Arranjem ruas novas para honrar os nomes dos seus amigos e compadres, se não estiverem para a massada de lhes pôr os nomes de varões illustres.

E por hoje basta, que já vai longa esta. A.

Villa de Pereira. 19-2-1902

Têm-se dado nesta villa casos fataes de meningite cerebro-espinhal, e a falta de médico faz-se sentir.

As febres têm grassado com muita intensidade, havendo casas

em que todos os habitantes foram atacados.

O médico raras vezes apparece, e, quando vem, é de fugida.

A' câmara compete providenciar; mas, por mais que se diga, nada ouve...

São coisas da politica e deu-nos como o mal nas batatas.

—Houve ontem um lauto jantar em casa do digno prior desta freguesia, rev.º Damazo Nápoles. Assistiram alguns cavalheiros desta villa e de outras. Lembra nos ter visto os srs. padre Caetano Abreu, José Raposo, Guilherme Silveira, João Mello e Sousa e Carlos Abreu.

—Esteve aqui, de visita ao proprietário sr. Silverio de Carvalho, o nosso amigo sr. Custodio Martins Vidigal.

—A cheia abaixou; estando os campos quasi descobertos.

VICTOR HUGO

Passou ontem, 26, o centenário do nascimento de Victor Hugo, o poeta immortal, que domina do alto do seu pedestal glorioso todo o seculo passado. Cérebro protentoso, só por si fará ecoar o nome da França por todos os séculos fóra, e a sua obra grandiosa ficará monumento eterno de glória e honra da Humanidade.

Muito importante

Fomos informados por um nosso dedicado e prestimoso amigo, que as deligências que saem de diversas villas deste districto para esta cidade e vice-versa, transportando passageiros, vâm suspender as suas carreiras, devido ao grande augmento das avencas que lhes foram exigidas pela fiscalisação do sello.

De Cantanhede, por exemplo, havia uma deligencia, que transportava passageiros, por um preço muitomódico, devido á concurrencia do caminho de ferro. Essa deligencia era tam util para o commercio desta cidade como para o de Cantanhede, pois sabemos que foi suspensa na terça-feira, porque exigiram ao seu proprietário 400000 réis do imposto de sello dos bilhetes de passageiros, durante o corrente anno, quando nos annos anteriores pagava apenas 140000, o que já era um prejuizo para o proprietário.

O que deixamos dito fica com vista ao commercio desta cidade e das povoações que vâm ficar sem communicações regulares com a capital do districto.

de Fayolles. Pensei que devia ceder ás instâncias de Villy.

—Os Villy sam de fraca nobrêsa, penso eu? perguntou ainda M.^{lle} de Richaux.

—Nobrêsa de Luis XV, disse sentenciosamente Aurelia; mas pelo lado das mulheres, excellente raça; pertencem aos d'Argouges, e estam ligados aos d'Harsonville, e estam ligados aos d'Argouges.

—Ah! Muito bem... mas não tem medo de que M.^{lle} Croizy arrange fóra daqui idéias mundanas que a aflastem do estado religioso a que a destina?

—Nem um momento! A familia de Villy é, creio eu, patriarcal e as senhoras todas conhecem a ingenuidade de Alice; não será ella que desviará nossa filha do caminho para que é levada, não só pelos mais sábios conselhos, como também pela necessidade.

—Pobre menina! murmurou M.^{lle} de Virville, sacudindo num meneio de cabeça os aneis de neve do seu cabelo, debaixo da rouchê branca da sua touca.

—Ah! Minha senhora, replicou a implacavel Aurelia, bem sabe como eu que nobrêsa obriga. Ha tantas senhoras nobres que, não tendo fortuna, se acham em embaraços por ter contrahido uma

De visita

Esteve na quarta feira nesta cidade, o nosso dedicado correligionário e amigo sr. Manuel Francisco Paes, dignissimo presidente da Comissão Municipal Republicana de Cantanhede.

O governo já não mantém as declarações que fazia—de não admitir controle nem consignação do rendimento das alfandegas para base do convento.

PUBLICAÇÕES

Os Amores de Margarida de Borgonha por—H. Demesse—Antiga Casa Bertrand—José Bastos—Lisboa.

Romance de grande tomo, em edição popular illustrada. Baseado nos moldes que fizeram o nome de Montepins a Richebourg, é romance de prender as atenções pelo complicado da trama e violencia das situações apaixonadas. Está publicada a 9.ª caderneta.

Mulheres Perdidas—por Alfredo Gallis—Lisboa—Gomes de Carvalho, editor—1902—

Acabámos de receber do considerado editor sr. Gomes de Carvalho o recente volume de Alfredo Gallis que noticiámos, subordinado, como outros anteriores, á denominação genérica de—*Tuberculose social*, serie de estudos sobre a decadencia e corrupção social em que vivemos, nos quaes o seu auctor, com um fim de regeneração, procura analysar esse estado de abatimento e degenerescencia a que muito bem chama—*tuberculose social*.

Vamos ler o livro que, percorrido de relance, revela apreciaveis qualidades de analyta da vida portugueza, e, pelo pouco que delle já conhecemos, o recomendamos.

Paulo Mantegazza—O amor dos homens—Lisboa—Livraria editora de Tavares Cardoso & Irmão 1901—

Só agora podemos noticiar a apparecimento deste curioso e interessante livro, devido ao talento incontestavel dum dos homens de sciencia italianos que mais se têm distinguido pelos seus trabalhos de profunda investigação, dos quaes os senhores Tavares Cardoso & Irmão já têm editado alguns dos melhores, como o *Problema do Casamento* e a *Physiologia da Mulher*.

O que hoje noticiamos é de alta importancia sob o ponto de vista ethnographico e até sociológico, e por elle o seu auctor dá a conhecer diversas facetas da mais intensa vida humana nas diferentes racas, merecê das suas esca-recidas e eruditas observações pessoais

alliança nobre, que não poderiamos regularmente voltar-nos para esse lado. Resta o pôvo, que gosta dos dotes grandes, e onde eu não deixaria esconder o nome de Croizy. O casamento é, por isso, impossivel, ou pelo menos improvavel. E então, o que encontra uma menina no celibato?

Uma situação dependente, visinha da servidão. Mestreira, ou dama de companhia, tem, alem de sofrer humilhações, evitar ou vencer a seducção. Que lhe dá, pelo contrario o convento? A paz, a veneração, a conservação da dignidade do seu nome, e uma vida espiritual fecunda para a eternidade. Já vê que não é muito para lastimar.

—Não, sem dúvida, disse Carolina de Fayolles, que tinha sido tirada da sua indiferença por o olhar da irmã.

—A senhora falla bem, replicou a velha M.^{lle} de Virville, com uma ponta de ironia, e o seu raciocinio parece inatacavel sob certo ponto de vista social, mas, accrescentou docemente, nem todos os temperamentos sam eguaes, nem todos sam feitos para as duras privações da vida monástica.

—Deixe-me responder-lhe, disse M.^{lle} de Richaux na sua voz de

em numerosas e extensas viagens por todo o mundo. Este livro é ainda digno de notar-se pela pureza da traducção, em que se entrevê a personalidade dalgum distincto homem de letras, ao mesmo tempo cultor entusiasta da lingua portugueza.

Associação de soccorros mutuos

MONTE-PIO CONIMBRICENSE

Martins de Carvalho

AVISO

As contas da receita e despêsa da gerencia de 1901, estão patentes, para serem examinadas, peios socios, das 8 ás 9 horas da noite, no escriptorio do Monte Pio, desde o dia 24 de fevereiro a 10 de março de 1902.

O secretario da direcção,

Alberto Vianna.

PAULO MANTEGAZZA

O AMOR DOS HOMENS

Ensaio d'uma ethnologia d'amor

Traducção do italiano

LISBOA

LIVRARIA EDITORA

DE

Tavares Cardoso & Irmão

5, Largo do Camões, 6

OS AMORES

DE

Margarida de Borgonha

POR

H. DEMESSE

Lisboa

Antiga Casa Bertrand—José Bastos

75—Rua Garret—75

AVENTURAS PARISIENSES

14.º

A mancha da familia

POR

Pierre Salles

LISBOA

Antiga Casa Bertrand

de José Bastos

Cada volume illustrado, 200 réis

contralto, com uma reflexão que me parece muito justa: a sociedade tem também vigllias e a maternidade, por exemplo, exige uma saúde robusta.

M.^{lle} de Virville olhou para M.^{lle} Richaux com um ar que significava:

—A senhora não quer comprehender-me.

Mas as Fayolles, Aricia e até Quoniam tinham exclamado com tal unisono: «É verdade!», que a amavel senhora não explicou o fundo do seu pensamento senão com um sorriso, que seria uma revelação para um observador.

M.^{lle} Monfort dirigiu-se a Aurelia e disse-lhe, córando:

—Ha um caso, que talvez lhe esquecesse: o de um homem independente, rico e com um nome igual ao de M.^{lle} de Croizy, offerer a mão a Herminia, que, só pela belleza, sem fallar nas qualidades de espirito, é, certamente, digna dessa homenagem.

—Ora ai está o que é bem possivel, insinuou M.^{lle} de Virville, encantada por tomar a desforra naquelle ponto.

—Ah! Minha cara menina, respondeu Aurelia a M.^{lle} de Monfort, bem se vê que é excepcionalmente feliz. Já não estamos

ANNUNCIOS

Escola Nacional de Agricultura

Pela Direcção d'esta Escola se faz público que, no domingo 9 de Março, proximo, pelas 11 horas da manhã, na secretaria da mesma Escola e perante o director, ha de ter logar a arrematação dos géneros abaixo declarados, sob os preços minimos indicados, sendo entregues a quem mais der, convindo o preço offerecido.

As importancias totaes deverám ser pagas desde logo e retirados os couros e animaes no mesmo dia, podendo a laranja, o vinho e azeite serem retirados até ao fim do referido mês.

Podem desde já ser examinados em todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Laranja, no talhão n.º 6, avaliada em 150000 réis.

1:480 litros de vinho tinto, avaliado a 25 réis o litro.

1:850 litros de vinho branco avaliado em 22,5 réis o litro.

385 litros de azeite avaliado a 160 réis o litro.

14 couros salgados avaliados em 300000 réis.

1 vacca (infecunda) avaliada em 450000 réis.

1 vitella avaliada em 140000 réis.

Escola Nacional de Agricultura, 19 de Fevereiro de 1902.

O Director,

Antonio Augusto Baptista.

Annuncio

Nos dias e horas abaixo designados e perante a Direcção da Penitenciaría de Coimbra, ha de ser arrematado em hasta publica e por licitação verbal, o fornecimento dos objectos, que não foram arrematados nos dias 13 e 14 de janeiro (géneros alimentícios e materias primas para a officina de carpinteiro) e que vâm novamente á praça respectivamente nos dias 10 e 11 de março pelas 11 horas da manhã.

As condições estão patentes na secretaria da mesma Penitenciaría.

Secretaria da Penitenciaría Central de Coimbra, 26 de fevereiro de 1902.

O Sub-Director

João de Menezes Parreira.

nos tempos dos romances de cavallaria, e, se essa illusão existisse no espirito de Hortência, seria a peor das loucuras.

E M.^{lle} de Fayolles suspirou bem alto, menos pela saudade que lhe deixara essa illusão, do que pela ferida que innocentemente lhe fizera M.^{lle} de Monfort.

A pobre Quoniam, ordinariamente tam prudente, não poude conter-se:

—Nós temos visto dessas inclinações.

—A senhora viu? interrompeu seccamente Aurelia. Quem não ha de acreditar, accrescentou, estalando a rir, que a senhora teve de deitar ao chão, para chegar ao convento, todos os cavalleiros a seus pés?

—Oh! bem sabe que não fallo por mim, apressou se a responder humildemente a velha senhora. Não sou feita, como toda a gente e principalmente como mademoiselle de Croizy.

Carolina de Fayolles tinha-se levantado lentamente da cadeira, e olhando discretamente a irmã disse:

—Tem havido meninas mais espirotuosas e tam seductoras como nossa prima que nunca tiveram fortuna igual. (Continua)

(3) Folhetim da "RESISTENCIA",

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO CONVENTO

II

Alice de Villy, a alumna mais timida do convento, naturêsa duma bondade e duma delicadeza infinita, tinha ousado protestar ao mesmo tempo que Herminia. Esta circumstância simples avivara uma sympathia mútua e fizera nascer em breve uma dessas amizades que parecem dever resistir a tudo no futuro.

Ao chá, tratara-se preciamente da partida de M.^{lle} de Croizy para o castello de Villy, aonde Alice, que acabava também de terminar os estudos, lhe tinha pedido que fosse passar as férias.

—Está então combinado que a nossa Herminia nos vae deixar? perguntou M.^{lle} de Richaux.

Oh! Um mês, ou mês e meio, quando muito, respondeu Aurelia

FACTURASe envelopes
Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra**Espingardas**

De fogo central e de carregar pela bôcca. Vendem-se com grande abatimento.

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da FozEsta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, **Juntados Casinos e a dois passos da praia de banhos**, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis**.O proprietário,
José Maria Junior.**Máquinas de costura MEMORIA**

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUEParticipa aos seus ex.ºs freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máquinas — **Memória** — a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máquina de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tão acreditadas máquinas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão-se todas as explicações e aceitam-se máquinas em troca.

Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de armures pretas, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.**Dôces de fructa** de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sécco, como crystalizados, a rivalisar com os estrangeiros.**Pastelaria** em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.**Pudings Gelados**, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.**Pão de ló** pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.**Conservas** nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.**Deposito** dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.**SILVA & FILHO**

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

Fábrica manual de calçado e tamancos

e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO**RESISTENCIA****CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA**

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 25700
Semestre..... 12350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400
Semestre..... 12200
Trimestre..... 600**Avulso 40 réis****ANNUNCIOS**

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50%.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de **PARA-RAIOS** e **CAMPAINHAS ELECTRICAS** pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa. Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.Fornece pelos preços do catálogo **COFRES A PROVA DE FOGO** da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de serralleiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer naturêsa.

CASA INNOCENCIA**CONFITARIA E MERCEARIA**

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)

Fábrica

VENDAS POR GROSSO E A RETALHOEm breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de *Confitaria e Conservaria*, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir. Nesta casa encontram-se vários artigos de *Mercearia*, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e acção na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

REDUÇÃO DE PREÇOS**Estabelecimento de João Gomes Moreira**

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em **ferragens e materiaes de construção** como em **cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mesa**, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.As condições em que faz todas as suas **compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas**, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.**OFFICINA TYPOGRAPHICA**

Proprietario — MANUEL DOS REIS GOMES

7 — RUA MARTINS DE CARVALHO — 9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e envelopes.

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

PECHINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e telpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços exceptionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cosinha e mēza de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra.

RESISTENCIA

Editor

Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica

Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 678

COIMBRA — Domingo, 2 de Março de 1902

8.º ANNO

O ÚLTIMO CRIME

O convénio está feito.

O governo de confessos bandidos, — que, contra a lei fundamental da nação, amordaça a imprensa independente, afim de que o seu grito honesto não desperte este povo adormecido; que augmenta as guardas pretorianas, aptas a esmagar todos aquelles que pretendam impedir a sua obra nefasta de corrupção e de roubo; — acaba de sellar a venda da Pátria, a perda da sua autonomia, da sua independência e da sua honra, com o cynismo habitual de bandoleiros impunes, com o impudor inherente a traficantes sem responsabilidades.

A consignação da receita das alfandegas do continente, insulares e colonias, e a fiscalização das receitas pelos extrajueiros, por meio do "contrôle", são, entre outras clausulas vexatórias e infamantes, a perda completa da nacionalidade portuguesa, arruinada nas suas diversas fontes de riqueza pública, indústria, agricultura, commercio — tudo!

A oligarchia que domina importa apenas conseguir dinheiro, que o regimen ha de devorar na sua orgia constante, sejam quaes forem os males derimentes para o pobre povo, esmagado por tributos, torturado pela fome.

Pois bem, urge que o Povo, o eterno explorado, evite a ruína que se prepara, e, abatendo os judas do poder, conjure o perigo que nos ameaça.

A hora é decisiva. Ou lutar e vencer, ou nos deixamos amortallar, ignominiosamente, pela turba esfaimada dos partidários desse governo miseravel.

Sim! Dentro de poucos dias o convénio será apresentado ao parlamento, onde uma maioria ignara de famintos o saudará com palmas, e uma minoria de cúmplices o atacará *pro-forma*.

Depois será tarde...

Uma patria a menos, e a monarchia terá perpetrado o seu último crime, se porventura o Povo, numa hora legitima de cândido ódio, não arrancar as pedras das calçadas com que santamente ha de correr a cáfila de corruptos,

que o pretende esmagar — vexando. Demais abusou já o regimen. Tem-nos arrancado a pelle com impostos, e quer ainda assassinar-nos.

A paciência do Povo, no seu soffrimento calado, deu-lhe alento para tentar a última affronta.

Consentir-se-ha?

Não. Se ha espingardas nesta terra chegou o momento de as carregar para intervir efficazmente.

Declaração

O nosso illustre collega de Lisboa — *O Mundo*, insere na sua primeira página a seguinte declaração:

Este jornal encontra-se amordaçado á ordem do governo, que lhe não permite fallar da questão dos credores, que todos os cidadãos portuguezes deviam ter o direito de discutir livremente.

Amordaça-se a imprensa independente, para que o povo não tenha conhecimento da infâmia que se prepara, e o governo possa deshonrar e expoliar o país, livremente, sem que falle a praça pública.

E' isto que se depreheende do procedimento cynico e despótico de um governo sem patriotismo.

Veja o país

O Dia, fôlha monarchica, redigida por um ministro da corôa, diz o seguinte:

«Positivamente, vamos ao fundo: e vamos com infâmia e deshonra.

E' a isto que nos arrasta o actual governo!»

Quando um cúmplice se expressa assim, é que ainda são mais medonhos do que se julga os termos em que o governo da monarchia vai fazer o convénio com o extranjeiro.

A Carta Constitucional da monarchia portugueza, em vigor, estatue — **que todos os cidadãos portuguezes são obrigados a pegar em armas, afim de defender o país dos inimigos externos e internos.**

E só inimigos da nação, é que podem pactuar com estranjeiros, consignando-lhe os rendimentos publicos, por meio de fiscalisação exercida por elles.

Que o país se prepare para cumprir as disposições da Carta Constitucional.

Os partidos do governo têm feito uma administração deshonesta, motivo por que nelles não confiam os credores externos.

GRÉVES

Estám-se repetindo por vários pontos do velho e novo mundo as luctas entre operarios e patrões, entre explorados e exploradores, conforme o dizer do operariado.

As perturbações produzidas pelas gréves são enormes e deixam fundos vestígios, muitas vezes difficeis de attenuar, quanto mais de apagar de todo.

E' por isso que o operariado, a seguir a uma gréve, quasi sempre soffre males enormes, de que são principaes victimas as suas familias.

Não queremos com isto dizer, que somos em absoluto contrários ás gréves e que ellas não têmham razão de ser.

Sim, as gréves, na maioria das vezes, são o exercicio pleno dum direito — a defesa, da parte da população trabalhadora, contra os grandes industriaes e argentários. Mas, com magoa o dizemos, quasi sempre enfermam dum mal curavel, mas que produz resultados funestos, para os grévistas, pois ficam esmagados, mercê da falta de organização e instrucção do elemento trabalhador, apezar da justiça das suas reclamações.

Como podem ter justo deferimento as reclamações do operariado, feita por meio das gréves, por não terem sido attendidos os pedidos feitos em termos ordeiros e moderados, se na sua quasi totalidade os que trabalham e produzem, não sabem quaes são os seus deveres e força, visto que desconhecem até onde chegam os seus direitos, até onde podem e devem levar as suas aspirações?

E mesmo o peor inimigo de que enferma o proletariado, é a desorientação em que os discólos e pescadores de aguas turvas os fazem cair, apresentando-lhe miragens irrealisaveis por enquanto, visto que, repentinamente, dum salto, não se podem galgar todos os degraus da escada social, (permitta-se-nos a expressão) para se chegar ao cimo, onde estão os meios necessários para os direitos, deveres e aspirações das classes trabalhadoras, poderem ser cabalmente satisfeitos e completamente postos em prática.

Para uma clara explicação, comparemos as ideias, as formas de governo, a uma escada, como acima dizemos, da qual o primeiro degrau será formado pelo absolutismo, pelos ideaes fundados no posso, quero e mando; o segundo pelos pseudo governos monarchicos constitucionaes, que quasi sempre são um absolutismo disfarçado; o terceiro pelas monarchias electivas, em que os povos escolhem um *senhor* que os governe enquanto viver; o quarto pelo governo democratico, e os outros pelas diferentes formas republicanas, mais radicaes umas que outras, até se chegar ao cimo, onde existam, em toda a sua pureza, os principios socialistas e por último os communistas.

Será possivel aos povos, na sua maioria faltos de instrucção e da força que só a associação lhes pôde dar, subirem só com

um impulso, toda a escada social, que deixamos indicada, sendo o impulso dado nos primeiros degraus, em que nos encontramos presentemente?

Certamente que não, e todos aquelles que pretenderem incutir outras ideias no animo dos que trabalham e produzem, — são seus inimigos, não podem querer o seu bem estar.

Vem isto a propósito do afastamento systematico dos chamados socialistas, dos partidos avançados, demonstrando um egoismo que muito os prejudica, pois faz com que nas collisões mais ou menos sangrentas que têm com os que exploram o seu trabalho, se vejam sós, desajudados daquelles de quem se afastam e que tanto os podiam auxiliar.

Dissemos que o operariado é egoista, e repetimo-lo, porque é a verdade, pois não se tem elle afastado pouco a pouco do partido republicano, guerreando o por vezes incarnicadamente, cuidando apenas só de si, sem se importar com o bem estar geral, quando é certo que só depois da republica é que poderá vir o socialismo e portanto a satisfação das suas aspirações?

Por taes motivos é que as monarchias, por meio de agentes assalariados, tratam de estabelecer rivalidades entre os aliados naturaes republicanos e socialistas, dividindo para dominar, acirrando ódios para se poderem locupletar á custa dos que trabalham.

E é por isso que as gréves, embora muitissimas vezes sejam justas, cáem, arrastando consigo os que as fazem, produzindo só victimas, em logar da satisfação de justas reclamações!

Para prova do que avançamos, haja visto o que está succedendo em Barcelona, onde se organisou e executou uma gréve monstro e onde nada de bom os operarios conseguiram, apezar da sua tenacidade e justiça da sua causa, contando-se as victimas ás centenas, bem como os encarcerados.

E' que a gréve estalou num meio onde não pôde manter-se, sendo-lhe imposta a força, tanta vez inconsciente, do militarismo, como satisfação ás suas reclamações.

Em Espanha dá-se o mesmo que entre nós, querendo o povo trabalhador formar uma especie de mundo á parte, conquistar todas as regalias, que só uma sociedade em grau adiantado de civilização lhe pôde dar, não tratando de ir ajudando a desbravar o terreno aquelles que a isso se devotam para que a revolução evolutiva e de ideaes puros se faça, afim de que o seu campo de acção se vá alargando e os horizontes se rasguem a soluções cada vez mais liberaes e justas.

Como é que o povo trabalhador quer, em regimens retrógados e desmoralisadores, ir se emancipando, se, em taes meios, até as aspirações mais tacañas não se podem levar a effeito?

Com greves?

Não, que todas as classes se unirão para os esmagar, enquanto aos operarios lhes faltarem instruções e força associativa, come-

çando por aquelles que querem os verdadeiros principios republicanos.

Pois se as gréves, feitas sem verdadeira orientação, só resultam contraproducentes produzem.

Portanto, se o povo trabalhador se quer aproximar da realização das suas justas aspirações, não se isole; una-se aos partidos democraticos, auxiliando-os a conquistarem o poder e terám realizado uma obra benéfica para a sociedade em geral e para os seus em particular.

Se assim não fizerem; os males de que soffrem, agravar-se-hão em vez de diminuir, por maiores esforços que façam, e a sua situação nunca melhorará em regimens retrógados e draconeanos.

E depois só de si terám que queixar-se.

A consignação do rendimento das alfandegas ao serviço da dívida externa e sacrificar aos extrajueiros a nossa autonomia.

Propostas de fazenda

Já foram apresentadas na câmara baixa, pelo respectivo ministro, as propostas de fazenda, que não representam mais que um novo assalto á bolça do contribuinte.

São quatro: contribuição industrial, real de agua, pautas e drawbak.

Na contribuição industrial é alargado o systema das licenças, sendo tambem por meio de licença a contribuição do real de agua.

O governo, nas pautas, fica autorizado a elevar as taxas, para fins escuros que ainda não se descobrem.

O relatório, que precede as propostas de fazenda, é um amontuado de trapalhices, tendentes a fazer acreditar aos ingenuos que a situação do thesouro não é desesperada.

Espertos para a pouca vergonha, são elles, os homens da pública governação, mas o peor é que ha quem lhe descubra as artimanhas, e os exponha em público taes quaes são: uns histriões de feira.

Nos arraiaes regeneradores vae uma celeuma enorme, por causa do preenchimento da vaga de conselheiro de estado, que se deu pelo fallecimento do distincto almirante Baptista de Andrade.

O irrevogavel Arroyo, *leader* da maioria na chamada camara electiva, impõe se, e quer ser o preferido; outros triumphos hietaceos movem uma intriga diabolica para obterem a appetecida honraria; o general Queiroz, chefe da casa militar de D. Carlos, é, porem, o mais cotado na imunda bolsa da politica.

Estava ainda insepolto o cadaver do glorioso marinheiro, e já a intrighada fervia, para se apoderarem da herança do extinto.

Parecem uns cães famintos a quem um osso appetecido põe em confusão.

Como tudo isto é baixo e repellente!...

CHRÓNICA

«O' vós, sábios da sciencia alta e profunda, que tendes meditado e que sabeis onde, quando e como tudo se une na natureza, dizei-me porque e para que são todos estes amôres, todos estes beijos; sim, dizei-m'o, ó conhecedores sublimes, ó sábios!»

Isto é com o sr. José d'Arruella — e vem no nosso collega *O Liberal*, desta cidade.

O sr. Arruella é, como toda a gente sabe, um poeta lírico — quando não é um poeta épico.

Como poeta lírico, escreveu os *Contrastes*.

Este livro, que começa por ter uma capa amarella, occupa-se, como o seu titulo indica, d'assumptos aureo-legaes; e, assim como a *Salambô* é uma joalharia em prosa, os *Contrastes* são uma ourivesaria em verso.

Além do que, é o volume illustrado com a certidão d'idade do auctor, e com algumas notas biographicas do celebre toureiro Montes.

Trata-se, como se vê, duma obra indispensavel a todas as donas de casa, aos negociantes d'ouro, por junto e a retalho, bem como aos artistas tauromachicos e amadores de tauromachia.

Como poeta épico, o sr. Arruella tem as *Convulsões da Pátria*.

E' sabido que a epopeia portugueza estava feita pelo sr. Luís de Camões até ao reinado D. Sebastião, e d'ahi, pelo sr. Thomás Ribeiro, até ao findar do ominoso jugo.

O sr. José d'Arruella pegou-lhe na altura em que repicavam os sinos das cathedraes, meteu, por uma logica associação de ideias, o sr. Padre Ramalho mais o sacristão da Misericordia a cavarem a ruina do país — e fez o que faltava.

Quando se viu, pois, assim interpellado *ex-abrupto* por Burger, mediante *Mario Tullio*, o sr. Arruella ficou um tudo nada arrelampado.

A sua linha correctiva de gentil-homem perdeu-se um pouco.

Depois travou da pena:

«Oh! estes amôres!... Oh! estes beijos!...»

Depois parou. Depois torceu-se. Depois tomou outro papel e recommçou:

«Oh! estes amôres!... Oh! estes beijos!...»

E enclavinhou os dedos. E arrepellou-se.

De subito, todo o seu ser vibrou. Como dum só traço, a sua pena irrompeu pela asperza do papel:

«Oh! estes amôres!... Oh! estes beijos!... Oh! o anciar universal pela Propagação da Especie!»

Tinha encontrado a phrase a caracteristica phrase do sr. José d'Arruella!

Porta-Ferreá é um periódico illustrado, órgão do primeiro anno de Direito, inventado expressamente com o fim d'alliviar — para regalo do corpo e satisfação da alma — paixões.

O programma do jornal, o qual por esquecimento lamentavel não saiu no primeiro numero, vêm inserto neste numero dois, que temos em frente e á vista. Reporta-se aos *Lusiadas* e ás *Colunas de Hercules*, e tudo é jurar e rejarar que hám de pôr á luz do dia os deboches dos homens.

Porco e feio intento, se tomarmos a expressão no seu rigoroso sentido. Mas parece que não. Os *deboches dos homens* que elles vêem pôr á luz do dia, não é mais nem menos do que o deboche em estylo figurado, sem prosa dos redactores.

Sob o grave e circumspecto titulo — *O jornal* — estatela-se nos por quasi três columnas da gazeta todo o extracto duma lição d'urso, dita na aula de Direito Natural e Philosophia do Direito; mais além, é uma chistosissima carta do amigo Augusto — que, aqui entre nós, é o que se pôde chamar um reinadio.

Ora a coisa assume proporções assustadoras no artigo — *Confrontos* — onde se trata d'insultar a respeitavel sr.ª D. I., muito da nossa especial consideração.

Estes *Confrontos* vêm a ser descendentes próximos dos *Contrastes* do sr. José d'Arruella — mas descendentes espúrios, porque o sr. Arruella é um homem de sociedade.

O confronto a que os *Confrontos* se referem, é estabelecido entre o coração da sr.ª D. I., e os albergues, pequenas casas, hospedarias lhes chamamos nós. Como se vê, esta synonymia é irreprehensivel. Dizer albergues, pequenas casas ou hospedarias lhes chamamos nós, é dizer a mesmíssima coisa com aquella opulência de terminologia que caracteriza o sr. Hintze Ribeiro, mais o esclarecido auctor dos *Confrontos*.

Assim como, nos albergues, pequenas casas, hospedarias lhes chamamos nós, e no silêncio dum cubiculo fétido e nauseabundo, sobre uma enxerga já velha, o brilhante jornalista costuma recordar doces illusões da sua mocidade, diz que queria igualmente rememorar coisas a sós com a sr.ª D. I. Ora aqui torce ella o rabo. Porque lá a enxerga velha ainda appareceria. O cubiculo mesmo, estou que sempre se aranjava. Agora, se o auctor ama verdadeiramente com todas as véras da sua alma, como diabo havia de descobrir o cheiro fétido e nauseabundo ao pé da sr.ª D. I., que não lhe deve cheirar senão a agua de rosas?

Verdade é que o prosador, de pois, modera-se — e apenas deseja receber da sua amada a retribuição das suas caricias, tal como recebe a magra ceia na classica toalha, cheia de nodos de vinho, que alguém na soffreguidão de beber deixára cair.

Como se vê, o auctor dos *Confrontos* é o que vulgarmente se chama um *bom serás*; e, ainda que a sr.ª D. I. apresentasse a sua nodoasita, que alguém deixasse cair na soffreguidão de beber, elle encolhia os hombros, abria os braços, e exclamava constrictamente:

— Ora seja tudo em paga dos nossos peccados!

Pois nem assim o quizeram! Lá se declara que a sr.ª D. I. mudou de dono. E, exactamente como, ao passar hoje por um dos taes albergues, pequenas casas, hospedarias lhes chamamos nós, exclama, segundo confessa, com lagrimas agridões:

Ali já eu almooei quando vinha para férias, ou ali já eu jantei com um amigo meu,

o jornalista, agora, quando passa pela sr.ª D. I., murmura, cheia de desespero a sua alma:

— Ai de mim! Ali já eu trinquei duas com ellas!...

Ingrata paga dum tão complacente amor!

A. S.

Termos do convénio:

Consignação da receita das alfandegas do continente, insulares e colonias;

Fiscalisação das receitas pelos estrangeiros, por meio do controle;

Pagamento do juro da divida externa, em oiro á razão de 50% para o 3^o, 1^o e 3^o 1/2%;

As exigencias dos credores externos — controle e consignação de rendimentos — e a condemnação dos governos da monarchia.

Reforma do ensino pharmaceutico

Pela proposta apresentada ao parlamento para a remodelação do curso de pharmacia, são creadas 3 escolas, sendo uma em Lisboa, outra no Porto e outra em Coimbra.

O curso comprehende dois annos, com duas cadeiras em cada anno, e findo elle, será o aspirante a pharmaceutico submettido a um exame geral, pratico, ficando depois apto para o exercicio de pharmacia.

As habilitações exigidas para os candidatos se matricularem nas escolas de pharmacia, são: curso dos lyceus, exames de chimica inorganica e botanica e dois annos de pratica, feitos depois de ter completado o curso dos lyceus.

O director da Escola de Pharmacia desta cidade é o decano e director da faculdade de medicina, sendo nomeado lente da escola, o director do dispensatorio da Universidade.

O quadro de cada escola é composto de 3 lentes cathedraes, um substituto, um preparador, um escripturario e dois serventes.

Parece-nos que a reforma respeitará direitos legitimamente adquiridos pelos individuos que tenham pratica registada.

Carta de Lisboa

Não recebemos a costumada *Carta de Lisboa*, que o nosso illustre correspondente da capital nos costuma enviar para os numeros de domingo da *Resistencia*.

No Porto foi profusamente distribuido o relatorio do sr. Madeira Pinto, que o governo tanto se empenhou em que não fosse do dominio publico.

Para que se não soubesse o que continha o famoso relatorio, foram commettidos grandes atropellos e despotismos, sendo intimada a imprensa independente para não falar delle e portanto do convenio.

Na *Associação Industrial*, do Porto, houve reunião na sexta feira á noite, sendo lida e discutida a obra do sr. Madeira Pinto, e as bases conhecidas do que nos parece será a mortalha do ministério.

Eis no que deu a repressão e as prohibições feitas á imprensa! Quando a lei é atropellada, negando-se a liberdade de pensamento, surgem as publicações clandestinas.

Foi o que neste caso se deu e ha de dar, se a imprensa continuar a ser amordaçada.

Todos os felizes possuidores das notas de 5000 réis de cor de rosa, podem troca-las até 31 do corrente, pois o praso foi prorogado até esse dia.

As modernas, que andam em circulação, têm a figura de Vasco da Gama, em transparência, dentro dum oval branco.

Esta continua troca de papelada só confusões estabelece, sem lucro real para o banco emissor, pois os *artistas amadores* acompanham sempre os progressos, que os gravadores do banco fazem nas successivas emissões de notas postas em circulação.

Nalguma coisa a industria de gravura devia progredir.

Madre Paula

E' este o titulo do novo romance que a *Vanguarda* começará a publicar em folhetins, no próximo domingo, 2 de março. Essa obra versará sobre os episódios da mocidade e reinado de D. João V. Os folhetins serão illustrados,

RESISTENCIA...

Coincide o reaparecimento da *Resistencia* com o inicio dum novo e mais sério periodo para a vida nacional... O valente bi-hebdomadário que tam enérgica e proficientemente tem pugnado pelo triumpho dos mais sãos principios republicanos, hasteia de novo o estandarte das reivindicações politico-sociaes da Democracia Portuguesa, lançando-se na lucta em prol do decôro pátrio... apontando ao povo o caminho gloriosissimo da defesa republicana, consubstanciada na Revolução e identificada com a Pátria.

Coimbra, o centro intellectual do país, é hoje o centro mais preclaro do republicanismo portuguez!... A briosa mocidade académica, esta symphthica mocidade, arrebatada no acrysolamento das mais santas e nobilissimas aspirações democraticas, a gloriosa depositaria das venerandas tradições patrióticas, constitue a mais deslumbrante esperança da Pátria que hade re-erguer num grandioso e salutar movimento.

A Lusa Athenas, o poético recolhimento dos espiritos propensos á meditação e ao estudo, ha sido desde os primitivos tempos da nacionalidade portugueza o predilecto centro de todos quantos á causa da Pátria vincularam sempre os mais preciosos momentos da sua luminosa existencial... A breve distancia da formosa nymphá do Mondego, num dos mais apraziveis e bucólicos arredores desta cidade sem rival nas belléssas alpestres de todo o país, demora a historica e afamada *Quinta das Lágrimas* e o poético retiro do *Penedo da Saudade*, sanctificados pelas dôres e o martyrio dessa pallida Neniza da nossa historia: Ignês de Castro.

E' até, naquelles recessos onde a innocencia duma infeliz mulher soffreu pelo principe que muito amou, que os patriotas de hoje devem meditar profundamente sobre a desgraçada sorte do bello torrão — seu perfumado berço — que indómitas ambições pretendem villipendiari, sacrificando em holocausto aos seus inconfessaveis interesses a liberdade e independencia do país.

E' ali que devem avigorar para a lucta o seu espirito e refazer a sua alma heróica na evocação das glorias d'outr'ora!

O recente congresso do Partido Republicano Portuguez, reunido nesta cidade, exprimiu — por intermedio do esclarecido congressista sr. Dr. José Jacintho Nunes — o seu sentimento de solidariedade patriótica no angustioso periodo que atravessamos, pronunciando-se sobre a violação da nossa neutralidade na guerra sul africana e sobre a eventualidade dum próximo e mais affrontoso convenio regulamentador da nossa divida externa.

A violação da neutralidade portugueza na guerra sul-africa com prometteu desairosamente os mais vitaveis interesses nacionaes no continente negro, expondo a nossa provincia de Moçambique ás represalias das duas Repúblicas, ora invadidas, mas que imprevisitas circunstancias podem tornar victoriosas num futuro mais ou menos próximo. Por outro lado occorre a eventualidade, que acontecimentos cujas consequencias nos é vedado desde já prevêr, podem facilmente converter em temerosa realidade, de se annexar toda a Africa Oriental Portugueza aos territorios britânicos da Rhodesia e do Alto-Zambeze, dada a contingencia do imperialismo inglés tomar um novo e mais formidavel incremento com a victoria que por ventura, ou desgraça própria, os seus exercitos venham a alcançar,

destruindo se assim a independencia dos dois povos.

Ninguem medianamente illustrado ignora que o programma dos imperialistas britânicos — Chamberlain e Salisbury á frente — é o de porfiar incansavelmente na integral constituição dum grande imperio em Africa: — desde o Cabo até ao Cairo no sentido-norte-sul, e de Frée-Toun, na Serra Leôa, a Zamzibar. A guerra de conquista no Transwaal e Orange não é mais do que o detestavel inicio deste louco empreendimento.

E' este um perigo imminente que urge conjurar; mas semelhante missão pertence a toda a Europa, e não a nós... nem á nossa mesquinha situação de país secundário cabe empresa de tal vulto, que demanda o poderio das grandes nações do Mundo.

Com ao outro perigo, o denunciado na segunda moção, já alludida, este cumpre ao povo portuguez evitar a todo o transe, reivindicando a sua liberdade numa tenaz e ingente lucta.

A re-aparição da *Resistencia*, cuja oportunidade está por demais justificada, pode concorrer poderosamente para a concentração dos elementos republicanos no centro do país.

FAZENDA JUNIOR.

Ensaio de propaganda e critica

Subordinados a esta epigraphie vai o nosso illustre correligionario Sr. Dr. João de Menezes publicar uma serie de estudos economicosociaes, que é iniciada pelo opusculo — *A Nova Phase do Socialismo* — que será posto á venda amanhã.

O real talento do Sr. Dr. João de Menezes, a sua vasta illustração e larga erudição neste ramo de estudos, que tanto se harmonizam com as tendencias do seu espirito, garantem-nos trabalhos de propaganda que não é demais recommendar.

Complexas como são as doutrinas socialistas, e multiplices as suas theorias, a *Nova Phase do Socialismo* vem fixar conclusões e accentuar a moderna orientação scientifica do socialismo, o que é, evidentemente, trabalho relevante e util para todos os que não têm preparação que os habilite aos profundos estudos sociaes.

Neste abençoado concelho de Coimbra, abençoado para a passadada, lebres, coelhos etc., o tempo defeso é nem mais nem menos de 6 meses.

Os Nemrods cá do burgo têm de ensarilhar armas durante metade do anno, o que para elles deve ser dum ferro dos demónios.

Até 31 de agosto não ha licença para a caça de pena e pello, por mais que isso pese aos discipulos de S. Huberto.

Toda a outra especie de caça é permittida, começando pela das multas e acabando na das borboletas.

Aí fica o aviso.

Falleceu na sexta feira nesta cidade a sr.ª D. Maria Jardim Vieira Braga, esposa do sr. Francisco José Vieira Braga, acreditado commerciante desta praça.

O seu funeral teve logar ontem, pelo meio dia, da rua Sá de Bandeira para a Sé Cathedral e de lá para o cemiterio da Conchada.

A enlutada familia o nosso pêsame.

Temos recebido a visita de grande numero de jornaes e publicações, agradecendo a sua remessa.

CORRESPONDÊNCIAS

Espinal, 27

São aqui lidos com afan, todos os artigos da *Resistencia*. E' que nelles só ha o que é de verdade, defendendo os interesses pátrios, corrigindo abusos a homens cégos, que não vêem o abysmo em que nos vãm precipitando.

—A gripe grassa aqui com intensidade, estando logares da serra d'esta freguesia, com casas de familia em que estão todos atacados daquella doença.

—Tambem a febre aphtosa se tem alastrado por todo o conselho, tendo matado algum gado bovino e caprino.

—Ha todos os domingos de quaresma os costumados sermões, com música, pelos oradores padre José D. Rosa, de Campello e rev.º vigário desta freguesia.

Nada ainda ha de positivo com respeito á festa da semana santa.

B.

Sobral de Ceira, 26 2-1902

Professor exemplar

E', sem duvida, o que rege actualmente a escola da freguesia de Castello Viegas, do concelho de Coimbra, o sr. José Maria dos Santos.

Este illustre professor, que merece os nossos mais sinceros e rasgados elogios, em quatro annos de regencia da escola daquella freguesia, tem desenvolvido uma actividade e zelo inexcediveis. Em curto intervallo de tempo o incansavel professor e grande propangandista da instrucção popular, tem obtido os mais proficuos e valiosos resultados no ensino, pois que já apresentou numerosas approvações e algumas com distincção em exames feitos no lyceu desta cidade.

Em 1898, 1.º da sua regencia, teve duas approvações; em 1899, seis; em 1900, oito; em 1901, onze; ficando-lhe dois alumnos distinctos e os restantes com boa classificação de 14 e 13 valores!...

No corrente anno lectivo sabe-se que habilitará e levará a exame um numero de alumnos não inferior ao do anno passado.

Por estas provas evidentes deduz-se a muita competencia do sr. Santos e os méritos de que é dotado—um verdadeiro apóstolo,

que devotada e convictamente propaga o que ha no mundo de mais bello e melhora instrucção. Mas como elle verdadeiramente se impõe á nossa consideração é pela maneira captivante e carinhosa com que recebe as creanças, tanto da sua como de diferentes freguesias, que alli concorrem em grande numero. Frequentam individuos a sua escola que pertencem a concelhos muito distantes, mas que vêem para povoações próximas residir até adquirirem o exame do 2.º grau. A enorme concorrência obriga-o muitas vezes ao desdobraimento de classes, o que faz com todo o gosto, afim de evitar que os discipulos fiquem de pé e bastante apinhados durante as horas das lições, embora reconheça que com esta mudança se lhe duplica o trabalho.

A custa de verbas e donativos, que o sr. Santos soube aproveitar e empregar proveitosamente, tem a sua freguesia uma casa de escola modelo, em optimas condições hygiénicas e pedagogicas e com nova mobilia e diferentes utensilios escolares.

Se todos comprehendessem e quizessem cumprir tam nobre e intelligentemente a sua missão, não reinaria tanta miseria pelas escolas primárias e por consequencia não seria tão grande a nossa depressão, moral e intellectual.

O sr. José Maria dos Santos, honra, pois, todo o professor digno e que cumpre o seu dever.

V. T. V.

Figueira, 27

Estão pois unidos e bem encadeados numa rede, da qual já não podem sair, os dois partidos da rotação; ou por outra, que derrotaram a nação. A junção, a corrente que os uniu, é o convênio: iniciado por uns, e combatido por outros, e, agora, perfilhado pelos combatentes. Estão portanto todos na rede!

Como, porém, ha ainda nestes dois partidos ruinosos, alguns homens honrados, que saiam para fóra, salve-se quem poder, e se quisere a pátria se salvará.

Ella vai condemnar os filhos degenerados que a querem entregar ao estrangeiro.

Constituirá um tribunal com posto de todos os seus filhos livres, para julgar os traidores, que

duplamente cruéis?

—Não me atrevia a fazer essas considerações, apezar de ter á vista o exemplo de uma senhora, que soffreu tam dura experiencia. Abri-a-se a porta da sala: entrava M.^{lha} de Croisy.

Com o vestido comprido de lã preta, de baixo do qual se levantavam as ancas, o colarinho largo dobrado sobre o corpete, Herminia parecia mais uma amazona do que uma noviça do convento, e, examinando a, desde a raiz rui-va do cabello até ao arqueado enérgico do pé, pensava se, sem querer nas reflexões de M.^{lha} de Virville.

—Vem tarde, menina, disse severamente Aurelia de Fayolles.

—E' verdade, M.^{lha} de Fayolles; esqueci-me da hora a escrever á minha boa amiga M.^{lha} de Villy, para lhe annunciar a minha ida.

—Excelente sentimento, disse M.^{lha} de Richaux; consigo nunca perdem os que estão ausentes;

—Alice e a avó não mereciam isso, replicou Herminia.

O seu olhar deu com o de Aurelia, de Fayolles e não se baixou. Então, disse Aurelia, inquietando-se, sem o querer com aquellas discussões e as suas consequências, venha cabecinha de vento, tomar uma chavena de chá.

M.^{lha} de Croisy tinha avistado

serão punidos com a penna que merecerem.

Em seguida gritaremos bem alto, viva Portugal vivam os seus defensores, abaixo os traidores e vendilhões, que querem deshonorar o pais com um convênio odioso. Figueira, 27—2—902.

J. N. S.

Cantanhede, 28.

Cá estamos na brecha, como promettemos, para historiar o que foi a nobreza nos tempos remotos; o que então valiam os titulares, com o seu bello calção de burél, e as senhoras com a sua modesta mantilha de bico. Se compararmos os nobres de hoje, de boa luva preta e boa bota de vernis, e as damas da moda, com os seus ricos vestidos de seda, feitos pelas melhores modistas, em Paris, — que desigualdade encontramos!!

Ah! já me esquecia tambem, cá estamos de posse dos modestos e obscuros commerciantes, industriaes e artistas, para lhes irmos indicando o caminho que têm a seguir para pôrem um dique ás taes classes nobres, que os escorraçam do seu meio. Mas, como isto não vae a matar, fica para outro dia; hoje vamos ao que mais interessa.

Cantanhede data do tempo dos arabes. Foram elles os primeiros senhores desta região, mas em 1080 foram expulsos e povoada a villa pelos christãos; este grande acontecimento deve-se a D. Stzenando, então governador de Coimbra.

Como naquella epocha os homens se interessavam por esta pobre Villa, e como hoje os magnatas da terra só se distinguem pela sua... trica politica. Quem arranjar maior numero de votos, mais importância adquire.

Que importa que alguém administre bem, que trabalhe, que puna pelos interesses públicos! Se não, arranjar votos não tem valor.

Por hoje ficamos por aqui e até á semana.

P.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

Quoniam, que comia silenciosamente os seus bôlos com a concuda arqueada, como uma cadelinha a quem tivessem batido; advinhara uma tempestade na sociedade das senhoras de Fayolles, e, nessa noite, em vez de se humilhar, erguia-se orgulhosamente á espera de um raio novo.

Aurelia de Fayolles perturbárase com aquella attitude; perguntou a Herminia:

—E que escreveu a Madmoiselle de Villy?

—Que me tinha confirmado de viva voz o que lhe havia prometido á avó della, e que eu estava muito agradecida a Madmoiselle Villy e á senhora.

—Está, então, tudo perdoado.

Herminia tinha apenas humedecido os labios na taça de chá que lhe fóra offerecida. Sentou-se, fingindo ingenuidade, na mesma cadeira pequena em que se sentára a primeira vez que a mãe a trouxera ao convento. E, enquanto a conversa, desviada pela chegada della, se tornava banal, pensava o que era quando Madame de Croisy a mettera tam creança alli, naquella mesma sala, e no que era agora naquella mesma sala em que Aurelia de Fayolles a humilhara pela primeira vez. A revolta tervia lhe no sangue; o ar estagnado daquellas paredes do

convento abafavam-na. Pedia um pouco de luz e liberdade.

Automobilismo

Já foram encommendados pelos srs. João Gomes Moreira, Castro Leão e dr. Tavares e Mello os primeiros automóveis que estes senhores destinam ao depósito que nesta cidade vãm estabelecer.

Como noticiamos, conjunctamente com o depósito será esta belecida uma *garage* e uma seralheria mechnica, nas condições por nós já indicadas.

O director técnico é o sr. dr. Tavares e Mello, a quem não falta competencia para bem se desempenhar da sua missão.

Brevemente vãm ser incommendados automóveis de grandes dimensões, muito sólidos, para o estabelecimento, por conta da empresa, de carreiras regulares entre esta cidade, Louzã e Arganil, para o que requereram a necessária concessão.

O empreendimento é ousado, mas é nossa opinião que dará aos seus iniciadores proventos bastante remuneradores.

AUTOMÓVEIS

A. Darracq & C.ª

Agência—R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

Fomos procurados pelo sr. J. Mello e Motta, dignissimo inspector dos caminhos de ferro da Companhia Real, para o fim de lhe darmos quaesquer informações mais que tivéssemos referentes ao conteúdo da local por nós publicada no n.º 676 deste jornal e que dizia respeito á deterioração de parte duma mobilia, vinda da Figueira da Foz, em pequena velocidade.

O dignissimo empregado superior desejava providenciar sobre o assumpto, mas pelo facto de não ter havido reclamação em tempo competente e por já não se poder averiguar a quem cabe a responsabilidade do prejuizo, não pode satisfazer o seu desejo.

Agradecemos a attenção que foi dispensada á reclamação que fizemos, o que demonstra que, felizmente, ha empregados zelosos, que desejam honrar-se e ao logar que desempenham.

convento abafavam-na. Pedia um pouco de luz e liberdade.

Madmoiselle Quoniam tinha o encargo de acompanhar Herminia, ao atravessar o jardim. No fim da soirée, saíram juntas.

—Fallaram muito de mim, pois não fallaram, minha boa Quoniam? perguntou Herminia.

—Para que lhe heide estar a dizer que não? respondeu-lhe a velha senhora ao ouvido.

—E que resolveu minha prima definitivamente do meu futuro?

—Que havia de ser freira! disse Quoniam que, apezar de fallar mais baixo do que nunca, se poz a encobrir a voz com o ruído dos passos.

—Ah! Isso é o que nós temos de vêr! respicou Madmoiselle de Croisy, com um riso nervoso, que o echo do jardim podia fazer chegar aos ouvidos de Aurelia de Fayolles.

III

No alto de uma das collinas, que fazem uma meia curva ao valle de Serquigny, entre Evreux e Lisieux, erguem-se, acima da verdura do parque que se estende pela colina abaixo, as torres modernas do castello de Villy, recordando-se no céu cinzento da Normandia. E' uma residencia duma situação maravilhosa, e cu-

Proissão dos Passos

O senhor dos Passos parece que não está com vontade de passear pelas ruas da cidade.

Já no domingo passado devia mostrar-se aos devotos, com a decantada cruz ás costas, mas tal não quis, pois mandou chuva e mais chuva que impossibilitou os mesários de organisarem a procição, ficando transferida para hoje; mas as bategas de água continuaram a encharcar os pobres mortaes, o que de novo impediu a passeata do senhor dos Passos, que pelo visto não gosta de andar ás costas de peccadores.

E' esta a conclusão que se tira da persistencia da chuva, pois, segundo dizem os mestres das coisas religiosas,—nada se faz neste mundo senão á vontade de Deus.

Elles dizem e nós acreditamos...

Noticia a *Correspondencia de Coimbra*, em editorial de quinta feira, um *Te-Deum* para amanhã, mandado celebrar pelo sr. Bispo Conde, em acção de graças da entrada no vigéssimo quinto anno do pontificado, do Papa Leão XIII.

No segundo artigo noticia um *Jubileu Pontifical*, ordenado tambem pelo sr. Bispo Conde, ao cabido, arceprestes, parochos e fieis da diocese, pelo mesmo motivo do do *Te-Deum*.

Ficamos inteirados.

O sr. Santos Lucas, empresario chronico do theatro circo, anda por Lisboa á procura duma companhia de actores, que venham dar a esta cidade alguns espectaculos, antes da Páschoa.

Apesar de não ir munido da lendaria lanterna de Diogenes, quer-nos parecer que não volta da Lisboa amada sem companhia. Agora a qualidade della, é que se não pode avaliar por enquanto. Veremos, como dizem os cegos.

AUTOMÓVEIS

A. Darracq & C.ª

Agência—R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

jos atractivos interiores correspondem ás bellezas externas.

M. de Villy era um homem excessivamente amavel; a fortuna e a ociosidade não lhe haviam estragado o character. Viuvo, quasi logo depois do nascimento de Alice, nunca pensára em tornar a casarse. Tinha a filha como consolacção soberana; de mais tinha ainda viva a mãe, a tal veneravel Madame de Villy, de quem fallava Madmoiselle de Fayolles. Tinham ambos educado Alice com ternuras infinitas a que Madame de Villy juntava a idolatria de avó.

Foi um partir de corações no sentido absoluto da phrase, quando se viram forçados a separarem-se de Alice e mandal a para o convento.

Tinham pensado em mandar vir uma mestra para evitarem a separação: apresentaram-se senhoras velhas de quem Alice não tinha gostado: vieram depois outras muito novas, podendo dar aso á calumnia, naquelle castello donde, de vez em quando, se ia Madame de Villy a ver as suas propriedades, e onde o filho, relativamente novo, teria ficado sózinho entre uma creança e uma mulher sem fortuna, mais ou menos intrigante, com o encanto dos seus vinte annos.

(Continúa.)

(5) Folhetim da "RESISTENCIA,"

MAXIME RUDE

lis

UMA VÍCTIMA

DO CONVENTO

II

—Que mosca a mordeu, mana? Não parece que se queira referir a mim? Bem sabe que nunca me quiz casar e então não esteja a dizer tolices!

M.^{lha} Carolina, sem força mesmo para balbuciar, enterrou-se no fauteuil, o que a pobre Quoniam tinha feito, deixando passar a concuda pelas costas da cadeira.

M.^{lha} de Blimy, a viuvinha, cujos olhos baixos seguiam á queda dos aneis louros do seu cabello penteado á inglesa e se conservara calada até aquelle momento de crise aguda, ergueu as palpebras, debruçou-se sobre Aurelia Fayolles e murmurou:

—E não é tambem verdade, minha senhora, que o casamento é origem de trabalhos novos, e que a viuvez, que é necessario prever sempre, pôde ter para a mulher sem filhos consequências

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalisados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 27700
Semestre..... 13350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 27400
Semestre..... 13200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

SILVA & FILHO

Academica

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31 Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos**, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis**.

O proprietário,
José Maria Junior.

Espingardas

De fogo central e de carregar pela bôcca. Vendem-se com grande abatimento.

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira
Rua Ferreira Borges = COIMBRA

FACTURAS e envelopes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario—MANUEL DOS REIS GOMES

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

PECHINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e telpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cosinha e mēza de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra).

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA
EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA
COIMBRA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA
Rua Ferreira Borges
COIMBRA

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

REDUCCÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construcção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mēza, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

CASA INNOCENCIA

CONFETARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)

Academica

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amēdoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir. Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos minimos preços, garantindo a sua perfeição e aceio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa.

Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornece pelos preços do catálogo COFRES Á PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de seralheiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer naturêza.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.ºs freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—**Memória**—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchima de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tam acreditadas máchimas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e acceitam-se máchimas em troca. Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de armures pretos, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

RESISTENCIA

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 679

COIMBRA — Quinta feira, 6 de Março de 1902

8.º ANNO

NEM RECEIOSOS, NEM CALADOS!

O governo pelos seus esbirros manda calar-nos. No uso pleno e integro dos nossos direitos resolvemos continuar fallando. Descansem os traidores: nem pelo silêncio, nem pelo medo seremos cúmplices na criminosa trama que a monarchia prepara---O CONVÉNIO.

Portugueses: urge expulsar do poder os traidores que teem em almoeada a honra e a independência da PATRIA!

O FIM

Não o escureçamos; colloquêmo-lo, antes, em toda a sua nefasta evidência, para que todos vejam aberto ás escancaras o pavoroso precipicio a que nos arrastou o governo!

Acooperativa regeneradora, de mãos dadas com a progressista, que ambas se combinaram para a entrega da nação ao estrangeiro; só para a continuação por alguns annos mais do seu connúbio torpe, consumou a traição do convénio. Já outro dia o dissemos, por informações absolutamente seguras:—o **convénio está feito com as condições ruinosas e vergonhosas** que a imprensa republicana previa e ia denunciando. E o governo de traficantes, que assim nos arremessa para o ergástulo infamante em que havemos de apodrecer como escravos, já vai preparando o terreno para a pouco e pouco ir tornando conhecida a traição que ao país armou.

Já não erguemos os nossos brados sómente sobre hypótheses denunciadas pelo sr. Fuschini, que as baseava no conhecimento que possui e nós também do convénio ajustado pelo sr. Madeira Pinto, hypótheses que se convertiam em verdades sabidas pela violência com que o governo se oppõe a que tal relatório seja conhecido da nação. Já isto nos dava a certeza de que

o convénio de agora é baseado no convénio que os crédores o anno passado fizeram.

Mas a verdade resulta clara e evidente.

Um jornal financeiro francês publicou as linhas geraes dêsse convénio; e o *Diário de Notícias* publicou essas palavras d'aquêlle jornal, que diz o seguinte:

«Sabemos que as negociações encetadas em julho de 1901 entre o governo português e os portadores estrangeiros da sua dívida, que haviam sido momentaneamente interrompidas, acabam de chegar a um resultado. O sr. Carrilho, delegado do governo português, teria concluído um accordo com os representantes dos crédores alemães, e é este accordo que, depois de longos preliminares, elle haveria feito aceitar pelos «comités» franceses. O convénio actual reproduziria, nas suas linhas geraes, os termos do que fora proposto o anno passado: consistiria em reduzir a metade o capital nominal da dívida de 3%, e em fixar a nova dívida, convertida em renda amortizavel, um juro de 3%; quer isto dizer que o portador de um coupon de 100 fr. do capital antigo de 3%, receberia 1,50 fr., o maximo, de renda annual.

A lei de 20 de maio de 1893 tinha estipulado que, quando o rendimento das alfândegas portuguesas excedesse 14.400 contos de reis, metade do excedente seria repartido entre todos os portadores da dívida externa.

Acabaria esta distribuição. O accordo actual daria aos portadores da dívida de 3% um augmento annual do rendimento de 0,36 fr. por coupon de 100 fr. de capital, se se attendêr á media obtida durante os 7 ultimos annos e de 0,32 fr., se se tomar para termo de comparação o ultimo anno, em relação ao qual este supplemento de juro tinha sido de 0,1078 fr. Mas o capital nominal seria reduzido a metade e não teriam qualquer outra esperança de augmento de juro porque a clausula da partilha acima de 11.400 contos de receitas alfandegarias, ficaria eliminada.

Pelo contrario, as receitas alfandegarias serviriam de garantia da dívida externa e o seu producto seria arrecadado nas caixas da Junta do Credito Publico em que os portadores estrangeiros se fariam representar por tres portugueses.

O novo convénio acceto pelos comités será submettido ás côrtes, para que possam vota-lo antes do seu encerramento. Isto é, antes do fim do mês de março».

E continúa o *Diário de Notícias*:

Concluidas as negociações com os nossos crédores em Paris, o sr. conselheiro Carrilho partiu hontem para Londres.

O governo segundo nos consta, conta com o maximo apoio do gabinete inglês para resolver de prompto qualquer pequeno entrave que alli se possa levantar, da parte do respectivo «comité».

É portanto provavel que não havendo, segundo parece, difficuldades da parte dos restantes «comités» belga e hollandês, que o projecto de concessão seja presente á camara, pouco mais ou menos no prazo por nós ha dias annunciado.

O chefe dos quadrilheiros negou valor ao que denunciou o *Diário de Notícias*; mas todos nós sabemos bem que este jornal publica só as noticias que ao governo apraz que o país conheça sobre os negócios escuros que trama. E tam flagrante é a coincidência entre a denúncia feita por aquêlle jornal financeiro e o convénio negociado pelo sr. Madeira Pinto, que não é possível duvidar; e é tam frizante a concordância do que alli se diz com a noticia que nós demos no nosso penúltimo número á êrca das negociações concluidas, que não podem restar esperanças a ninguem!

Está feito o convénio; e está feito com o **augmento esmagador de encargos; com a consignação dos rendimentos das alfândegas e com a fiscalisação dos crédores externos na administração portuguesa.**

A suprema ruína!

A vergonha suprema!

Mas não está legalisado ainda; a traição ainda não se con-

sumou; o parlamento ainda não appôs a sua chancella sobre o contracto que o governo fez.

Povo! podemos ainda salvar a nação!

Portugueses! é tempo ainda de despedaçarmos o chicote, com que um bando sem vergonha armou o estrangeiro para nos açoitar!

Levantemo-nos todos e digamos—**não!** e não se consumará a ruína e a deshonra da Pátria!

Queremos um convénio com os nossos crédores; façamo-lo; mas faça-o um governo de homens honrados, de administradores honestos, de portugueses sinceros e patriotas, que tenham em mira não a orgia do poder mas o resurgimento da nação, que governos dissolutos teem arrastado á ignominia em que nos debatemos.

Expulsemos a cáfila inteira! Inauguremos um governo de patriotas!

Convénio Luciano-Hintze, **nunca!** Que elles não sam a nação; sam os chefes das maltas que nos teem explorado ha dezenas de annos...

Urge proceder com energia e decisão.

Em menos dum mês ou estâmos mortos e infamados, ou a Pátria estará salva!

Contraste:

Foi preso novamente o Bicho.

Continúa á frente do governo o *Casaca de ferro*.

No cadastro dos gatunos sam dos melhores — na alcunha.

Os assalariados

Numa das últimas sessões parlamentares, quando um deputado pretendia interpellar os ministros a proposito das arbitrariedades commettidas contra a imprensa, um traficante da maioria guinchou:

—O governo pôde fazer o que quiser, sem dar satisfação a ninguem.

O que pretenderá este salafrário?...

Deve ser dos insaciaveis.

Devem registrar-se as palavras com que um fraldiqueiro local aprecia a desinteressada e activa campanha do sr. Augusto Fuschini contra o projectado crime do Hintze e mais sicarios:

Se o procedimento do sr. Fuschini, ao momento, se não estivesse tornando um pouco prejudicial á marcha dos negocios públicos, era caso—o tal nephelibatismo do sr. Fuschini—para nos desopilar á falta de melhor entretenimento.

Assim não; com coisas sérias não se brinca.

E' p'r'a frente, rapazes! Conhece se logo a exaltação patriótica dos que cercam a gamella do orçamento.

Arre...

Termos do convénio:

Consignação da receita das alfândegas do continente, insulares e colonias;

Fiscalisação das receitas pelos estrangeiros, por meio do «contrôle»;

Pagamento do juro da dívida externa, em oiro á razão de 50% para o 3% e 4% e 4% para o 2%;

As exigencias dos crédores externos—«contrôle» e «consignação de rendimentos»—sam a condemnação dos governos da monarchia.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 2700
Semestre..... 1350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2400
Semestre..... 1200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

SILVA & FILHO

FACTURAS

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{tos} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—**Memória**—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchima de costura, para familias, alfaiátes e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tam acreditadas máchimas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão-se todas as explicações e accéitam-se máchimas em troca. Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de armures pretos, sêdas pretas e mantilhas de sêda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos**, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis**.

O proprietário,
José Maria Junior.

Espingardas

De fogo central e de carregar pela bôcca. Vendem-se com grande abatimento.

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira
Rua Ferreira Borges — COIMBRA

FACTURAS

e envelopes
Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — MANUEL DOS REIS GOMES

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

PECHINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e telpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cosinha e mēza de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra.

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA
EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA
COIMBRA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia do M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA
Rua Ferreira Borges
COIMBRA

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construcção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mēza, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

CASA INNOCENCIA

CONFITARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amén-
doas e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir. Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e aceio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa. Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornece pelos preços do catálogo COFRES Á PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de serralheiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer naturêza.

RESISTENCIA

Editor

Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 680

COIMBRA — Domingo, 9 de Março de 1902

8.º ANNO

O Convénio É UM ROUBO, UMA BURIA, UM CRIME!

Obstar á sua realisação, por meios legais ou ilegales, deve ser neste momento a única aspiração de todos os portugueses honrados. Os traidores do poder vendem e deshonram a Pátria para, conseguindo novos e ruinosos empréstimos, continuar a louca e esbanjadora orgia de uma oligarchia de parasitas.

O País está posto á prova: um regimen fallido, cuja história é a biographia monstruosa de algumas centenas de bandidos, julga-se sufficientemente forte para jogar a última cartada, para ferir a última e decisiva batalha contra os interesses nacionaes. A indifferença do Povo, deixando impunemente iniciar o regimen cobarde das perseguições e da violência, o assassinio das liberdades públicas, a perda das garantias individuais, enfim; o arbitrio em triumpho—deu aos desordeiros do poder o convencimento de que levaria a cabo a venda da própria nacionalidade no meio do completo embotamento da sensibilidade popular.

Mas a monarchia enganou-se. O pais não ha de capitular. Resistirá pela violência, oppôr-se-ha pela força.

A' desordem, á illegalidade, á tyrannia do poder, o povo oppõe o direito legitimo da insurreição.

O Pais não póde hesitar: ou conserva a monarchia—cancro maligno que o corroe, envenena e mata—ou se salva eliminando-a, destruindo-a, extirpando-a. Opta pela extirpação.

Creados de servir!

Se nos revoltam as indignas prepotências exercidas pelo poder sobre os escriptores que no uso dum direito e no exercicio duma nobre missão atacam os planos repugnantes desse mesmo poder, não nos revolta menos a conducta cobarde dos individuos que tinham obrigação de manter uma intima solidariedade com os escriptores abusivamente perseguidos.

E' mais do que cobardia, porque é cumplicidade. Eu refiro-me aos jornalistas e ouso proclamar que elles sam eminentes na obra de bandidismo e de odio dos governantes deste pais.

Pois o que se vê? Em Lisboa, um jornal—*O Mundo*—é alvo, todos os dias, dos furors da auctoridade, sem razão, sem lei, sem direito.

E' censurado, apprehendido, mutilado. E, nestas circunstancias, quando devia haver uma imprensa altiva que protestasse, quaesquer que fôsem os principios ou as causas que servissem, dá-se este caso estupendo: nem uma única penna se levanta!

Isto é, não se levanta para protestar contra o abuso praticado mas para pretender justificar, o acto que não tem justificação.

E este facto dá-se, porque em Portugal raros jornalistas empunham uma penna.

O poder distribuiu pelos jornaes todo esse pessoal de creados de servir. Não servem ideias, porque não sabem o que isso é; fazem simplesmente jus ao estúpido que recebem.

E' preciso manejar a injúria, denunciar, calumniar, dar, até, uma navalhada á volta duma esquina, a tudo se prestam esses moços de fretes da corrupção constitucional!

E de modo que, quando um grave, formidavel perigo impende sobre o pais, não ha um movimento de almas, reparador e grande, e um jornal só, intrépido

é verdade, mas só, surge, animado pelo fogo das suas convicções e pela justiça da sua causa, a querer impedir a todo o transe, através de perigos, de prejuizos, de sacrificios, de vexames, o plano preparado pela desvergonha e pelo cynismo dos malfeteiros do poder! E' inconcebível, mas é assim.

Os jornaes que não applaudem, mantêm-se num silencio abominavel.

Para onde ham de appellar, pois, as victimas das perseguições e das tyrannias da canalha que por uma assombrosa abdicção moral deste povo, ainda preside aos seus destinos?

Para a opinião?
E' inútil, porque a opinião não se move na mais pequena vibração de enthusiasmo ou de cólera!

Para a imprensa?
Não, porque a imprensa é o que eu já disse: uma instituição servida pelos últimos dos lacaios, cuja consciéncia não sentiu nunca um escrúpulo de pudor e em cuja face jamais transpareceu um vislumbre de decôro. Nestes termos, o que ha a fazer? Uma única coisa...

João Fróllo.

Dr. Angelo da Fonseca

Entrou felizmente em franca convalescência da grave doença que pôs em perigo imminente a sua vida o nosso presado amigo e illustre correligionário, sr. dr. Angelo da Fonseca.

Ao notavel homem de sciéncia e erudito trabalhador enviamos, por tal motivo, a expressão sincera do nosso regosijo.

Morreu Frederico Arouca.

Nova vaga no conselho de Estado.

Está, pois, servido o João Arroyo.

Conhecem-no?

O dos azulejos.

Os que folgam...

Mariano—um ladrão—referindo-se, no *Popular*, ao discurso do presidente do conselho, na câmara dos deputados, em defesa dos seus attentados á lei, tem esta passagem:

«A câmara está positivamente sob o dominio da palavra inflammada e eloquente do sr. Hintze Ribeiro. Cada phrase do illustre chefe do governo é recolhida com ovações excepcionaes.

Navarro—um marianno—por sua vez em as *Novidades*, a propósito das medidas vinculadas, falla assim:

«Produziram excellente impressão as propostas de lei, apresentadas ao parlamento pelo sr. ministro da marinha e pelo sr. ministro das obras publicas. Enfim já não temos só palliativos e phantasmagorias. Estamos em presença de providências eminentemente práticas.»

Entre bandidos tam chegados a desavença era difficil.

E depois não é de mais babujar o patrão, que lhes paga em dia para ladrarem a tempo a encobrir-lhe as ladroeiros.

O contrario do que faz a policia aos gatunos modestos: pagalhes para denunciarem os collegas.

Abençoado regimen, servido por tam santa gente!...

Ao nosso querido amigo e collega dr. Costa Ferreira os nossos parabens pela honrosa distincção que acaba de receber por parte da sociedade Anthropologica de Paris.

Por proposta de três professores, entre os quaes se conta Papillaut, foi o nosso valioso correligionário elevado á categoria de membro titular da referida sociedade.

Com demora de alguns dias esteve na capital o nosso valioso correligionário e administrador da *Resistencia*, sr. João Gomes Moreira.

Echo da arcada

Falla se em recomposição ministerial, saindo definitivamente Campos Henriques e Vargas.

Mattoso dos Santos será substituido na fazenda pelo Soisa da marinha.

Grande propina vê no horizonte o heroe de Alijó!
Oh! pela certa...

O velho periodico local, que acha desopilante a campanha contra o convénio, appareceu no seu número de sexta feira com idéntico scenário ao do número anterior:

Te-Deum—em fundo.

Leão XIII—em segundo.

Terrivel penitencia anda cumprindo a desditosa *Correspondencia*. Só lhe falta a essencia de rosmanninho...

E a verdade é que,—apezar de a *Divina Providencia* inda não ter inspirado a um dos seus ministros na terra a absolvição dos peccados da pobre desdentada, inclusive o de ter vivido durante largos annos no *Terreiro da Erva*, melhorou, consideravelmente, na qualidade do papel, depois do *te-deum*.

Não é bem o caso do chocolate de Mathias Lopes...

Mas, para alguma coisa devia de servir tanta religião...

Pelo ministério do reino já foi approvedo o projecto da câmara municipal desta cidade para o alteamento do Rocio de Santa Clara.

O sr. Almada Negreiros acaba de enriquecer o museu ethnographico da Universidade com a oferta dos productos da ilha de S. Thomé, expostos na última exposição de Paris.

PELA PÁTRIA

A insistência do governo em defender do exame severo do pais o documento avexante duma traição, insistência apoiada no silencio cúmplice de sócios vestidos de rivaes, e traduzida na repressão violenta á imprensa insubornavel, vem confirmar a necessidade instante duma intervenção decisiva do povo no sentido de cortar audazmente o passo aos bandoleiros.

Mais alto que as nossas proclamações inflammadas, mais vibrante que o pregão de guerra que podiamos atirar, como um rebate pelo pais fora, falla essa extranha conducta do governo, rebucando-se no mystério cerrado das altas razões de estado, deixando que o estrangeiro, sem mais attentões, *quia nominor leo*, leve entrouxados os nossos interesses e os nossos brios.

E' portanto este o momento das grandes affirmações e dos nobres sacrificios. Pela patria em perigo esquecem-se resentimentos, apagam-se odios de seita, transpõem-se as extremas dos partidos. Uma coisa é preciso: ser português. Uma coisa basta: não ter almoedado a consciéncia na tavolagem escusa das camarilhas.

Aos portugueses, pois, nos dirigimos nesta hora amarga de tantos desalentos e tam raras esperanças, para que não fiquem, ankylosados e dormentes, todos os que forem capazes de dar a este protesto nacional o contingente dos seus esforços. Andamos, a todo o momento, como velhos rapshodos peregrinando, a cantar as nossas glorias idas, a clamar que fomos ricos e poderosos, que nos adereçamos de heroismos rutilantes, devassando o mysterio rececido dos mares, deixando em todos os continentes, entre a ressonancia das victorias, o nosso nome de extra-

Resistencia

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo Juizo de Direito da—Terceira Vara de Lisboa, cartorio do escrivão Andrade, se processam uns autos civeis de justificação ayulsa para habilitação, em que são justificantes D. Maria José Pinheiro Rocha, tambem conhecida por Maria José dos Remedios Pinheiro ou Maria José dos Remedios Pinheiros Ghagas e D. Amelia de Bastos Rocha, tambem conhecida por Amelia de Mello Bastos Rocha ou Amelia Joaquina de Mello Bastos e justificados o Ministerio Publico e incertos; e n'esses autos pretendem os justificantes habilitar-se: a primeira como unica herdeira e a segunda como meira de seu fallecido filho e marido João Dias da Rocha, natural da Sé Cathedral de Coimbra e fallecido no dia quinze de setembro de 1901, na cidade de Lisboa, na rua de José Estevam, n.º 53, 1.º andar, no estado de casado com a segunda justificante e sem descendentes nem testamento; para, n'essa qualidade, poderem receber todos os bens de que se compõe a herança do fallecido e bem assim converter em seus nomes o deposito n.º 62.464, no Monte Pio Geral, da quantia de quatro contos trescentos e onze mil cento e oitenta e cinco réis e uma divida activa na importancia de um conto cento e vinte mil réis que fazem parte da mesma herança.

Correm, por isso, editos de trinta dias, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito á herança do dito fallecido João Dias da Rocha, para na segunda audiencia d'este juizo, posterior ao prazo dos editos, a contar da publicação do ultimo annuncio no *Diario da Governo*, virem accusar a citação e ali marcar-se-lhe o prazo de tres audiencias seguintes para apresentarem a sua impugnação, sob pena de revelia.

As audiencias naquelle Juizo teem logar todas as terças e sextas feiras de cada semana, por dez horas da manhã, no Tribunal da Boa Hora, e quando algum d'estes dias for sanctificado não estando comprehendido em férias a audiencia terá logar no dia seguinte se não for sanctificado ou feriado.

Verifiquei. O Juiz de Direito, Rocha Calisto. O escrivão do quarto officio, Arthur de Freitas Campos

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, operas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, faços, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA
Rua Ferreira Borges
COIMBRA

ROTULOS
para farmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

PURGAÇÕES
Pilulas orientaes de A. R. de Passos Pharmaceutico pela Universidade. Cura frequente, em 48 horas, da blenorralgia (purgações, mesmo as mais rebeldes). Só com o uso deste acreditado medicamento. Resultado seguro e garantido por numerosas curas.
Preço da caixa—500 réis, pelo correio 510. Depósito em Coimbra—Pharmacia Cordeiro—R. Ferreira Borges.

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — **MANUEL DOS REIS GOMES**

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.



JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa.

Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o extrangeiro.

Fornece pelos preços do catálogo COFRES Á PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de serralleiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechánicas de qualquer natureza.

CASA INNOCENCIA

CONFETARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)



VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de améndoas e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir. Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e aceio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

REDUCCÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construção como em utilitaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao publico em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas portugaes praças extranjeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

Loteria da Paschoa

40:000\$000

Extracção a 3 de Abril de 1902

Bilhetes a 20\$000 réis

Vigessimos a 1\$000 réis

A comissão administrativa da loteria, incumbe-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes e vigessimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31
Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, Junta dos Cassinos e a dois passos da praia de banhos, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde 300 réis.

O proprietario,
José Maria Junior.

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalizados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Améndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.ººº freguêses e ao publico em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—**Memória**—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchima de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tão acreditadas máchimas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e aceitam-se máchimas em troca.

Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de armures pretos, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos,

RESPOSTA a um ente que dá pelo nome que tem os machos filhos das pórcas,
«Resistencia» de 16 do corrente. — *O filho do arremenda botas.*

Pelo cabeçalho se vê, ou por outra, nada se deduz do que vamos dizer. Realmente que importaria ter um pae que deita a sua tomba, que faz chinellos á sopeira, etc., etc., se tudo isso traduzia apenas um artista — entidade que tantas vezes sobrepuja os mais elevados sabios pela nobreza de character?!

Por isso o Pelourinho do ridiculo a que em poucos traços vamos amarrar o nosso personagem não tem os seus alicerces na baixa condição do pae que (embora não privemos particularmente com elle) julgamos uma boa creatura. Tambem não é o rancor nem a calúnia que nos move a escrever estas linhas mas a repugnancia, a nausea de ser o primeiro a atirar a pedra (e contra um edificio que nasceu com a batina para só com ella acabar) um individuo que se não fora julgado um doente já deveria estar apedrejado — Se o artigo da *Resistencia* fosse escripto por uma pessoa auctorizada e em termos commedidos — d'onde reflectisse o desejo imparcial de remediar abusos e não uma torpe vingança, nós seriamos os primeiros a acatar as suas palavras, mas sabendo que seu auctor é um *batina* cuja chronica seria desnecessaria — pronunciando-lhe apenas o nome — isto repugnou-nos. Comecemos.

Pouco tempo de Coimbra, não havendo senão casualmente tratado com tam importante personagem tal não poderemos dedilhar um hymno que traduza os seus merecimentos — restando-nos a consolação de que acima de tudo quanto a penna podesse escrever e o cerebro pensar está o que toda essa Coimbra conhece — tambem reconhecemos que é ligar-lhe importancia de mais o gastar tempo e papel mesmo só pensando em tam abjecta creatura, todavia fazemol-o para que quem não souber do auctor do artigo avalie a sua importancia pela origem.

Esquadras de Coimbra, esquinas da baixa, nobre *quatorze*, vós todos que por não terdes cama ou dinheiro para ella, ou porque tendo uma coisa e outra fazeis por vezes da noite dia, vinde e dizei-me se podeis contar as vezes que tendes visto um typo alto, gordo, com importancia de futuro deputado, com um chapéu já amollado pela falta de equilibrio de seu dono, com ponta de charuto nos dentes cerrados, cambaleando, ebrio provocador, mettendo medo ás pessoas timoratas, causando dó a outros e a todos nojo, podeis? Se fosse facil reunir-vos, direis fallando verdade: «E' o seu estado diario» — Pois olhae: esse individuo foi ao jogo, a sorte favoreceu-o e ganhou.

Mas esse dinheiro escaldou-lhe as mãos e sabeis o que lhe fez? Foi á taberna mandou vir vinho e bebeu, bebeu tanto que até quiz obrigar um cão a beber... depois... (abençoado dinheiro!) este vinho evaporou-se, subiu-lhe ao cerebro, purificou-lhe a mente, incendiou-lhe o coração e hoje preceptor do

bem, nobre apostolo e benemerito evangelizador da Academia é um regenerado, é um homem de bem. Por isso, se para o futuro vos disserem (porque ver não *podereis*) que elle lá vae cambaleando, que saiu do lupanar para ao romper da manhã ir espancar uma pobre senhora cujo dinheiro (quando tinha vicio) meteu no estomago e no jogo «*porque tambem lhe escaldava as mãos*»; se vos constar que intimida (ou disseo blasona) os lentos para conseguir pelo medo o que lhe não é possivel pelo trabalho, que as pessoas de bem lhe estendem a mão quando obrigados por conveniencias para se retirarem cheias de aversão, que não penetra nos *antros* por elle apresentados porque não tem dinheiro ou porque lhe manifestaram a vontade de o verem pelas costas; se algum *malvado*, recordando o passado vos disser que na Figueira o viu *depenado*, mendigando um pequeno *habilitaço*, (como em calão de batota se diz) esperando *fallar a um morto* (dinheiro que abanca ou os pontos por descuido deixaram de receber) que finalmente (e finalmente para economia de tempo, papel e não offender os sentimentos de quem me ler com um rosario indefenido) soar a vossos ouvidos que elle sem timo de ventas esmurradas teve algumas noites por cama as valetas de Coimbra, por Deus, não acrediteis, tomae esses murmura dores da vida alheia como uns infames que não acreditam na regeneraço. E vós curvae-vos perante elle, porque se é grande o que nunca delinuiu, parece que é maior o que conseguiu emmendar-se.

Nada mais direi e nem tanto era preciso para um biltre, um miseravel, um sevandija que tomando como protesto o reunirem-se por vezes alguns rapazes jogando, vem atacar-me com insultos acima dos quaes me julgo e julguei sempre e só digno dum homem sem brio, sem dignidade e apenas despeitado por lhe não haver emprestado 50 ou ao menos 30\$000. Venham agora aquelles que me conhecem mesmo na minha vida intima, ponham-me em confronto (soffro esse martyrio uma vez) com tam abominavel creatura e sejam juizes. Nestas palavras creio que está a minha melhor defeza. Previno e declaro que se o artigo da «Resistencia» viesse assignado eu ficaria em silencio para não cair no ridiculo daquelle que fosse tirar um desforço pessoal duma creança que malcreadamente lhe atirasse uma pedrada; porem como vinha acobertado com bandeira de Redaço, necessario foi desmascarar esse individuo que a troco do 100 ou 200 vintens que lhe possa render um jornal não duvida sujar com sua baba malidicente os mais illibados caracteres.

RESPOSTA A UM CIRCULO DE P...
Resistencia de J. de ...

Text block on the left side of the page, containing the first column of the document's main body.

Text block on the right side of the page, containing the second column of the document's main body.

Text block on the left side of the page, containing the third column of the document's main body.

Text block on the right side of the page, containing the fourth column of the document's main body.

Text block at the bottom of the page, containing the final column of the document's main body.

EDITOS DE 30 DIAS

2.^a publicação

Pelo Juízo de Direito da—Terceira Vara de Lisboa, cartório do escrivão Andrade, se processam uns autos cíveis de justificação avulsa para habilitação, em que são justificantes D. Maria José Pinheiro Rocha, também conhecida por Maria José dos Remedios Pinheiro ou Maria José dos Remedios Pinheiros Chagas e D. Amélia de Bastos Rocha, também conhecida por Amélia de Mello Bastos Rocha ou Amélia Joaquina de Mello Bastos e justificados o Ministerio Publico e incertos; e n'esses autos pretendem os justificantes habilitar-se: a primeira como única herdeira e a segunda como meirã de seu fallecido filho e marido João Dias da Rocha, natural da Sé Cathedral de Coimbra e fallecido no dia quinze de setembro de 1901, na cidade de Lisboa, na rua de José Estevam, n.º 53, 1.º andar, no estado de casado com a segunda justificante e sem descendentes nem testamento; para, n'essa qualidade, poderem receber todos os bens de que se compõe a herança do fallecido e bem assim converter em seus nomes o depósito n.º 62:464, no Monte Pio Geral, da quantia de quatro contos trescentos e onze mil cento e oitenta e cinco réis e uma divida activa na importancia de um conto cento e vinte mil réis que fazem parte da mesma herança.

Correm, por isso, editos de trinta dias, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito à herança do dito fallecido João Dias da Rocha, para na segunda audiencia d'este juízo, posterior ao prazo dos editos, a contar da publicação do ultimo annuncio no *Diario do Governo*, virem accusar a citação e ahi marcar-se-lhe o prazo de trez audiencias seguintes para apresentarem a sua impugnação, sob pena de revelia.

As audiencias naquella Juizo teem logar todas as terças e sextas feiras de cada semana, por dez horas da manhã, no Tribunal da Boa-Hora, e quando algum d'estes dias for sanctificado não estando comprehendido em férias a audiencia terá logar no dia seguinte se não for sanctificado ou feriado.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Rocha CalistoO escrivão do quarto officio,
Arthur de Freitas Campos

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetes, operas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges
COIMBRA

ROTULOS

Parapharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

PURGAÇÕES

Pilulas orientaes de A. R. de Passos
Pharmaceutico pela Universidade

Cura frequente, em 48 horas, da blenorrhagia (purgações, mesmo as mais rebeldes.) Só com o uso d'este acreditado medicamento. Resultado seguro e garantido por numerosas curas.

Preço da caixa—500 reis, pelo correio 510. Depósito em Coimbra—Pharmacia Cordeiro—R. Ferreira Borges.

Loteria da Paschoa

40:000\$000

Extração a 3 de Abril de 1902

Bilhetes a 20\$000 réis

Vigessimos a 1\$000 réis

A commissão administrativa da loteria, incumbe-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes e vigessimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31
Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos, continua recebendo hospedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde 300 réis.

O proprietário,
José Maria Junior.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa. Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornece pelos preços do catálogo COFRES À PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de serralheiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechánicas de qualquer naturêsa.

CASA INNOCENCIA

CONFEITARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES—91 a 97 (CALÇADA)

AQUILAR

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve deym estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, teem sido premiados nas exposições a que teem concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.

Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e acieo na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho.—Coimbra

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em feragens e materiaes de construcção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças extranjeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario—MANUEL DOS REIS GOMES

7—RUA MARTINS DE CARVALHO—9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêsa.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystallizados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyrras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.ººº freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—Memória—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella machina de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tão acreditadas máchinas e que se garantem por tempo illimitado e que não teem rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e acceitam-se máchinas em troca.

Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de armures pretos, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

RESISTENCIA

Editor
Mannuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 682

COIMBRA — Domingo, 16 de Março de 1902

8.º ANNO

Na hora extrema

Ao mesmo tempo que a imprensa estrangeira nos vai informando das bases fundamentais em que a situação Hintze pretende assentar, o mais depressa possível, a galope, o sonho doirado de um grande empréstimo, — realisando um **convénio** em que se estabelece como caução, pelo menos, a **consignação dos rendimentos e o contróle**, — a Nação vai accordando a pouco e pouco, sem pressas e sem cansaço, a bocejar, a espreguiçar-se na pachorra indiana de quem dorme muito e bem.

Por enquanto temos apenas protestos isolados, aqui e além, que o governo, apesar da sua cobardia, abafou á medida que surgiram. E, para a gravidade do momento, as representações de diversos grêmios industriaes e commerciaes representam somente actos de mera cortezia ou simples estradas rethóricas, dentro da lei e da ordem. Inefficazes, absolutamente, pois appellar para um parlamento de cúmplices é precisamente o mesmo que enfiar o pescoço no laço que ha de estrangular-nos. E os centros commerciaes do País sabem-no bem. Assim, o *Centro Commercial do Porto*, corporação importante, dirigiu ao rei uma representação de que pôde sómente affirmar-se ser um documento bem elaborado e activamente redigido. Ai se lê:

«Uma severa e patriótica administração; a reforma radical de processos governativos, vasada na restricta economia e guiada pela aspiração do bem público; o equilibrio financeiro (custe o que custar e dêa a quem doer) como base da reforma do regimen da divida pública. E jámais a desorganisação crescente das finanças públicas, e o sacrificio da riqueza collectiva; empréstimos que subvertam uma e comprometam a outra; ou convénios que não se fundem no equilibrio económico e financeiro, positivo e provado, e na absoluta autonomia administrativa ao país.»

Todavia, acreditará o *Centro Commercial* no resultado pratico do seu protesto? Não tem direito a tal ingenuidade, pois que em 2 de maio de 1891 essa mesma aggremação affirmava ao monarcha:

«Em país algum o parlamentarismo chegou ao descrédito em que caiu entre nós, porque

essa grandiosa conquista liberal foi prevertida desde o eleitor até ao eleito. A onda crescente do funcionalismo apoderou-se de todos os seus órgãos reguladores, e por esta forma tem-se visto os interesses vitales de um povo abandonados e desprezados, porque o parlamento não é a representação consciente e vigilante, mas synhédrio de inconfessáveis interesses e funestas oligarchias.»

Hoje, como em 1891, o *Centro Commercial* teria apenas de repetir as suas palavras, elevando á potência infinito a devassidão, o impudor, em que tudo isto se desfaz.

Não pôde legitimamente esperar-se que o governo, decidido na sua desorientação, mude de rumo, arrastado pelas boas palavras do *Centro Commercial do Porto* e associações congéneres.

Evidentemente, o caminho é outro. E' preciso que a energia e a decisão dos protestos dê ao movimento a cohesão exigida para que se levante, ativa e formidavel, a onda que deve alagar, ao partir, governo e instituições.

E' preciso não aguardar sob o bello ceu azul da nossa terra a chegada messiânica do Ferrabraz, que deve mover as multidões ao sabor das oscillações caprichosas do seu indicador suggestivo, mas, pelo contrário, convencer-mo-nos de que o País está entregue a si próprio e só com o seu esforço pôde e deve contar.

Para sua defeza o regimen acabou com todas as liberdades e garantias populares.

Em Portugal não ha nem liberdade de reunião, nem de associação, nem de imprensa, e, como se tudo não chegasse, bateram-se com as portas do parlamento na cara dos representantes do Povo. Numa palavra, a monarchia fechando ao povo a tribuna — Ordem — convidou-o á Revolução.

E' decidir, portanto.

O *Diario do Governo* publicou o decreto nomeando os senhores Luiz Bivar e Antonio Candido conselheiros de Estado.

Mais uma vez João Arroyo saíu chumbado, apesar dos esforços do compadre Hintze que dizem ter levado á assignatura o respectivo decreto. E' forte, mas eloquente!

Que lhe mette Joãozinho na equação das compensações?...

E' não hesitar que o país está a saque.

AO POVO

«**Não confie o povo no mandato que conferiu aos seus pseudo-representantes.**»

Sám dum homem que tem logar entre os pseudo representantes da nação as palavras que ficam transcriptas. Publicou-as no *Tempo* o sr. Dias Ferreira, a propósito do convénio.

O povo não tem effectivamente nada a esperar dum parlamento eleito por meio duma indecorosa burla.

O povo, se quizer salvar-se da ruina e da vergonha, tem que contar apenas comsigo. O parlamento, salvo raras excepções, é composto de automatós que fazem o que o governo lhes manda e que estão sequiosos do dinheiro porque podem ser vendidas a independência e a dignidade da Patria.

ASSALTOS

Como não basta a defender a obra do governo a cumplicidade progressista, força é buscar no arbitrio desordenado, na repressão violenta, em todos esses recursos ignóbeis dum regimen desesperado, o meio de a fazer vingar.

Confia-se muito na fria impossibilidade, na indiferença quasi risonha da grande maioria, que as desillusões successivas, o constante ludíbrio de esperanças creadas por fementidas promessas, o espectáculo permanente duma indecorosa politica de chatins, lançaram numa somnolência perigosa.

O gélo do país, que nos exorcamos por decompôr ás ardências da nossa lucta, é para o governo um alento, pois que elle, como nós, já não cre nos movimentos espontáneos da opinião; mas como muitas vezes os acontecimentos surgem imprevisivelmente como effeito duma causa minima, receia e quer reduzir a impotência os que, armados dos seus ódios santos e das suas esperanças generosas, denunciam alto ao povo os perigos que o ameaçam e querem traze-lo ao cumprimento do seu dever.

Não ha, pois, para o governo direitos e interesses a respeitar, e com tal fúria se lança na perseguição, que é para temer que os assallariados que hoje nos entram em casa, a rebuscar os escaninhos, nos prostem amanhã, traiçoeiramente, ao dobrar duma esquina.

Depois, é tal o desconcerto, tão manifesta a anarchia, que os figurantes odiosos dessas scenas de violência inqualificavel, se esquivam a responsabilidades e apresentam como *lété de ture* qualquer pobre diabo da policia. Foi o que succedeu no Porto, com a prisão de um redactor do *Norte*, prisão que ninguem explica e que o próprio governador civil e o commissário de policia, afirmando não terem ordenado, implicitamente condemnam.

Apenas, com uma cómica impotência, o chefe do governo diz a toda a gente: que assume as responsabilidades. E' já o estribilho irritante dum papagaio.

Assumo as responsabilidades,

assumo as responsabilidades! Mas indique, o grotesco fanfarrão, o meio de as effectivar, ponha-se ao alcance da vindicta dos offendidos, não se agache por detraz da sua posição.

E' bom, em todo o caso, registrar a quixotesca declaração. Ha-de servir de peça accusadora no processo de final liquidação, quando já não fôr tão prompta essa valentia com que acoberta os assaltos dos seus agentes.

Affigura-se nos, de resto, que essas perseguições e violências não podem servir á obra do governo.

Para os que luctam pelos altos interesses nacionaes, não deve a conducta dos quadrilheiros do poder ser motivo a extranhezas ou a desánimos.

A victoria, afinal, ha-de decidir-se por nós.

Ou teremos de acreditar que este povo não é tal a raça de heroes que andamos a celebrar com cândido entusiasmo, mas uma raça de escravos onde já não ganhavam relêvo os vergões das chicotadas.

O distincto cathedratico sr. conselheiro Bernardino Machado realisa, no dia 22 do corrente, no *Gremio Commercial* do Porto, uma conferencia sobre a nossa situação economica.

Os varões da Monarchia

O *Imparcial*, de Lisboa, biographa Abel d'Andrade num violentissimo artigo, surprehendendo essa personalidade, hoje tão em destaque, nas várias e interessantes phases da sua evolução.

De Coimbra até á vida politica da capital, Abel Andrade soffre a annotação contundente das suas qualidades e dos seus actos.

Nós achamos parecido o retrato, concordando, aliás, que o *cliché* pôde ser muito ampliado. Apesar de tudo Abel Andrade tem já o posto de marechal nas fileiras regeneradoras, e, segundo prophecia do *Seculo*, em breve será *marcello*.

Olhe o país para estes varões da monarchia, que os lacaios das suas respectivas cortes querem metter na galeria austera dos varões de Pluctarcho.

Carta de Lisboa

14 de março.

Foi interessante hoje a sessão da camara dos deputados. Antes da ordem, o sr. Francisco José Machado referiu-se ás violências contra a imprensa. Respondeu-lhe o presidente do conselho, com affirmações das mais espantosas. Numa dellas foi que deu providências para que os seus delegados prohibissem a circulação de jornaes que dissessem falsidades (*sic*) sobre o convénio. E insinuou que estava no seu direito e cumpria as leis.

Ora convém saber que nem a lei de imprensa nem nenhuma outra permite que o governo proceda contra os jornaes — por elles publicarem falsidades. Nenhuma. Sam bem expressas as condições em que a auctoridade administrativa pôde proceder contra um periódico — tendo em todo o caso, o acto que ser julgado depois pelo poder judicial. De nenhuma dessas condições faz parte a causa invocada pelo presidente do conselho.

E comprehendem-se que o não faça. O que não se comprehenderia era o contrario.

Admittido o principio de que um governo pôde julgar a falsidade das informações ou commentários da imprensa, é claro que cessava, de vez, toda a liberdade de imprensa.

Num país sujeito a tal regimen, só haveria imprensa governamental.

E' esse, evidentemente, o grande sonho do chefe do governo. E' essa, pelo menos, a sua pretensão, desde que subiu ao poder: acabar com a imprensa que não é monarchica.

Têm lhe saído errados os cálculos até agora.

... E quantas desillusões o esperarão ainda!

Ainda na sessão de hoje da camara baixa, usou largamente da palavra o sr. Augusto Fuschini. Foi a propósito do orçamento, mas o discurso versou todo sobre o convénio.

Não é discurso que se extracte facilmente, e que chamou hoje a S. Bento uma anormal concorrencia. Foi, porém, notavel a oração em que s. ex.^a calculou os enormes encargos que resultam do convénio, provando as circunstâncias em que fica o país depois de os contrair.

Mas, aparte o que esse deputado disse, ha a notar o assumpto do discurso.

Como se sabe, o sr. Augusto Fuschini, que ha 5 annos vem a interessar-se pela questão dos credores, mantendo uma attitude em verdade digna de elogio, tem sido ultimamente impedido de tratar no parlamento dessa questão.

Ainda ante-hontem se addiam *sine die* todos os seus avisos prévios sobre o assumpto.

Hoje, porém, todo o seu discurso tratou do convénio, dizendo s. ex.^a quanto lhe aprasia dizer, ou melhor, quanto julgava útil dizer.

PELA VIA LATINA

PINGUINHAS, CARAGO & C.^a

OS SOCIOS:

Padre Joaquim do Amaral Gomes, alumno do 2.^o anno juridico, o **Pinguinhas**; **Adelino d'Araujo Lacerda**, alumno do 5.^o anno medico, o **Carago**.

PROLOGO

Para as almas compassivas e boas e, por indole, inclinadas á brandura e ao perdão, vae talvez parecer-lhe inhumamente cruel, brutalmente feroz, a fórma como vamos apresentar ao despreso do publico e ao correctivo das auctoridades respectivas, estes dois execráveis batoteiros.

Tambem nos repugna a liça, tal é a convicção, formada em nosso espirito, de que todo o escarcéo é baldado, e que os dois aventureiros continuarão na sua casa de tavolagem, — estendendo sobre a meza de pinho, coberta pela sua capa de estudantes, o complicado baralho, onde por vezes desfilam sete valetes escanze lados, — na mais perfeita, na mais tranquilla, na mais commoda, serena e rendosa impunidade.

E' preciso no entretanto gritar aos ouvidos surdos do sr. commissario de policia que interveinha a sustar a exploração? é preciso aos olhos do sr. Bispo-Conde tirar a venda para lhe pedir castigo? é preciso ao proprio Vice-Reitor da Universidade mostrar a vereda criminosa para onde se desvia a mocidade? Não hesitemos, porque em consciencia, praticamos uma boa accção.

Havia, porem, formas diferentes de reclamar a intervenção enérgica destas entidades, afim de que sustassem a espantosa exploração. E, comquanto *Pinguinhas & Carago*, por qualquer aspecto que se olhem, não mereçam benevolência, o nosso artigo seria apenas de reclamação dentro dos limites do bom humor, difficilmente exgotado, se porventura os dois socios não viessem pôr-nos á vontade pelo seu desafio impudente e desonesto.

Estes dois miseráveis, que nem sequer têm a attenuar-lhes a criminosa empreza a desculpa maldosa da tenra idade, sempre evocada na defesa de delinquentes da peor especie, vão ser postos ao léo, para que todos lhe escarrem, dependurados pelas orelhas para que todos os vejam, na exhibição phantastica de monstros pelos quaes não é dado ter nem compaixão, nem dó.

Assim *Carago* vae ter o reclame que deseja; e *Pinguinhas* vae pagar caro o atrevimento de subir a escada da nossa redacção para ter de a descer como um triste sendeiro, o rabo entre as pernas como um gôso sob a ameaça do castigo inexoravel.

Façamos um bocado de historia.

Desde o principio do anno lectivo que *Carago*, na rua de S. Jerónimo, e *Pinguinhas*, na Couraça de Lisboa, jogavam o monte com larga clientella de rapazes de todas as edades e cursos.

Amigos meus contaram me episódios vários, em que a ladroeira se amalgamava com o cynismo, e foi me garantido que *Pinguinhas*, sacerdote de exportação, batoteiro, penhorista sem habilitação legal e taverneiro, desbancara o *Carago* e no seu lúgubre e sinistro 3.^o andar da Couraça, obtinha todas as noites inconfessaveis lucros. E accrescentava-se: *é uma pouca vergonha e os jornaes calados...*

Aquella sorna figura do *Pinguinhas* assumiu a meus olhos as phantásticas proporções de uma personagem das *mil e uma noites* e senti o ardente desejo de o ver na sua caverna, — rodeado pelo seu estado maior, o rosto factício e torturado, a pupilla allucinada, os cabelos em pé, a corça rapada, sem cabeção, em chinellos, as mãos nervosas passando as cartas, o olhar febril olhando os pontos — no mais suspeito e turvo jógo.

Lá fomos uma noite. Foi pelas vésperas das férias do Natal, que, passando á Couraça, um amigo que me acompanhava lembrou a promettida, por desejada, visita ao antro do famoso *Pinguinhas*. Hesitava em entrar, quando um rumor alegre de vozes conhecidas, saudando o empuxar violento de uma cancella, que ce líia, me resolveu a subir.

Trepámos tres lanços de escadas, quasi verticaes, a pique, até chegar ao cubiculo onde se encontrava o pontífice. A porta abriu-se e um quadro immundo se apresentou a nossos olhos: o antro era uma velha e acanhada cosinha, pobremente illuminada por um obscuro candieiro de petroleo, que exhalava um cheiro fetido. O ar viciado quasi nos fazia tombar. Ao centro levantava-se a meza, á cabeceira *Pinguinhas*, voltado para a porta, estava ás pagas, na sua frente outro estudante manobrava o baralho — talhando. Em volta da meza, cinco ou seis estudantes sentados — eram os pontos fortes. A volta muitos outros, de pé, confundidos, agglomerados, ajeitavam-se o melhor que podiam. Ao fundo uma escada; e, sentado no último degrau, um estudante talentoso e de espirito insultava o *Pinguinhas*. Só o dono da casa dera pela minha entrada, lobrigando-me entre os ultimos recém-vindos, e, perdida a serenidade e entaramellada a lingua, perguntou entre atrapalhado e receoso: quem abriu a porta?

Coube-me a vez de tranquillizá-lo e com voz forte exclamei — *jógo!* Experimentei então uma satisfação de que me orgulho: é que a um levantar de cabeças, provocado pelo meu grito, seguiu-se um ligeiro movimento de expectação por me verem alli, saudando-me alguns conhecidos com um — *você por cá?* amavel, de côrte.

Olhei as quatro cartas; serenamente procurei no bolso uma moeda — encontrei meia corôa. Batia-a sobre a meza — *troquel*, disse arrogantemente. O padre Amaral agarrou-me com carinho, a desconfiança passara-lhe, o seu olhar brilhante parecia dizer ao companheiro — *é nossa, e entregou-me o troco. Mico na quadra, e marquei mal. Pinguinhas* rectificou e numa mesura de igreja, esboçando um sorriso que no seu facias repugnante é uma carantonha, previne-me: *é melhor V. Ex.^a entregar-me o dinheiro e dizer como joga para eu marcar sem perigo de engano.* Emfim, o estudante Menezes annuncia que vae jogar, volta o baralho e, em porta, apparece a quadra de espadas. Eu tinha gánho.

Mais duas ou tres paradas e

contei os lucros: tres mil réis, era uma visita bem paga a quem ia vêr o quadro. Retirei-me, enojado e esclarecido. A todas as pagas havia barulho. Inalteravelmente dois, tres rapazes insultavam furiosos o reverendo Gomes, chamando-lhe de ladrão para baixo e ameaçando-o com os punhos cerrados. Elle immovel, solemne, os hombros encolhidos numa fleugma canalha: *vá Menezes vamos a isto, baralhe bem essas cartas...*

Chegámos cá fóra meio atordoados. O ar da noite fez-me bem, mas aquellas três corôas, vindas d'aquella mão canalha, escaldavam-me, sujavam-me. Descemos á confeitaria Telles e ahí deixámos o producto liquido dessa entrada triste naquella casa tenebrosa.

Desde essa noite que sentiamos a necessidade, o desejo, de desmascarar esse sacripante, misturado aos cincoenta annos entre rapazes para melhor collocar a armadilha torpe, immundo, repugnante, sem dignidade profissional, padre de prostibulos, vivendo ás claras numa devassidão canalha, para quem a Biblia é um pandemonio e a estola o cinturão de um bandoleiro.

Impediu-nos de realizar mais cedo esta obra meritoria a falta de um jornal.

Vêr-se-ha, no entretanto, que não perderam com a demora.

O feriado

A Associação Académica enviou a Sua Alteza um telegramma pedindo dispensa d'aulas para quinta feira e sabbado próximos, pretextando que entre esses dias se intercalam dois feriados, e que assim se antecipa o começo das férias de Páschoa.

Achamos peregrina esta ideia da conspicua collectividade, conquanto se nos affigurasse mais summário, por similar ponderação de *intercalamentos*, impetrar do esperanças rebento brigantino o beneficio dum perdão de acto.

Ha pouco, tambem os alumnos do lyceu de Lisboa enviaram ao Príncipe idéntica rogatória, e este precedente — num país onde os precedentes tudo absolvem — justifica o procedimento da Associação.

Todos temos, afinal, d'estas ingenuidades de collegial, porque a Associação nem sequer pensou que estes pedidos envolvem sempre uma baixa adulação, incompatível com a nobre altivez d'homens livres.

Mas emfim, creanças que são, procuram, afagando outra creança, com humildade de farruquellas, captar-lhe as boas graças.

Os americanos são extraordinarios em tudo: nas descobertas, nos arrojos, nas mentiras e nos records de qualquer especie.

Ainda ha pouco os jornaes americanos publicavam o caso duma senhora se ter casado sete vezes, e já agora inserem a noticia de que o medico James Nicolas Zann, de Nev-York, se casou nada menos do que 13 vezes.

E o mais ratão é que o moderno Barba azul, que conta 99 annos de idade, encontra-se na *afflictiva* situação de viuvo sem filhos, não tendo portanto um ente que lhe centre piedosamente os olhos quando morrer.

Treze vezes casado, podendo ter tido treze sogras vivas! Sufa, é de arripiar os cabellos.

Falleceu ha dias na sua casa de Lorrvão, o sr. João Lopes Guimarães, tio dos srs. drs. Antonio e Francisco Lopes Guimarães Pedrosa.

O extinto, que gosava de geraes sympathias, contava 85 annos de idade, sendo o cadaver transferido para esta cidade, onde ficou encerrado no jazigo de familia, no cemiterio da Conchada.

O nosso cartão de pesames.

FERROS CURTOS

II

Carta aberta

*Meu Abel, meu Abelsinho,
Tu decerto enlouqueceste,
Vaes seguindo um mau caminho
— Ai! filho no que tu deste!*

*Minha pomba tem juizo
Minha pomba, doce e má;
Com os homens, meu Narciso
Não te mettas, deixa-os lá*

*Não te mettas, tem cautella
Que o homem nunca perdôa,
Meu thesouro, minha estrella,
Os fracos duma pessoa*

*O que me irrita esta coisa
Nem tu decerto, presumes:
— Apalpaes o Mello e Soisa
Um homem de bons costumes*

*Olha que és louco, se arrostas
Com taes brutos, a brigar,
Vira-lhes antes as costas
— Deixa-os lá atacar.*

D. PEPITO

De pé na cova

E' como tem estado o sr. Alfredo Pratt, que sendo empregado de confiança do governo, na qualidade de administrador do concelho de Penacova, foi mandado fazer serviço no governo civil, dêste districto, como addido, por o chefe politico progressista daquella localidade, se ter imposto, para elle ser mudado da sua aringa.

Ora nós nada temos com as brigas de campanário, em que se mettam sujeitos que compõem *ascotteries* regeneradoras progressistas, enquanto elles se limitarem a agredirem-se e a mutuamente desmascarem as suas habilidades e proezas, ás quaes costumamos assistir de palanque.

Mas neste caso, ha um facto, que necessitamos frizar para elucidação dos pacóvies que ainda acreditam em desavenças sérias entre os chefes dos dois bandos que exploram o país.

Alfredo Pratt é administrador do concelho, regenerador, em Penacova, e como tal tem servido o seu bando e procurado ser agradável aos seus chefes, redigindo até um jornal retintamente partidário.

Lima Duque, chefe progressista de Penacova, e deputado, tem ás suas ordens um jornal, afnda mais partidário progressista, do que o proprio sr. José Luciano.

Pois Lima Duque, progressista, impôs-se aos chefes regeneradores, para que o administrador, com quem embirra por o prejudicar nos manejos da sua *colterrie*, seja demettido, ou pelo menos tirado dalli. E foi attendido na sua imposição!

Quer dizer: regeneradores e progressistas, são em publico duas quadrilhas com chefes próprios e modos de exploração diferentes; mas em particular, intendem-se perfeitamente, combinam os assaltos e as explorações, vivendo na mais santa communiidade de ideias e de processos de rapina.

E' por isso que o administrador regenerador, esteve de pé na cova, agora foi enterrado de vez no governo civil, por ter menos forças que o Duque progressista.

Eis uma boa prova da seriedade de progressistas e regeneradores.

Policia e gallinhas

O cabo oito, da policia civil desta cidade, é daquelles que costumam resar o padre nosso só até ao — *venha a nós* — e regula os actos da sua vida pela letra da resa.

Nas horas que o serviço lhe deixa livre, negoceia em gallinhas, o que não se lhe deve levar a mal, pois *chacun* governa-se, mas o que nos faz dar o cavaco, é elle querer valer-se da sua posição de cabo

policia para fazer render o *negocio*.

Eis um caso:

Um nosso amigo possui um armazem para os lados do Paço do Conde, que tem porta para um pateo pertencente a varios inquilinos. Numa das casas que deita para o pateo, tem o cabo oito as gallinhas do negocio.

Como duas das *penosas* adocessessem, a *cara metade* do cabo, deitou as para o pateo, afim de ali morrerem e não contagiarem as companheiras.

Um marçano do tal nosso amigo, que viu uma das gallinhas já morta e a outra em vésperas disso, pegou nesta e levou-a para casa, afim de vêr se lá lhe poderiam valer. Como lá não se trate de veterinaria e mesmo porque — quem lhe doe o dente é que vae ao barbeiro, foi ordenado ao marçano, que fosse deitar a gallinha onde a tinha encontrado.

O rapaz assim fez, sendo a gallinha apanhada pela esposa do sr. Manuel Augusto dos Santos, que lhe fez *algumas medicinas*, não conseguindo curá-la.

O marçano, porem, que é daquelles com quem o diabo nada quis, não deixou perder a occasião de causar mais um bocado de ferro á *cara metade* do cabo oito, e parece que disse que a gallinha estava de saude, gorda e bella que era mesmo uma consolação.

A mulher *abespinhou-se* com o dito, fez queixa ao marido e este, depois de andar a ruminar no caso uns poucos de meses, acabou por dar parte ao seu commissario, do *grande roubo de que foi victima*, de mais a mais feito a elle, um cabo de policia!

O commissario mandou intimar o rapaz para comparecer no commissariado, acompanhando o *partido* para dar as explicações necessárias, pois pelas indagações a que tinha procedido estava a isso habilitado.

O sr. commissario, que estava fazendo a digestão do almoço, não tinha o espirito bem disposto e no meio das explicações, que o nosso amigo delicadamente lhe estava a dar, exaltou se, ameaçou, perdeu a linha, o que lhe valeu ouvir algumas palavras desagradáveis, para a sua prosapia, mas merecidas pelo seu incorrecto procedimento.

A queixa do cabo não representa mais do que um desabafo da mulher, que assim deseja satisfazer a sua vaidade, mostrar importância e vêr se pesca nas águas turvas.

Se a participação fór para juizo, ali se apurará o caso e, então vêr-se-ha a maneira pouco justa e seria como a policia procede em muitos casos.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

ANNUNCIOS

GRANDE ALFAIATERIA

Leão d'Ouro

44 — Rua Ferreira Borges — 46

O proprietario desta acreditada alfaiateria resolveu fazer um grande abatimento nas fazendas existentes, não só por causa de balanço a que vae proceder no principio do proximo mez, mas para dar logar ao sortimento da *estação de verão*.

Fazendas para fatos d'homem e creança, vestidos e capas de senhora, gostos variadissimos, qualidades superiores, preços reduzidos.

E' aproveitar, quem quiser vestir bem e barato.

Loteria da Paschoa

40:000\$000

Extracção a 3 de Abril de 1902

Bilhetes a 20\$000 réis

Vigessimos a 1\$000 réis

A commissão administrativa da loteria, incumbem-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes e vigessimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31
Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, **Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos**, continua recebendo hospedes permanentes, por preços commodos. Fornece almoços e jantares para fóra, desde **300 réis**.

O proprietário,
José Maria Junior.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalisados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systéma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Coureira de Lisboa, 32.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{mos} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas — **Memória** — a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchima de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tão acreditadas máchimas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e acceitam-se máchimas em troca.

Esta casa acaba também de receber um grande sortimento de armures pretos, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.



OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — MANUEL DOS REIS GOMES

7 — RUA MARTINS DE CARVALHO — 9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, avisos, mappas, facturas, recibos, circulares, prospectos, memoranduns, etc.

Timbragem de papel e enveloppes.



JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocção de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa.

Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornece pelos preços do catalogo COFRES Á PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de servalleiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer natureza.

CASA INNOCENCIA

CONFEITARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)



VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir. Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e aceio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

REDUCÇÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construcção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mesa, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

PROTEINCHA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e felpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepçionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cosinha e mesa de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra).

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artística SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

PURGAÇÕES

Pilulas orientaes de A. R. de Passos
Pharmaceutico pela Universidade

Cura frequente, em 48 horas, da blenorragia (*purgações, mesmo as mais rebeldes*.) Só com o uso d'este acreditado medicamento. Resultado seguro e garantido por numerosas curas.

Preço da caixa—500 reis, pelo correio 510. Deposito em Coimbra — Pharmacia Cordeiro — R. Ferreira Borges.

FACTURAS e enveloppes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA
EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA
COIMBRA

SILVA & FILHO



Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

RESISTENCIA

Editor
Mannel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 683

COIMBRA — Quinta feira, 20 de Março de 1902

8.º ANNO

O GOVERNO SEM MÁSCARA!

“A câmara reconhece a justiça de satisfazer aos crédores externos e internos até á totalidade dos juros das respectivas dividas, em harmonia com as condições económicas do país e com os recursos do thesouro, porque de contrário qualquer augmento de encargos seria inutil e contraproducente.

Mas, reconhecendo tambem que lhe incumbe o dever de velar pela conservação immaculada da soberania e independência do Paiz, confia em que os governos nacionaes, seja qual fôr a sua origem politica, as manterám e defenderám, como expressões sagradas e intangiveis da existência de um povo autónomo e livre.,,

A maioria regeneradora, regeitando por unanimidade, na sessão de 11 de março, esta moção do deputado sr. Augusto Fuschini, precisamente na vespera da imprensa governamental noticiar o encerramento das negociações para o CONVÊNIO--denunciou ao País a traição do governo.

A eloquência do facto dispensa commentários. O País se quer ser livre e independente não tem que hesitar:---a monarchia é contra a Nação, erga-se o Povo contra a monarchia!

ULTIMA ESPERANÇA

Annunciaram os jornaes, por entre as exultações gratulatorias dos assalariados do regimen, que se ultimaram as negociações do convênio, vencendo-se com felicidade a reluctância dos credores ingleses.

Falta, pois, para que essa ignominia passe em julgado apenas a chancellia do parlamento. Esta última formalidade não é para o governo motivo de sobresaltos, como não deve ser para o país uma razão de prolongar a sua confiante expectativa.

A questão simplificou-se extremamente. Desbarataram-se boas palavras, torturaram-se muitas verdades para se affieçoarem ás fórmulas cortezanescas das respeitadas representações.

O governo, porém, não se sentiu peiado por esses tenues indícios de resistencia, porque de ante-mão sabe que essas collectividades que se lhe dirigiram a pedir moralidade e patriotismo, se confinaram no âmbito estreito desses improficuos protestos.

Para os que, desenlhados das obrigações de deprimentes accordos, mais alto affirmáram a sua hostilidade a essa odiosa mercancia, decretou o governo a repressão draconiana, á antiga, não fosse a alma popular deixar-se seduzir e vencer por esse nobre apostolado de Justiça.

Conseguido o apoio dos adversários rotativos pela partilha amigavel dos bens, faltava conseguir o assentimento tácito do país, abafando por todas as fórmulas os protestos da Opinião.

Havia quem tivesse a velleidade de resistir á tyrannia do Poder, conclamando a necessidade de a derrubar?

Era preciso, para completo exto da indecorosa negociata, reduzi-los ao silêncio.

E postos em prática esses processos, como a opinião continuava impassivel na sua indolência

sultânica, o governo apressou a conclusão do accôrdo cujos effeitos redundam em fundo golpe para a nossa existência de povo livre.

Suppondo-se victoriosas, as quadrilhas que o sr. Dias Ferreira denunciou ás justias destes reinos, rejubilam impudentemente. Como depois dum assalto feliz, os bandoleiros felicitam-se e gabam-se a destreza.

Tal o estado da questão.

Mas, embora feridos por muitas desillusões, ás vezes mesmo tomados dum súbito desespero ante esse silêncio frio onde morrem as nossas palavras calorosas, nós não fazemos ainda deste povo o juizo deprimente em que o têm os governantes.

Não queremos acreditar, nesta hora suprema em que todas as esperanças fenecem e os braços caem no desalento que vem do Irremediavel, que elle seja uma horda soffredora de escravos. A situação, é certo, inspira receios.

Ha um silêncio fúnebre, uma calmaria pesada que asphixia; o país tem o aspecto dum vasto cemiterio onde os clarões da nossa crença gritante fossem simples fogos fatuos.

Os pronuncios da tempestade sam tambem duma temerosa serenidade. Os elementos concentram-se. E após essa silente immobilidade das coisas, num estorço subitico, o furacão revolvente, a tormenta agita-se, ameaçadora e sublime.

Pela nossa crença tão vivaz e pela honra deste povo, nós esperamos tambem que, neste momento decisivo, se desencadeie uma tempestade salvadora.

Que ninguém a recete, que todos a evoquem, que a todos nós ella encontre de pé, imperterritos e altivos, como essa lendaria sentinella que appareceu firme no seu posto, imagem formidavel do Dever, ao excavarem-se as ruínas de Pompeia.

A lucta é, nesta hora angustiosa, um dever de honra e um direito de legitima defeza.

Luctemos. Defendámo-nos.

Se é que a fatalidade do Destino inexoravelmente nos condena, saibamos morrer dignamente, que a morte honrada será, para a historia, o resgate d'esta passividade aviltante em que nos temos mantido.

Ludibriaram-nos? Roubaram-nos?

Nem todos os meios se esgotaram. Se o governo, rodeado dos seus aulicos, cerra os ouvidos e ri das querulas palavras de bons burgozes pacíficos, elle ha de descerrollos á eloquencia augusta da Insurreição.

Chronica do theatro

Já paginado o jornal, quando chegou a esta redacção o artigo *Chronica do theatro*, devido á penna brilhante do illustre redactor da *Resistencia*, sr. dr. Teixeira de Carvalho, impossivel se tornou publicá-lo em o número presente.

Com bastante mágua damos esta noticia aos nossos leitores, que aguardam sempre, impacientemente, os artigos do notavel critico.

EM GUARDA

O governo quer fazer um convenio, que deshonra o país; o povo tem que fazer uma revolução, que salve a sua independência.

O governo não tendo dinheiro para a continuação da orgia, quer vender a pátria aos estrangeiros; o povo, que é honrado e trabalhador, quer defender o seu patrimonio e as suas heroicas tradições.

O governo colloca-se fóra da lei, para opprimir; o povo deve collocar-se dentro della para resistir.

A anarchia do governo, deve responder a insurreição do povo.

Chronica politica

Já batem as azas num apetite financeiro os córvos dos syndicatos financeiros.

O *Times* annuncia o festim, e o sr. Carrilho—director geral da Fazenda e presidente do conselho de administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro—terá uma gran-cruz, ou titulo de conde ou marquês, dentro em pouco!

O *Council of Foreign Bondholders* mandou dizer aos portugueses que, em vista da resolução tomada pelos comités dos portadores allemães e francezes, concordará tambem em recomendar aos portadores ingleses a accettazione do projecto do convênio. Estão perdidos!

O *Diario de Noticias* publicou já as bases do accordo, que transcreve do *Dayli Telegraph*, onde, talvez, o sr. marquês de Soveral as mandaria publicar, e abençoa o successo com a sua benevola attitud. Pelo seu lado o *Seculo* está mais ministerial que o sr. Hintze Ribeiro!

Tudo no melhor dos mundos possiveis!...

Os comités hollandês e belga não oppõem resistencia e o arranjo pode julgar se fechado.

Assim entrámos na semana santa do anno da graça de 1902, e depois teremos as alegres festas da Páschoa, com esse bello presente de amêndoas que o regimen em que temos vivído de bachanal financeira offerece ao burrinho de carga que se chama povo luzo.

E silêncio sobre a questão! O parlamento vai votar, e a ordem é estar calado.

Sobre a palavra do sr. Fuschini e Dias Ferreira cairá o *apagador* que mergulha na escuridão dos mystérios insondaveis os vários negócios das companhias poderosas, e nas cathedraes politicas, José Luciano de Castro, o Poncio Pilatos, e Hintze, o Judas, sentenciaram ao martyrio da Cruz o manso cordeiro, o bom Jesus,

synthetisado na figura angustiosa que Bordallo Pinheiro tantas vezes representa:—o *Zé Povinho!*

Apropriada vai a época para as solemnidades do cruxificado!...

Depois das trevas surgirá a luz, e quando o gran rabino da judiaria monarchica entoar o seu *lumen christi*, repicarám os sinos de todas as capellinhas, salvarám castellos e fortalezas, e não ficará ladrão nenhum dos que levaram a última camisa ao pobre esfomeado que se chama povo, sem elevar ao ceo das suas torpes ambições a sua voz repetindo:

Alleluia!
Alleluia!
Alleluia!

O alfaqui, que é o sábio da lei, receberá os parabens de todas as quadrilhas, e cada qual se continuará a governar como melhor convenha aos interesses da grei.

E o povo que se governe tambem, se tiver artes para isso.

Em conclusão:

—O convênio será votado logo depois das férias de Páschoa.

—O accordo com os credores deve julgar se firmado, *ad referendum*, pelo sr. Carrilho.

—Essa assignatura representará para os crédores negócio firme e valioso, visto que em Portugal não ha partidos monarchicos que osem defender os interesses do país contra as exigências dos syndicatos financeiros, dentro dos quaes estão mettidos, como ratos dentro de queijos, os principaes chefes da rotação constitucional.

—A companhia dos phosphoros, onde Burnay ganha o melhor de 500 contos por anno, porque, directa e indirectamente, é comprador e vendedor—ao mesmo tempo—de matérias primas—arranja, de vez, a sua rica vidinha. O mesmo succede á companhia real dos caminhos de ferro, e aos 200 politicos que de ha muito trazem hypothecada a rethorica ás debilidades do estomago.

Deste feita o unico mal que lhe póde succeder é uma indigestão

que os mate, visto que não ha um raio que os parta.

Por aqui nos quedamos hoje. Fica publicado o aviso, e ver-se ha que nós não enganamos.

Toca para as igrejas a recordar os mysterios do mártir do Golgotha.

Tradusa bem, o nosso povo, as passagens da paixão, e não se esqueça de meditar convenientemente nas figuras mysticas de Judas, Jesus e Pilatos!

Passados os dias tristes, aí, pelos arrebalde da cidade, não faltará vinho para alegrar os des-cantares, nem bailadeiras graciosas para entontecerem a rapaziada!

Brincar!

Brincar!

No entretanto o convénio vo-ta-se no parlamento.

Terminando:

O governo já arranjou um em-prestimosinho no extranjeiro. E' a primeira consequência do arranjo com os crédores. Affirma-se que esse negócio é de arrepiar as carnes a gente honesta, e representa uma *sorte grande*, conseguida... para o thesouro, é claro, pelo ministro da fazenda, pequenino como sabem, mas es-pertinho como um sagui.

Discipulo de Mariannol...

Filho de peixe...

Etc.

Um governo de traidores não pode firmar contracto al-gum em nome do país.

Uma câmara de falsos re-presentantes da nação, não po-de egualmente sancionar qual-quer convénio com o extran-jeiro.

Em nome da nação só ella pode fallar.

E a nação declara que não consente no convénio, porque não permite que os traidores a vendam da maneira mais hedionda.

Espelho cathólico

Na freguesia de Pinheiros, con-celho de Monsão, o padre João Rodrigues Marques assassinou, com oito facadas, seu irmão Antô-nio Rodrigues Marques.

A causa única que levou o pa-dre a commetter o fratricidio, foi o irmão ter cortado um pinheiro num montado pertencente ao as-sassino!

No dia 13, que muita gente tem na conta de aziago, começou, na carreira regimental de infan-teria 23, a instrução de tiro, pa-ra as praças do regimento.

Em breve começaram tambem a instrução de tiro, dos sócios da *Associação dos Atiradores Ci-vis*, com sede nesta cidade.

E' bom que o elemento civil se aperfeiçõe no exercicio de tiro, pois que pôde ser necessária a sua intervenção para a independência da pátria, e é urgente que todos os cidadãos válidos saibam fazer uso das armas.

No anno passado a concorrên-cia á escola de tiro foi grande; este anno deve ser maior.

E' que a pátria está em perigo, e dum momento para o outro pô-de tocar a reunir.

Falliu no Rio de Janeiro a im-portante casa bancária de Sousa, Alves & C., correspondente do banco Alliança e uma das mais acreditadas daquella praça.

Esta fallência causa grandes prejuizos não só á praça do Rio de Janeiro e Banco Alliança, mas a muitas pessoas residentes em Portugal, que tinham os seus ca-pitales lá depositados.

Por enquanto não se sabem pormenores da fallência.

PELA SEMANA

Coisa assim de certo vulto, durante os ultimos oito dias — só sendo o advento da Civilização na Universidade de Coimbra.

Chegou pelo braço da *Vida Académica* — uma que não deve deixar d'assignalar-se, d'entre as garotices notáveis que por ahí apparecem ás vezes, em lettra redonda e com seu arsinho petulante de publicação periodica.

Na página fronteira, e relegada para o derradeiro plano, acaça-padinha, numa apreciavel inten-ção de symbolismo, até á altura do tornozello da Civilização, lá se representá a Universidade, com a torre, o relógio, o pára-raios; tudo tã completo e ca-paz, que só lhe falta o sineiro a repicar tristemente a cabra e um casal de *japonezes*, no cimo, ar-regalando o olho jubiloso perante a *incomparavel belleza dos cam-pos uberrimos de Coimbra*.

E' nesta altura que surge, enorme, com o seu resplendor expli-cativo e uma desleal pretensão de se disfarçar em Rainha Santa — para lhe não pôrem embargos — a Civilização. Certo é, porém, que tal personagem não fez na Universidade a sua entrada com aquelles sisudos modos e aquella serena compostura de maneiras que sã apanágio das pessôas bem educadas e que tã ajusta-namente se apropriariam á gravi-dade do lugar.

Appareceu em camisa, de ca-beça rachada, e com todo o ar arrelampado de quem levou a noite ao léo — a grande bebida!

Em vez do porte magestoso e austero que seria de rigor em creatura de tã alta cathegoria — a Civilização apresentou-se a jogar o eixo rebaldeixo com dois interessantes académicos que a acompanharam no bródio; e tal foi elle, que o acadêmico da direita mal começa a dar por si, ao pas-so que o da esquerda se encontra ainda na altura das ancias horri-veis do vômito.

Na última página, atiram-se três tã puxadas parelhas de coices na memória de Camões, que o desgraçado, a quem cruelmente collocaram por cima, com o cri-minoso intento de o obrigarem a assistir ao seu próprio suppli-cio, tiraria decerto ali mesmo um desforço condigno, se não tivessem tido o cuidado de o pin-tar sem braços, nem pernas — nem o resto; porque outro des-forço, além do murro ou do pon-tapé, poderia realisar, attenta a situação privilegiada em que o pu-zeram. Assim, contentou-se o Épico em fazer beicinho; e não se sabe se vae escarrar, ou se desatou a apitar perdidamente — tal como se houera passado a noite no *Pinguinhas*.

Tambem, era de prevêr aquil-lo. Um dos redactores da gazeta chama-se Jô; e eu desconfio que seja o Jau, disfarçado, a querer consolidar a gloria do patrão.

Quanto ao recheio da obra, é na verdade bem extranho que o sr. Lopes d'Oliveira se dê agora ao mister de desmammar creanças.

O sr. Lopes d'Oliveira é um artista de valor, com responsabi-lidades creadas, mórmente no meio coimbrão; e pelo que deve a si e aos outros, não pôde d'animo li-geiro ir misturar o seu nome com os dos primeiros meninos que se lembrem de publicar a *Vida Aca-démica*, ou coisas d'egual jaez. O jornaleco é uma infantilidade que ninguem pôde levar a mal. Posi-tivamente, não ha pessôa sensata que se lembre de pedir responsabi-lidades ao auctor das *Doas Pa-lavras*, ou ao da versalhada *Mãe* ou ao do *Penedo da Meditação*; e se aqui se fala em tal coisa, é tã só para que não se lembre al-

guem lá fóra de aquilatar por ali a mentalidade coimbrã — que ha gente para tudo, neste mundo.

Mas, para que assim não suc-ceda, é preciso, claramente, que entre a petizada inoffensiva que lá rabisca, não appareça alguem de nome e de merito a sancionar e a auctorisar a creancice.

Presumimos, porém, que o sr. Lopes d'Oliveira, quando escre-veu o seu artigo, não sabia de que especie de gazeta se tratava — e dêmos de barato que não torna...

A. S.

O nosso estimavel collega *A Folha de Coimbra*, com fina iro-nia, diz que o facto da câmara ter mandado apagar uns candieiros em logares centraes, como na ponte de Santa Clara e largo do Principe Real, é certamente no intuito de fazer economias.

Ora se a câmara está tam falta de dinheiro que necessita suppri-mir candieiros da iluminação pú-blica em sitios centraes, qual é a razão porque não tãem andamento uma quantidade enorme de mul-tas, por transgressões, que exist-tem na sua secretaria, pois, se-gundo informações que temos, ha muitas por pagar desde o tempo que governou o municipio o sr. dr. Lourenço?!

Nós não desejamos concorrer para o mal de ninguem, mas achã-mos justo que se obrigue a pagar quem delinque, pois não sendo assim os transgressores continuam a prevaricar, enxovalhando ainda em cima os empregados.

Duma freguesia dêste concelho sabemos nós que existem mais de cem multas para applicar e nenhuma teve andamento!

Se ha falta de dinheiro, obri-guem-se a pagar os transgresso-res e devedores ao municipio, e só depois disto e duma adminis-tração o mais económica possível, é que se poderá, sem protestos, se ainda fôr necessário, fazer economias na iluminação e noutras verbas pertencentes a coisas de primeira necessidade.

Dizemos isto sem a menor acrí-mônia e apenas por nos parecer mais justo e consentâneo com os interesses dos municipes de Coim-bra, o procedimento por nós in-dicado.

“A vida académica,”

Foi-nos enviado o 1.º número dum jornal illustrado e litterário, que encetou a sua publicação nes-ta cidade, com o titulo que nos serve de epigraphe.

A *vida académica* é collabora-da pelos srs. José Luis d'Almei-da, Adriano d'Azevedo, M. C. L. e Armando S. Mathias.

Agradecemos a remessa do no-vo collega.

No dia 10 do próximo mês de abril, finda o praso do concurso para o preenchimento de vagas de distribuidores supra-numerá-rios, que existem nos concelhos de Coimbra, Cantanhede, Louzã, Condeixa, Soure, Tãboa, Monte-mor-o-Velho e Oliveira do Hos-pital.

A's vagas em Coimbra, até á data, ainda não houve concorren-tes, e não será fácil que os haja porquanto a última reforma dos correios veiu aggravar a tã des-graçada situação dos distribui-dores, que, além dos minguados ordenados que vencem, ainda de futuro ficam sem direito á refor-ma, que lhes garantia o pão, quando, inutilizados pela traba-lhosa vida a que sã sujeitos, ten-ham de deixar aquelle serviço.

Ao sr. dr. Araujo e Gama, reitor do lyceu desta cidade, foram concedidos 4 dias de licença depois das férias de Paschoa.

PELA VIA LATINA

PINGUINHAS, CARAGO & C.ª

OS SOCIOS:

Padre Joaquim do Amaral Gomes, alumno do 2.º anno juridico, o **Pinguinhas**; **Adelino d'Araujo Lacerda**, alumno do 5.º anno médico, o **Carago**.

II

Ainda não contãmos como o jogador *Carago* e o salteador *Pinguinhas*, separados no princí-pio do anno lectivo, autonomos no seu trabalho de exploração de-saforada, vieram cair nos bra-ços um do outro no *toast* arre-batado de um banquete panta-gruelico.

Desconfiados, olhando-se de soslaio, os dois batoteiros reuni-ram-se alfim para não arrastarem a dignidade da profissão pelo aba-timento das *portas*, numa concor-rencia desleal. E assim no antro da rua de S. Jeronymo, onde a firma tinha actualmente a sede dos seus descontos, os lucros sub-biam fabulosamente, e a mocida-de, perdida a mezada e exgota-do o crédito, apodrecia na batota, arriscando numa parada ultima a derradeira moeda emprestada, com oneroso juro, pelo padre Amaral, sobre qualquer valor, que avaramente guardava.

A historia da escriptura está, porém, prejudicada. A sociedade está dissolvida. A intervenção, im-mediata ao nosso artigo anterior, do sr. commissário de policia, dr. Pedro Ferrão, e a deliberação firme, tanto para louvar, em que sua excellencia se encontra para acabar com as casas de tavola-gem ainda que os proprietarios se disfarçem com a matricula na Universidade, ou sejam curas de almas em freguesias ruraes, fo-ram as causas determinantes, aproveitadas pelo *Carago*, para alijamento do socio, a quem nos seus queixumes e lamentações, entrecortados pelos quintos de tosse da sua bronchite chronica, apelida de ladrão, e a quem ac-cusa do monstruoso crime de, aproveitando a sua ausencia, ten-tar violar uma crean-ça de quatro annos, que ardidamente atrahira a sua casa.

Desalojados, entregues á poli-cia que lhes vae na piugada, aban-donemos o *Carago*, á mercê do terpinol e attentemos fixamente, no triste personagem Joaquim do Amaral Gomes, padre moeda-fra-ca, que, perdida a lucrativa indus-tria, já uiva no seu covil, mastim sinistro e sordido, que é preciso liquidar de vez.

Se a *Resistencia* levantou esta campanha de moralidade contra os batoteiros, que exploram a mo-cidade académica, não pôde cruzar os braços deante do padre frascario e libertino, que fez das suas vestes um dominó obsceno e da religião uma sarabanda ébria e extravagante a presagiar lhe de-boches inextogaveis. Não. Este pa-dre gafado é uma affronta á digni-dade da especie homem e um insul-to barbaro á crença dos catholicos. Levante-se-lhe, pois, o auto e ap-pelemos para o sr. Bispo-Conde, a pedir-lhe condemnação efficaz e exemplar. E se a *tentati-va de violação*, que vamo-s a seguir documentar, não basta a instruir-lhe o processo acom-panhamo-lo, ainda que numa di-gressão rapida, no esboço de al-gumas miserias, porque a histo-ria sordida deste padre, eloquente na revelação de seus predicados e aptidões moraes, podia originar volumes.

Deixemo-lo ir, só, ao Brazil, on-de foi receber as ordens que um bispo honrado, concededor dos seus merecimentos, lhe recusára terminantemente na sua terra.

Deixemo-lo andar, só, por entre a floresta, o peito latente de tra-gedias, convulso, amordaçado pelo pavor, o punhal nos dentes, o bacamarte aperrado, caminhando pelas picadas, á hora noctivaga em que se ouve o piar agoirento do oitibó e das caúans negras; deixemo-lo, ora esconder o seu braço homicida por entre o con-dor, a palmeira, a sapucaia, o ipés, o embaubas e os cipós, engrinal-dados pelas folhas e flores de tan-tas trepadeiras, ora rastejar como o sacuri por entre as taquáras e os bambuais, comendo o capim, quando o assalto falhava, ou su-gando o sangue como o gambá, quando a victima vinha despreve-nida.

Não reproduzamos tambem a historia do infeliz mulato que, tendo apenas anno e meio, o pa-dre trouxe no seu regresso; e, porque o maltracta com pancadas e o tortura pela fome, deixemos ás auctoridades competentes a in-vestigação da tragedia.

Para o libello deste heroe bas-tam nos apenas as suas proezas de Coimbra, apezar de aqui chegado ha pouco mais de um anno, onde a sua alcunha suggestiva de alcouce traz a nossos ouvidos o echo extranho de accões hedion-das, desde os simulados casamen-tos entre meretrizes e bohemios, que a sua mão sacrilega abençoá a horas mortas da noite á luz amadornada dos bicos das tasca-s — essa mão assassina que, no sab-bado, na sua caverna se armou para cravar o punhal no peito inoffensivo de um rapaz de dese-seis annos e depois levantou a hos-tia divina no calix sagrado aos pa-rochianos da Nazareth da Ribeira — até ao phariseu que rebate a dignidade, cynico e indifferente, como marca o baralho.

A' volta da sua mesa de jogo, elle ouviu sempre, frio e impassí-vel, a explosão ameaçadora de braços que se levantavam, em im-pulsos de ameaça, os impropé-rios insultantes, e se porventura algum *ponto* mais nervoso torna-va effectiva a affronta, *Pinguinhas* esgotava o cálix de todas as amar-guras, soffria todos os flagellos e exigia dinheiro. O seu corpo é um balcão, a sua alma uma cloaca.

Assim aconteceu numa noite em que um estudante partindo-lhe na cara um cinzeiro, o padre exigiu quinhentos réis de inden-misação, — dois tostões o preço do objecto, e três o do insulto!

E doutra vez em que outro es-tudante lhe atirára á cara um pu-nhado de tostões, *Pinguinhas*, o mártir, entre maguado e será-phico, apanhando o dinheiro rep-licava: *isto não é maneira de-cente de entregar a massa a uma pessoa*.

Mas este homem indigno, co-bera a corôa, separando-se do baralho que o anniquila, arran-cando o cabeção que elle enxovalha, mesmo violentamente por entre blasphemias, como costuma

em noites de azar, ter-se-ia sentido alguma vez estudante com dignidade, com pundonor?
Não.

Á última hora:

Ao entrar o nosso jornal na machina, somos informados de que o padre *Pinguinhas* fôra dispensado de pregar amanhã na igreja de Santa Cruz, para o que estava contractado. No exemplo do parochista fregueza deve reparar o sr. Bispo Conde.

Está concluída a impressão do *Anuário* da Universidade, começando já a ser distribuído.

Chamamos a atenção do digno chefe da estação A do caminho de ferro desta cidade, para a forma como estão sendo feitos os despachos em grande e pequena velocidade.

Sam tam demorados os despachos que chegam a fazer desesperar o mais paciente dos mortaes.

E', pois, conveniente que o sr. chefe observe a causa de taes demoras e providencie de molde a evitá-las visto os prejuizos que acarretam.

Consta-nos que a Associação Commercial desta cidade vai officiar ao sr. Chapuy, director da companhia dos caminhos de ferro, reclamando a collocação de duas balanças no armazem dos despachos de pequena velocidade da estação A, e ainda sobre outras providências a tomar.

O Grupo Excursionista Fraternidade Operaria, que promoveu em setembro último uma excursão ao Porto, tenciona realizar em maio uma excursão a Leiria e ao convento da Batalha.

O iniciador da excursão é o presidente do grupo, sr. Alberto Vianna.

O sr. ministro das obras publicas está resolvido a applicar ás direcções das associações de socorros mutuos, que não enviem a repartição competente até ao fim do mês corrente o respectivo relatório, contas e parecer do conselho fiscal, respeitante ao anno findo, a penalidade imposta pela lei que é de 50000 a 200000 réis, a cada um dos membros da direcção.

Arranjos

Estão para breve, as nomeações de dois preparadores para a faculdade de Philosophia, e dum director para o gabinete de Radioscopia, ha pouco criado pela nova reforma universitaria.

Os gananciosos aguçam já o dente, para as novas postas; e na inconsciencia alvar da sua ignorancia e incapacidade preparam furiosamente os empenhos para o concurso. Mais uma vez se verá representar a farça torpe da nomeação injusta. E assim á sombra das falsas promessas de uma supposta reforma util e proveitosa, do nosso ensino, e da nossa universidade, se verá tambem mais uma vez, abandalhar a escola que de vera a primeira do país.

Não sabemos ainda, de certeza, quaes serão os afilhados preferidos; apezar disso, porem, temos, a noticia de que se acham em campo, e com probabilidades de victoria, alguns ignorantões, que a politica protege, e que a malandrice de certos precedentes enche de animo e coragem.

E' com mágua, e mais do que com mágua, com vergonha, que todos aquelles que passaram pela Universidade, trabalhando com amor e dedicacão, verám prestes a cair nas mãos inhabeis e ignorantes de preparadores *ad oc*, o ensino e a prática, que elles num admiravel amor de escola, de sciencia e até de patria, queriam, sempre ver progredir e levantar-se.

E a nós, sobretudo, que, no desejo de salvar a nossa terra, andamos procurando para as fileiras do partido, espiritos saos, cultos e honestos, criados na adoraçao do trabalho, na pratica do bem, e na honestidade de bons principios, revolta nós, principalmente, o facto de entregar-se a educacão dos novos a individuos, que não comprehendem, nem podem cumprir com a missao de professor, e que apenas, numa pompa estulta, tomam conta do ensino, para sugar o thesouro, cultivar, torpemente, muitas vezes, a influencia do logar que occupam, e ostentar sempre com seus dislates, a força que, em nossa terra, tem a ignorancia, quando é misturada com a politica.

A dois passos das nomeações a que no principio alludimos, e em face do que nos consta, não podemos deixar de sair a campo para lavrarmos claramente o nosso protesto, e para annunciarmos que ficamos de atalaya as malandrices que se vierem a commetter. Não nos move nem a fome nem a inveja; pugnamos apenas pela

justica. E em nome della, luctaremos, para que os concursos sejam coisa seria, e para que mais do que a politica venham a valer os merecimentos e as habilitações dos candidatos.

Para o annuncio, que não secção competente inserimos, com o titulo *Amendoas e cartonagens*, chamamos a attenção dos nossos leitores.

Foi dada ordem para que na imprensa da Universidade sejam impressas as obras do sr. dr. Gomes Teixeira, director da Academia Polytechnica do Porto.

A camara municipal desta cidade representou ao governo, pedindo a continuacão do caes até aos portos dos Bentos e do Arnado, conclusao das obras do caes em via de execucao e continuacão das obras para a canalisaçao dos esgotos desta cidade.

Que a representacão não seja só para inglêz vêr, é o que desejamos, pois no nosso país nomeiam-se commissões e fazem-se representações a proposito de tudo, succedendo quasi sempre as coisas continuarem com *quartel em Abrantes*.

Representar, é alguma coisa, mas apoiar a representacão e instar pelo seu prompto e cabal deferimento, é o principal da obra.

Pôs termos á existencia Adriano Cerveira Nunes, casado, alfaiate, morador ás Portas de Santa Margarida.

Diz-se que a causa que o levou a tal extremo foi a falta de meios.

Por deliberaçao dos accionistas do Theatro circo, vai este ser posto em praça, no dia 20 de abril.

A reuniao dos accionistas realisou-se no salão do mesmo theatro, reconhecendo-se a necessidade da venda do edificio por falta de capital para nelle serem feitas as obras de que tanto carece.

Na verdade aquella casa de espectaculos necessita uma grande reforma em tudo, pois uma cidade como Coimbra, merece possuir um theatro de primeira ordem, com uma direcção arrojada e co-nhecedora a fundo das exigencias dum publico illustrado e selecto como é o nosso.

Veremos quaes os capitalistas que se abalançam á compra e se teram a sufficiente iniciativa para reformar e collocar na devida altura o Theatro circo.

replicou Manuel no mesmo tom. Por amor de Deus não me mate hoje, ou então não poderei admirar amanhã essa sua maravilha!

—Mas para que hade estar a contrariar-me! É muito feio!

—Asseguro-lhe Alice, que, conhecendo como conheço a sua indulgência e extrema bondade, não estou muito convencido das qualidades superiores de Mademoiselle de Croisy.

—O incrível! Incrédulo e mau! repetia Alice despeitada, pergunte á mãe avó.

—Mademoiselle de Croisy pareceu-me na verdade encantadora, respondeu madame de Villy; mas vi-a pouco tempo e sou forçada por isso a referir-me apenas á tua apreciação.

—E depois, disse Mademoiselle de Villy, Manuel tem talvez razão; porque se experimenta ás vezes uma verdadeira decepção ao ver uma pessoa muito gabada.

—Tambem o sr., papá, tambem contra mim? Pois não digo mais palavra, hã de ver e julgar.

A questão acabou com uma gargalhada do pae e de Manuel. No dia immediato estava es-

quecida a conversa e Alice esperava impaciente, mas feliz, o momento de partir de carruagem, com Mademoiselle de Villy, para Bernay, onde deviam ir procurar Mademoiselle de Croisy.

Conversava doidamente, ou antes chilreava a propósito de tudo sem escutar. Descia a cantar do quarto de Herminia á sala de visitas, e tornava de repente a subir da sala de visitas ao quarto, como se tivesse medo de haver esquecido alguma coisa nos preparativos que tinha feito para a receber.

As duas horas da tarde, quando teimava com o pae para mandar atrelar, parou uma carruagem ao portão do parque, e pouco depois ouviu-se o toque da campainha que o portão punha em movimento ao abrir-se.

—Meu Deus! exclamou Mademoiselle de Villy, ter-se-ha Herminia explicado mal na carta, e ver-se-ia obrigada a vir assim?

—Ah! Minha prima, disse Manuel sorrindo, como pôde uma creatura tam perfeita ter se explicado mal, e como pôde a prima não a ter entendido!

—Está sabido que, até nova

Adhesão

Os photographos desta cidade, enviaram a adhesão que abaixo publicamos, á commissão de Lisboa, iniciadora do movimento de protesto contra a proposta do ministro da fazenda, augmentando os direitos ás chapas photographicas.

E de todo o ponto justa a reclamação, pois tal augmento muito prejudicará os photographos, porque augmentando de preço os retratos, o trabalho diminuirá, ficando tão numerosa classe em circumstancias precarias.

Quando tantas coisas superfluas pagam direitos reduzidos, tendo-se até, nuna das legislaturas transactas diminuido as pautas em objectos meramente de luxo e só bons para familias abastadas, augmentam-se os direitos na materia prima duma industria florescente e que tantos serviços presta.

Mas se tudo isto anda tórto, como é que se podem esperar boas e justas medidas?

«A classe dos Photographos de Coimbra, surprehendida pelo projecto do sr. Ministro da Fazenda para o augmento dos direitos nas chapas photographicas, e tendo conhecimento do movimento iniciado pelos photographos de Lisboa, secundado por todos os collegas do Porto e do País a fim de protestar contra tão odioso, como irregular e injustificavel augmento de direito do primordial da industria e arte photographica, vem por este meio significar a sua inteira e incondicional adhesão ao movimento iniciado, e declarar que, solidaria e collectivamente acompanhará os seus collegas numa representacão ao Parlamento para que seja retirado das propostas da Fazenda o novo e excessivo imposto, que vem aggravar ainda mais a situação do Photographo e do publico, já sobrecarregado, como toda a gente que trabalha, com excessivas e vexatorias contribuições.»

(Seguem-se as assignaturas)

Foram nomeados os srs. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, lente cathedrático da faculdade de theologia, director do archivo da Universidade, logar que exercia gratuitamente desde abril de 1900, e Antonio Gomes Tinoco, continuo interino da mesma Universidade, para effectivo, afim de servir na reitoria.

No dia 17 de corrente reuniu a junta de inspecção da 5.ª divisão

ordem, deixo de lhe fallar, respondeu Alice. Mas quem poderá vir assim?

De pé, sobre o patim, mergu lhava a vista nas sinuosidades do caminho que o pae acabava de descer. De pé, ao lado della, Manuel, tinha tanta curiosidade no fundo, como ella.

—Ora! disse d'Argouges um momento depois, é o amigo velho de seu pae, o coronel Roland de Lambrune.

De Villy voltava, com effeito, triumphante trazendo pelo braço o coronel militarmente apertado pela sua sobrecasaca de paisano.

Roland de Lambrune, um dos coroneis mais novos do exercito, tinha a idade de M. de Villy: quarenta e sete annos. Era ainda de corpo flexivel, andar rapido; o sol da Africa bronzeára-lhe o rosto, mas as feições eram ainda delicadas, e, seriam irreprehensíveis se não fosse ter o nariz levemente tórto da direita para a esquerda. Era, de resto, um defeito natural com que nada tinham a ver os latagans arabes. Não por que o coronel fosse exemplo de bravura; tinha os labios delgados e agudos dos intrepidos,

militar, com sede nesta cidade comparecendo os srs. major medico dr. Montenegro, presidente, e os capitães medicos drs. Rodrigues da Costa e Rodrigues Donato.

Foram presentes á junta dezoito praças de pret, sendo julgadas incapazes cinco e concedidas varias licenças ás restantes.

O tenente medico na inactividade, sr. dr. Cruz Amante, tambem se apresentou á junta, continuando na mesma situação em que estava.

A passar as férias de Páschoa com sua familia partiu para a Figueira da Foz o nosso presado amigo e correligionário sr. José Pinto, intelligente alumno do 4.º anno médico.

Para Villa do Conde seguiu tambem o nosso illustrado collaborador sr. Antonio Maria Pereira, distincto alumno do 3.º anno juridico.

CORRESPONDÊNCIAS

Epiphani, 14.

Victimada pela tuberculose, falleceu aqui a infelis Lucinda, irmã do sr. Augusto Duarte Bento, acreditado commerciante nesta praça.

Na flor de juventude, quando a felicidade lhe sorria, quando o céu se lhe começava a mostrar tam puro, quando a primavera, com todas as suas bellezas e en cantos proprios dos seus 25 annos a bafejava, a morte, esse horrído e cobarde espectro, de tudo a privou.

Pobre Lucinda!

Quando todos te faziam boas auzencias aos teus nobres sentimentos de mulher, eis que a foice dessa cobarde destruidora do genero humano, veio cortar cerce aquella viçosa planta, para a lançar aos vermes na fria valla!

E' triste!

Descança, pois, Lucinda, que enquanto tu dormes o somno eterno, os que te conheciam, choram e lamentam o teu infortunio.

Pás, pois, á tua alma, e sentidos pezames á familia enlutada.

O funeral foi imponente, sendo o povo em grande quantidade. Acompanhou o cortejo a antiga philharmonica, com o seu modesto fardamento, tocando com a maior correção a linda marcha funebre — O pensamento — que muito agradou.

C.

(2) Folhetim da "RESISTENCIA,"

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

III

E vira-os crescer com aquella esperanza, que tudo parecia confirmar ainda.

—Que felicidade! exclamou de novo Alice, Herminia chega amanhã.

—Santo Deus! prima, disse Manuel, não perca assim a cabeça!

—O sr. não faz senão brincar, exclamou Alice em tom de censura, com um movimento de cabeça infantil. Já fallou, á bocada, da minha amizade entusiasta; saiba que não ha entusiasmo, quando se faz apenas justiça ás pessoas que merecem ser amadas.

—Que fogo, minha senhora!

por debaixo do bigode castanho claro, e os olhos cinzentos tinham o brilho forte, que não empalidece deante do fogo.

—Minha cara Alice, disse M. de Villy, tambem eu hoje tenho um dia feliz. Parece que o meu excellente amigo de Lambrune adivinhou que era necessario alegria completa no castello.

—Deixas? perguntou o coronel, pegando na mão de Alice, e debruçando-se para a beijar na testa.

—E minha filha deixa tambem. Não lhe faças medo, amigo.

M. de Lambrune voltára-se depois para o sr. de Argouges e estendera-lhe a mão.

—A que acaso, coronel, se deve a sua vinda a esta terra, onde não põe pé, á trez annos? perguntou Manuel.

—Ao acaso duma licença, que tive a fantasia de pedir, respondeu o sr. de Lambrune. Só cheguei, ha dois dias; mas já me aborrecia a estada na minha cabana do valle; errava no meu bocado de terra de Lambrune como uma alma penada. Não tive coragem para demorar para mais tarde o abraço dos meus amigos de Villy, e cá estou.

Continúa.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa. Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o estrangeiro.

Fornecer pelos preços do catálogo COFRES À PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de serralleiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer naturêsa.

CASA INNOCENCIA**CONFEITARIA E MERCEARIA**

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)

ACQUA

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.

Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos minimos preços, garantindo a sua perfeição e aceio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

REDUCCÃO DE PREÇOS**Estabelecimento de João Gomes Moreira**

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construcção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cosinha e mēsa, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças estrangeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêsa.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystallizados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mēsa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systēma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucars com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{mos} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas — **Memória** — a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchina de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tam acreditadas máchinas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e aceitam-se máchinas em troca.

Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de armures pretos, sêdas pretas e mantilhas de sêda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

LOJA DO MINHO

Deposito das legitimas machinas **Singer**, instrumentos, musicas, Pianos, Bicyclatas, oculos e lunetas.

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Por mais uma vez provar que as machinas **Singer**, são as mais acreditadas do Mundo, as mais solidas, e as mais simples, é que já vendemos no nosso deposito mil e tantas machinas. E caso raro aparecer uma machina **Singer**, a concertar aparecendo diariamente dezenas dellas doutros auctores a concertar na nossa officina. Recomendamos ás sr.^{as} costureiras e alfaiates a machina **Singer**, Bobina Central (ultima palavra); temos sempre um completo sortido em agulhas e peças para todas as machinas. Guitarras, Violões, Bandolins, Bandolinetas, Rebecas, Violetas, arcos, cordas, flautas, clarins, oculos e lunetas.

Ha um saldo de musicas para piano a 40 réis. Concerta-se toda a qualidade de machinas, bicycletes, instrumentos e tudo o quanto for em metal amarello, para o que temos pessoal competentemente habilitado.

PREÇOS FIXOS

LOJA DO MINHO

MARTINS DE ARAUJO

44, Rua do Visconde da Luz, 48

COIMBRA

Phonographos

e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Mēsa rica

Thomás Pombar com estabelecimento de bric-à-brac, tabacos e oculista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mēsa de pau preto e sândalo, com embutidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender pôde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposiçãõ.

Amendoas e cartonagens

Brindes de Semana Santa

Visitem a **MERCEARIA LUSITANA**, na rua do Cego, n.º 1 a 7, que ali encontrarão o que ha de mais surpreendente em caixinhas e outros diferentes objectos de luxo e a mais fina e saborosa **AMENDOA DE LISBOA**, fabricada especialmente para esta casa.

VINHOS

finos e generosos, tanto nacionaes como estrangeiros, encontram-se no mesmo estabelecimento, assim como tudo o que ha de mais fino em géneros de mercearia.

1. Rua do Cego, 7 — Coimbra

MERCEARIA LUSITANA

MERCEARIA

DE

José Tavares da Costa

SUCCESSOR

ALVARO ESTEVES CASTANHEIRA

2, L. do Principe D. Carlos, 8

Amendoas finissimas de todas as qualidades, fabrico especialmente destinado a este estabelecimento.

Cartonagens variadissimas do mais fino gosto artistico, nacionaes e estrangeiras, para todos os preços.

Nova Havana

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papellaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escritorio.

Loteria da Paschõa

40:000\$000

Extração a 8 de Abril de 1902

Bilhetes a 20\$000 réis

Vigessimos a 1\$000 réis

A commissão administrativa da loteria, incumbe-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes e vigessimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Bicycle Peugeot

Modêlo «course route.»

Vende-se quasi nova e garantida.

Para tratar Castro Leão — Calçada, Coimbra.

PECUINIA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mēsa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e telpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mēsa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cosinha e mēza de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina — Coimbra.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artistica SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno.....	2\$700
Semestre.....	1\$350
Trimestre.....	680

Sem estampilha:

Anno.....	2\$400
Semestre.....	1\$200
Trimestre.....	600

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

PURGAÇÕES

Pilulas orientaes de A. R. de Passos

Pharmaceutico pela Universidade

Cura frequente, em 48 horas, da blenorragia (*purgações, mesmo as mais rebeldes*). Só com o uso d'este acreditado medicamento. Resultado seguro e garantido por numerosas curas.

Preço da caixa—500 réis, pelo correio 510. Deposito em Coimbra — Pharmacia Cordeiro — R. Ferreira Borges.

FABRICAS

e envelopes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

SILVA & FILHO**ACQUA**

Fábrica manual de calçado e tamancos

e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

RESISTENCIA

Editor
Manuel d'Oliveira Amaral

Publica-se aos domingos e quintas feiras

Officina typographica
Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 684

COIMBRA — Domingo, 23 de Março de 1902

8.º ANNO

EXPEDIENTE

Para corresponder ao favor com que os leitores têm acolhido este jornal, a empreza da *Resistencia* resolveu, desde o próximo número em diante, augmentar-lhe o formato, afim de que, tanto a parte politica como noticiosa, possam ter o devido desenvolvimento.

A despesa com a publicação da *Resistencia*, no novo formato, é muito maior; contudo o preço das assignaturas não será alterado.

Os últimos dois números deste jornal têm sido vendidos avulso nesta cidade, e o mesmo succederá com os que ainda se occuparem da campanha de saneamento moral em que andamos empenhados.

Porém, só em casos excepçoes, a *Resistencia* se venderá avulso, fazendo esta declaração, para que se não julgue que a venda pelas ruas se fará em todos os números.

O PRINCIPE

Passou ante-ontem o anniversário natalicio do principe da corôa portugueza.

Os soldados ostentaram por isso os seus uniformes de grande gala, a Universidade içou a sua bandeira, e, á noite, a Câmara Municipal, o Governo-Civil, illuminaram as suas frontarias.

Em Lisboa, houve as manifestações do costume: tiros e alvoradas, e a massadoria eterna da recepção official, onde, mais uma vez, em termos ranciosos, se cumprimentou a Alteza, fazendo votos para que visse muitos annos, e seguisse sempre as tradições de seus maiores. Do que se passou no Palácio pouco sabemos. E' de crer, porém, que houvesse muito brinde entusiasta, e que, na alegria franca duma festa de familia, se solemnisasse, com sinceridade e amor, o dia, que, cá fora, apenas fôra festejado por um dever monarchico, ou uma obrigação da pragmática.

Passou assim o anniversário natalicio do principe herdeiro, que, apesar de furtaço á luz vivificante dos bons principios, vai medrando regularmente na má atmospheria da bajulação da corte. A *corja* ambiciosa, que, á sombra dos reis e com elles nos suga a força, a riqueza e o valor, amima-o com os seus salamaleques; e, captando-lhe as graças, vai decerto preparando um rei fraco e inconsciente, que de futuro lhes ha de servir de

anteparo e protecção. Anima-a e enche-a de coragem o antigo respeito á pessoa real, que outr'ora se suppunha ser divina. Exactamente como o sacerdote mau, que, acobertando-se com a cruz, ou com um madeiro inerte, onde se esculpiu a imagem de Christo, vai praticando o crime e cultivando o mal, assim, tambem, á sombra dum rei, ente quasi sem direitos, quasi manequim, que a tradição ensinou a respeitar, vai a *corja* cuidando avaramente dos seus interesses, preparando-nos, em troca delles, a ruína

Não conhecemos os dotes intellectuaes do principe real, nem podemos, por enquanto, aquilatar-lhe, com segurança, o caracter; no entanto, a tara hereditaria duma ascendência doentia, e, sobretudo a orientação e o modo de pensar dos homens que o educam para rei, preocupam-nos e deixam-nos antever a continuação, e, mais do que a continuação, o agravamento das tristes circunstancias em que nos encontramos.

E', por tudo isto, que nos interessa a vida do principe; por tudo isto, tambem, não nos podia passar despercebido o seu anniversário; e, ao contrario dos outros, queriamos que não seguisse os exemplos dos seus maiores, que, na sua maior parte, pouco bem nos fizeram.

Se tivéssemos entrada no Paço, e se os ouvidos do futuro rei pudessem ouvir e comprehender as nossas queixas, haviamos de aproveitar o dia dos seus annos para lhe mostrar o que querem e o que fazem os que hoje governam Portugal.

Haviamos de provar-lhe que ser *rei*, com taes monarchicos, é quasi um crime; e, desfazendo mesmo um pouco a illusão em que vai creado, provar-lhe-iamos que é sob o throno que se escondem os parasitas que nos sugam e que, por causa delles, um dia (e breve seja!), será preciso, para destruir o mal que nos definhava, e salvar da morte a nossa pátria, abrir a portas do palácio, e pôr na rua a monarchia...

João Arroyo, o bravo, está par do reino.

Já não pôde affirmar-se a falta de franqueza do regimen: isto de ser par é um caso de refugio.

Felicitações ao país.

Alerta

Paris, 20. — Senado. — Discussão do orçamento do ministério dos negócios estrangeiros: O senador sr. Gotteran pergunta se é verdade, como pretende a *Westminster Gazette*, que o governo francês declinou os offercimentos do governo allemão com o intuito dum accordo commum para a protecção dos dominios coloniaes de Portugal.

O sr. Delcassé responde que essa noticia é absolutamente inexacta.

Os senadores srs. Guérin e Prévot pedem ao sr. Delcassé que defenda os interesses dos portadores de titulos da divida portugueza.

O sr. Delcassé responde-lhes que defendeu os interesses desses portadores junto do governo portuguez, e que este respondeu com a melhor boa vontade, procedendo nessa conformidade com um recente accordo que será submettido ás côrtes, e que se presume servir os interesses dos portadores.

O sr. Delcassé, respondendo ainda ao senador Gotteran, affirma formalmente que nenhuma proposta de accordo franco-allemão, a que o senador se referiu, foi jamais feita.

A monarchia joga as ultimas. E com as colonias entregues ao ministro das aguas de Vidago tudo é possível.

Alerta, pois.

O illustre correspondente do *Primeiro de Janeiro*, informou:

Houve hoje as manifestações officiaes do estillo, pelo anniversário do principe real: — alvorada pela banda; as guardas militares feitas de grandes uniforme; teria do nas repartições; bandeira içada nos estabelecimentos publicos que á noite illuminaram, tocando logo á noite, se a chovita que está ainda, o não impedir, a banda do regimento á porta do importante hotel Bragança, onde está hospedado o sr. commandante da divisão militar.

Enfim, um entusiasmo doido!...

O Regabofe

Na expectativa de um grande regabofe, os alvicaireiros do governo cantam jubilosos em suas gazetas as vantagens do convenio, que o *Imparcial* rebate assim:

«As folhas ministeriaes para justificar o convenio descobriram que os 1.500 contos que estamos ameaçados de pagar a mais cada anno, serão compensados com a beneficiação dos câmbios.

Estas folhas estão a mangar com os leitores.

O nosso deficit economico é de 12.000 contos, isto é, para pagarmos as importações, além do valor das exportações faltam-nos em cada anno 12.000 contos.

Esta cifra temo-la pago, graças ás cambiaes do Brazil e colonias, representantes do capital que os nossos compatriotas trazem para a terra natal. Mas ainda assim a desvalorização

da nossa moeda é tal, que a situação cambial da nossa praça nos é muito desfavoravel.

Agora o governo vae obrigar-se para pagar aos credores a exportar mais 1.500 contos (ouro e não papel, porque isso é coisa que não tem accettazione fora da fronteira), e as gazetas amigas descobriram que o câmbio ha de melhorar apezar da exportação do ouro augmentar.

Pôde ser que assim seja. Mas entam é porque o Governo pensa que poderá pagar os taes 1.500 contos com empréstimos que irá contraindo no estrangeiro.

Será assim? Mas se é assim tenham a franqueza de o dizer para pegarmos nos alforjes e fugirmos.

Para onde nos levarão os senhores politicos de braço dado com os agiotas?»

E o país a dormir...

Compensações

Arroyo ainda não trago a negação do Conselho d'Estado.

Está par, é certo. Mas como par, neste caso, é uma compensação impar, pelo menos quer outra coisa mais rendosa e mexida.

Diz se agora que elle deseja ir para Madrid, e até parece que julga ser isso negocio feito.

As informações do *Imparcial* não dizem com o optimismo do pretendente: O conde de Macedo, seu estado de saúde gerir os negocios diplomaticos em Madrid onde temos muitas dificuldades a resolver, não quer no emtanto deixar a legação.

Avisado da pretensão do Arroyo parece que telegraphou ao José Luciano. Este foi ter com o Hintze, e declarou-lhe que não consente na exatoração do conde de Macedo.

O Hintze, dizem que lembrou ao José Luciano o logar de administrador da Companhia Real para o conde de Macedo. Mas o quadrilheiro progressista não concordou.

Hintze transigiu, parece.

Mas o Arroyo teima e diz que, agora que se apanhou na Camara dos pares, ha de ir para Madrid porque assim o quer.

E se não fôr...

O Hintze percebe a ameaça e já não sabe para quem ha de voltar se, se para o Bacôco, que o sustenta, se para o Arroyo, que o ampara.

Pobre pequeno!... e o país a arder.

Começam amanhã as ferias parlamentares.

Que *descance em paz* quem tanto se tem exforçado na defesa dos interesses e da honra do país.

Amen!

O Convênio

Pereira Karrilho, o negociador, é espejado em Lisboa no sabbado de Alleluia.

Dia singular para o País fazer uma festa, análoga á da igreja...

Partiu ontem para o Porto o sr. dr. Angelô da Fonseca, notavel bacteriologista.

Crônicas de theatro

Suave Milagre

A' varanda, fallavamos eu e a Virginia.

Do ceu, escorregava por cima de uma nuvem, que escordia o sol, uma onda de luz, cobrindo duma pulverisação dourada, como a que deixam as azas das borboletas sobre as flores, a Virgem Nossa Senhora, a resar ao longe, de mãos postas, na fachada do convento de Santa Cruz.

A luz, caíndo d'alto, fazia baixar-lhe os olhos, descia carinhosamente sobre o peito, e o rosto da Virgem, em que sorri toda a graça delicada das mulheres da Renascença, adeantava-se illuminado, como se a mão da sombra lhe puxasse o queixo numa carícia.

Ao cimo duma colina distante, toda em sombra, brincava o sol, sobre a relva verde, cheia das flores douradas, que já andam a anunciar com um riso d'ouro, a chegada da primavera.

— E' animado isto, entretem. E' assim todos os dias, Quim?

— Eu julguei que este movimento fosse extraordinário. E' hoje dia santo...

— Ora! Dia de S. José! Um dia santo novo. Ainda a gente se não habituou a guarda-lo.

— Não digas mal de S. José.

— Eu?!

— E' um dia de que eu gosto muito.

— Eu gosto mais do S. João. Anda gente pela rua toda a noite.

— S. José... Não dizes nada?... Faça hoje annos.

— Parabens. Por isso encontra tudo bonito. Eu, quando faço annos, o dia parece-me mais lindo, e é entam que reparo que já estamos na primavera. Acho sempre tudo mais animado, mais gente pela rua; ás vezes até me parece gente de mais.

— Ah!

— Ri-se?

— Não. Gosto de te ouvir. Vae ao *Suave Milagre*?

— Isso é para me ouvir dizer mal?

— Não! E' porque gostava que fosses. Gostava de te ouvir depois.

— Vens ou não vens?!

— Lá vou, Ferreira. Adeus, Virginia. Até logo.

Ha muito, que não tenho noite de emoção artistica, tam intensa e tam complexa, como a da representação do *Suave Milagre*.

A scenographia de Manini, que me fascinara, mal a entrevira, a voz amiga do Ferreira da Silva, aquella narrativa duma singelza, tam intencionalmente artistica, iam, pouco a pouco, avivando em mim a figura antiga de Jesus, como m'a indicara minha mãe. Reconhecia pouco a pouco aquellas palavras com que ella sociegara o meu espirito, que as historias de Fadas e de Magos traziam alheado deste mundo, e inquieto. Eu soubéra já aquillo.

Só a arte podia evocar de novo

o que se apagára, pouco a pouco, com a perda de minha mãe, e que a sua figura resignada e o seu olhar escuro, duma melancolia tam acariciadora e tam doce, me recordavam sempre a cada hora dos breves dias em que vivemos juntos neste mundo.

O *Suave Milagre*, é um *mystério*, fórmula do theatro hierático, de um tempo bom, em que o theatro era ao ar livre, coberto apenas pela transparência azul do céu.

Davam-se as representações só nos dias de festa; andavam as ruas cheias da gente do povo, a rir contente. Dos palácios dos nobres, saía o ruído das músicas, e, ás vezes, o povo parava de rir, para ouvir aquelles sons, que lhe traziam, com uma graça nova, a trova popular que um d'elles inventára, e que fôra surpreendida pela castellá, um dia, ao voltar da caça, triste, na melancolia duma tarde de outomno.

Armava-se o palco numa praça, e, em tribunas ricas, appareciam rostos formosos de mulheres, corpos delicados, envoltos em sedas raras, que nunca ninguém vira, senão nas igrejas, cobrindo piedosamente os santos.

E a boa gente do povo passava, ao vêr rostos tam brancos, cabelos dum loiro tam pallido, carnes do sol atravessava todas, como a desferrar-se, de as vêr só naquelle dia, ás pobres abandonadas em castellos, mais tristes do que as florestas verdes, que os rodeavam.

Os camarotes eram enfeitados com tapeçarias, figurando histórias de batalhas, cantando o valôr dos paes e avós daquellas senhoras tam delicadas.

E o povo, que não sabia lêr, explicava aquellas histórias todas; porque então andavam os reis muito perto da pobre gente, e todos juntos de Deus.

As camareiras, suaves e mysteriosas, como o que se queimava nas igrejas, vinha misturar-se o cheiro bom das flores simples da terra, e o aroma do alecrim, do rosmarinho e da alfazema, que junca-va a praça, tornavam o ar da cidade são como o dos campos.

O *mystério* era porisso uma obra d'arte simples, traduzindo uma acção religiosa, por fórma a ser facilmente comprehendida pela alma ingênua do povo.

Assim era o *mystério*, assim o comprehendeu o sr. conde de Arnoso.

O sr. Conde de Arnoso, não sacrificando, em phrases de erudição facil, ao gosto conhecido da época, não aproveitando a occasião azada, que um romance mal lido lhe dava, entregando-se apenas honestamente a resuscitação duma fórmula d'arte, ignorada e perdida, indicou-nos que tem uma sensibilidade artistica superior, impôz-se á nossa admiração, como artista e como caracter.

Não ha phrase, não ha mesmo palavra do bello conto da Eça de Queiroz, que não appareça no *Mystério* do sr. Conde de Arnoso.

Estám lá todas e não ha nenhuma, cujo valor não tenha sido comprehendido, e finalmente posto em evidência.

E o conto de Eça de Queiroz, que, na sua forma requintada, só poderia ser admirado pelos artistas, era nesta noite, escutado pelo povo, ouvido com encanto pelas mulheres, comprehendido pela alma simples das creanças, que se voltavam para as mães a dizer-lhes que era aquillo, e que bem se lembravam do Christo, que ellas lhes haviam ensinado.

Aquelle *mystério* simples evoca toda a figura de Jesus.

Vêm-se passar os ranchos, seguindo pelas terras áridas da Ju-

dea, sem ouvir o cantar das fontes, fugindo á sombra fresca das árvores.

E os ricos, os que vivem a vida fácil do prazer, os que mandam, e os fortes vêem desaparecer o Christo, sem desapparecer a apparição, leve como um perfume, seguido da multidão que se destaca negra sobre o poente dourado. E ficam todos sem saber, se não seria um capricho das nuvens e do vento.

Mas não ha casa, onde a miséria habite, que o Christo não conheça, e onde se não demore. Por isso vem consolar a viuva abandonada, e elle, que para os grandes da terra, passara numa visão distante, como filho de Deus, é para os humildes um humilde como elles, o filho de Maria e de José uma pobre mulher, e um pobre carpinteiro.

Ha naquelle conto de Eça de Queiroz tanto coração, é duma sinceridade religiosa tam feminina, que desde que o leio, me ponho a scismar, que talvez elle o tivesse feito para agradar á noiva, essa senhora viuva, que, este anno, vemos passar vestida de preto, sorrindo para os filhos, e que toda a gente cumprimenta, mesmo sem saber quem é.

Passam-se horas a ouvir o *mystério* do sr. Conde de Arnoso, e, por fim, vem o público dizer, que ouviu o conto de Eça de Queiroz, que lá está tudo, naquelle conto que leva cinco minutos a ler. O sr. Conde de Arnoso, na adoração dum talento e dum amigo, quiz que aprendesse sem a adora-lo e a respeitá-lo tambem os simples, as mulheres e as creanças, resuscitando uma fórmula d'arte, que os artistas admirariam.

Escolheu para gravar no coração de todos a admiração por aquelle grande talento, a única obra de Eça, que poderia impôr-se a todos, aos artistas, como ás mulheres, como ás creanças, como á ingênua alma do povo.

Conseguiu-o.

E conseguiu tambem a nossa admiração pelas suas qualidades d'artista, o nosso respeito pelo seu caracter. Dizemo lo com o prazer, que experimentamos sempre ao registrar um facto raro e consolador da nossa vida.

Quando vinha para casa, depois do theatro, vinha muito contente.

Alegrava-me o recordar-me que Ferreira da Silva comprehendera a finura d'aquella obra d'arte, feita para ser entendida pelas almas boas dos simples, feita para ser admirada por o espirito delicado dos artistas.

Alegrava-me que elle, que eu considero o primeiro actor portu- guês, tivesse dado á interpretação daquella obra, cujo valôr artistico é tam difficil de perceber, todo o escrúpulo minucioso, que ella exigia e merecia.

Ha muito que não vejo no theatro portuguez, interpretação, tam intensamente dramática, como a da scena em que elle recita a parábola.

A fórma entusiasta, como elle começa dizendo, ao lembrar-se do Christo, as palavras que antecedem os versos de Alberto de Oliveira, augmenta a suavidade da parábola, que corre melodiosa como depois do inverno frio, canta, ao começar da primavera, a agua dos regatos.

Quando ia a entrar em casa, pensando ainda naquelle *mystério*, que a Virginia ornára com a graça do seu gesto, com o encanto melodioso da sua voz, lembrei-me de que ella fazia annos, e que eu me esquecera já.

Fui aonde tenho as coisas que estimo, á procura de uma recordação a dar lhe daquelle bello dia,

Mal entrei, a luz do candeieiro projectou para cima, as sombras, e pareceu-me ver voar, um anjo, que tenho mesmo á entrada, esculptura do Gonçalves para as decorações que Manini projectára no Bussaco, e tornou-me a lembrar o *Suave Milagre*, e a Virginia, o Ferreira da Silva, Manini e Alberto d'Oliveira, de quem sou tam amigo e cujo talento tanto admiro.

Ao fundo, brilhava a moldura de vidro veneziano de um quadro religioso.

E sorri, ao pensar a alegria que o Ferreira da Silva teria, se eu desse aquelle quadro á Virginia.

Elle, que, mal entra em minha casa, vai logo direito para o quadro, e fica se, que tempos, a gabá-lo.

As borboletas d'ouro e renda dum leque do século XVIII, que alguém deixára aberto, chamáram-me o olhar.

Ao fechá-lo, encontrei uma chávena do Japão. Era o que procurava.

Dum lado, vê-se uma senhora, a sair de casa, serena, o braço caído segurando um leque; no lado opposto, um japonês, caminhando num passo ligeiro, alegre, como quem vai para uma entrevista de amor.

No pires, vê-se elle sentado á porta de casa, as mãos sobre os joelhos, soçegado. Ella de pé. Ambos sorriem para uma creança que brinca no meio d'elles.

Ha naquella pequenina pintura toda a placidez, duma familia feliz, como a d'elles.

Dera a minha senhora, depois duma doença grave de um filho.

Tem tambem uma grande adoração pela Virginia, que deve ficar contente ao saber que lhe offereci, aquella chávena tam fina.

A volta sorriam-me os azulejos hollandêzes, em que os artistas do século XVII pintaram todo o novo testamento, e fiquei-me a pensar outra vez no *Suave Milagre*.

Como minha mãe ficaria contente, se pudesse ver-me assim; que o Christo, que ella me deu em creança, nunca o trouxe ao ao pescoço como os outros meninos, nunca o senti á flor da carne, deixou-me bem escondido no coração.

T. C.

Está próximo o sabbado de alleluia em que é costume queimar-se o Judas.

Este anno ha fundas divergências entre os que costumam fazer a funcção.

Ha quem queira para Judas o Hintze Ribeiro, outros opiniam pelo José Luciano, havendo tambem quem indique o Burnay.

O melhor, para resolver satisfatoriamente a disputa, é queimá-los a todos, pois sam tres pessoas distinctas e um só Judas verdadeiro.

E é que o país, depois da queima, era capaz de se indireitar. Sem piada ao João Franco.

Ração dobrada...

Navarro, foliculário de aluguer, apresenta o convênio como um alto beneficio para o país.

E' caso para perguntar, emquanto lhe augmentaram o soldo.

Mariano, defendendo o convênio, tem estas palavras que devem ser um alarme para o país:

«A questão resolveu-se sem o país ficar sujeito a tutellas aviltantes, nem arriscar a sua liberdade económica. **Causar-nos ha naturalmente alguns sacrificios financeiros.** mas antes esses do que outros, porque as feridas de dinheiro sempre sam curáveis.»

Na bocca de tal bandoleiro isto tem uma única resposta:

Aqui-del-rei!

Padre Joaquim do Amaral Gomes O PINGUINHAS

III

VIOLADOR E ASSASSINO

Invertamos a ordem deste artigo.

Em antes de proseguir nas considerações suspensas em o nosso artigo anterior, **relatemos a neta creança de quatro annos**, visto que o padre *Pinguinhas* procura abafar o assumpto, jogando a ultima cartada. Assim, ante-ontem o padre Amaral Gomes **commetteu a cobardia de assaltar de revolver esgalatado o pae da creança para impôr-lhe silencio.**

Apreciamo lo brutal no seu instincto feroz, e confiemos em que o sr. **BISPO-CONDE** e as demais auctoridades, a quem o caso vae ser entregue, obstem a que este infatigavel apostolo da immoralidade continue na exhibição deslavada do seu impudor.

Num dos dias da semana passada andavam brincando na rua de S. Jeronymo duas creanças, uma dellas, a pequenita Emilia, de quatro annos de idade, filha do operario sr. Augusto de Sousa Figueiredo, homem trabalhador, passando a vida numa labuta incessante a conquistar a sustentação propria e da familia.

Padre *Pinguinhas* chegára para o trabalho do monte, e, como o sócio ainda não estava e os pontos ainda não appareciam, começou de afagar as duas creanças, dando a uma um vintem e á outra dez réis. Subira, assomara á varanda, e se o olhar, allucinado, fallava sobre a cabeça das creancitas a nodosa pôdre da sua alma negra. Então com voz rouca, numa suavidade felina, desenrolou-lhes um quadro de promessas: *que subissem, que lhes dava mais dinheiro para brinquedos...*

Têm agora a palavra as duas creanças que assim desfiavam a infâmia d'este padre:

«Subimos ao quarto onde estava o padre. Sentou nos nas pernas, levantou as saias á Maria, de 7 annos, gabava-lhe as pernas, beijavamos muito. Começamos a gritar—o motivo supponha o o leitor—e elle então ficou só com a Emilia a quem deitou á borda da cama, depois de lhe tirar as chinellas e as meias...»

Em porcarias infames saciou o padre a sua lubricidade de fera. E como ha factos que a penna se nega a narrar e muito me nos a commentar, deixemos o padre á mercê do justo castigo.

Parece, porem, que este caso não é o unico; a nossos ouvidos chega já o rumor extranho e atordoante de identicas infâmias. Investigaremos a auxiliar as auctoridades competentes.

Com duas coisas não contava o padre Amaral Gomes topar no seu caminho ignobil: primeiro, a vivacidade das creanças; segundo, a *Resstencia*, sempre na defeza dos humildes, pela moralidade e pela Justiça.

Assim chegou ao bandido a hora triste da expiação, sem que haja revolvers capazes de produzir silencio, ou assaltos que o possam salvar. Perdido, uma só coisa tem a fazer,—fugir, emigrar para longe, voltar ao Brasil, que elle julgava aqui ter encontrado.

A mansidão do padre,—que ainda outro dia depois de esbofetado pelo sr. Figueiredo se ajoelhava, pedindo e protestando innocência,—transformou-se na cólera do bandido que sente perder debaixo dos pés o

próprio terreno que pisa. Aquie ta-te mariola...

Retomando o fio, fallemos agora do acadêmico:

Matriculado na Universidade, em outubro de 1900, depressa se rumorejaram por entre os rapazes estudantes as proezas e os crimes do já celeberrimo padre *Pinguinhas*, que continúa em Coimbra, insólito e provocador, o debocho da sua vida aventureira. O echo estonteante das suas façanhas, reeditadas, preocupava os espiritos, numa curiosidade infantil em vêr o raro animal, que, confesso, tambem me preocupou.

Vi o pela primeira vez, o rosto ligado á alcunha, em 12 de fevereiro de 1901. Foi no theatro-circo. A academia ia reunir-se, em assembleia geral, para protestar contra a restauração das ordens religiosas, que, sob vários pretextos de philantropias diversas, iam estabelecendo por toda a parte focos de jesuitismo intolerante, de beatério perigoso e nefasto. A grande massa acadêmica fazia trbordar o theatro. No palco um rapaz propunha á assembleia um nome para presidir. Alguém pateia. Era o padre Joaquim, que, batendo furiosamente com as mãos no chão, revelava toda a sua capacidade intellectual, moral e oratória. Não se descreve o que elle ouviu: as maiores affrontas, as vaias, os apupos, tudo caiu impune sobre aquella corôa deshonesta. Um condiscipulo meu sacudiu-o pelas orelhas e ter-lheia feito beijar o chão, se porventura traços indugiêntes e piedosos não intervissem, separando.

Alli, como á mesa do jôgo, aquelle rosto bronzeado e alvar conservava a fria indifferença de sempre. No cocuruto da sua cabeça picarsa applicaram lhe vários cascudos. A exauctoração fôra completa...

Pois, apesar de tudo, logo que a presidência articulou as primeiras palavras, o padre *Pinguinhas* de novo pateou.

La repetir-se o escárneo, quando um estudante novo e imberbe gritou: *Oh seu padrecão, peça a palavra e arengue uma predica!* O padre moita. O curto silencio que se seguiu foi interrompido pela voz vibrante e máscula dum estudante de medicina, patricio deste carnavalesco ecclesiástico, que exclamou: *eu é que peço a palavra para contar a história desse biltre!* *Pinguinhas* ficou livido, petrificado. Apanhando uma abertura, fugiu, vergonhosamente, sem uma palavra que revelasse um raciocinio, sem um argumento que mostrasse um cérebro.

Como é, pois, que este padre estúpido, espirito inculco, com o verniz dum seminarista exaggeradamente luzidio pelo calão audacioso de quem tem corrido mundo em especulações de acaso, conseguiu, adentro da Universidade, sair se victorioso nos torneios da sebeta: ficar approvedo, distincto? De espanto se pasmam todos aquelles que privam com o heroe e conhecem de perto o superficialão... De resto terá de passar a vida rilhando a haste dura desse louro resequido!

Morrerei sem conhecer os motivos porque o *Pinguinhas*, desde a memoravel assembleia geral, que acabo de relatar para demoralizar e intellectual, começou de cumprimentar-me, em capachissimas contumélías, accompanhadas

de um como está sr. doutor, numa humildade que tégora só tenho ouvido a creados de café, armando á gorgeta na sua sujeição diligente.

Correspondi sempre, nunca lhe estendendo a mão, com um «ora viva os r. Pinguinhas» escarinho, insolente. E' que depois de o ter visto tão cobarde e immovel, sentia por aquelle ascoroso reptil um justificado e profundo nojo. A sua lenda épica de bandidismo desfizera-se, a meus olhos num blandrau canalha a encobrir as mazellas dum farroupilha indecente.

Cedo obtive a confirmação do meu juizo. Uma noite...

Associação dos artistas

Esta antiga associação de socorros mútuos, que presentemente lucta com difficuldades financeiras, vae organizar um bazar, que se effectuará na sua sala, nos dias 8, 9, 10 e 11 de maio.

Afim de reunir prendas para o bazar, organisou-se uma comissão, que enviou umas circulares a muitas damas e cavalheiros desta cidade, sendo de esperar que o seu pedido tenha bom acolhimento, pois o fim é louvavel.

Recebem prendas os seguintes srs., que formam a comissão do bazar:

Francisco Antonio de Almeida, Marco da Feira; Antonio Augusto Duarte Ralha, rua das Azeitiras; Manuel da Conceição Níngre, rua das Azeitiras; Jose Miguel da Fonseca, rua das Sollas; João de Jesus Cardoso, Largo do Romal; Luiz Ramos, rua Direita; Antonio Augusto Turco, rua Sá de Miranda; Antonio Maria Pinto, rua dos Gatos; Luiz de Sousa Rosa, rua do Loureiro; Thiago Ferreira d'Albuquerque, rua Borges Carneiro; João Henriques, rua Direita; João Pinto de Magalhães, rua do Borrvalho; Joaquim dos Santos, rua das Azeitiras; Antonio Gonçalves Campos Junior, rua da Moeda.

Avante

Subordinado á epigrapha, vai apparecer brevemente em Lisboa um novo diário socialista, dirigido pelo sr. José de Macedo.

(8) Folhetim da "RESISTENCIA,"

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA DO CONVENTO

III

—Maravilhosamente, disse Villy; agarramos-te e não te largamos; cá nós somos mais fortes que os arabes!

—E eu faço-me prisioneiro, pondo as suas mãos nas do seu velho amigo.

Nessa occasião chegou um creado a dar parte a Alice, que estava atrelado o carro.

—E a mamã que não está prompta ainda! disse ingenuamente Alice.

—Como parece encommoada, minha cara filha, observou Lambrune.

—Ah! coronel, respondeu d'Argouges, é que estamos em guerra e, francamente, o amigo não é cá de mais.

—O quê?

—Minha prima vae buscar uma amiga de collegio, á qual basta apparecer, para vencer.

—Diabo! disse alegremente

Ao "Tribuno Popular,"

Este nosso collega local, a propósito duma noticia por nós publicada no passado número da *Resistencia*, referente á Camara Municipal deste concelho, dirige-se-nos duma maneira bem pouco *cortez*, que na verdade extranhámos.

E' pécha velha, de quem não tem razão, fazer muito alarido para ver se assim se impõe á opinião publica.

O *Tribuno Popular*, está neste caso, conforme vamos demonstrar.

Só pela *Folha de Coimbra* tivemos conhecimento da supressão de alguns candieiros, não sendo portanto para extranhar que não soubessemos que haviam sido collocados noutra logar; mas isso mesmo nada tira ás reflexões que fizemos a tal propósito, pois descobrimos um santo para cobrir outro, sempre foi mau governo.

Ou os candieiros eram necessários onde estavam e mal andou quem de lá os fez tirar, ou não eram necessários e mal procedeu quem lá os tinha mandado collocar.

Isto é intuitivo, ou a lógica não existe.

Na nossa mente não houve, nem ha, a menor intenção de ser propositadamente desagradavel á camara, que reconhecemos ter prestado serviços a Coimbra, assim como não a temos de sermos desagradaveis a qualquer entidade; o que houve, ha e haverá sempre da nossa parte, é a vontade firme de proceder dignamente, louvando os nossos adversários politicos se procederem bem, censurando os nossos correligionários quando procedam mal.

Na tribuna da imprensa não fazemos politica tortuosa; procuramos dar o seu a seu dono, pugnando sempre pelos interesses da patria em geral e particularmente por os de qualquer pessoa que seja injustamente aggravada.

Dito isto, vamos responder á exigencia feita duma maneira bem pouco *cortez*, repetimos, do collega local,

No tempo da camara presidida pelo sr. Ayres de Campos, só pelo guarda rural da freguesia de Ceira, foram entregues talvez

Lambrune, é então uma neta de Cesar.

—Tome cautella, coronel, replicou Alice, o senhor ha de ser talvez o primeiro a entregar as armas a Mademoiselle de Croisy.

E foi a correr ao encontro da avó que vinha, emfim, procural-a.

Lambrune, ao ver aproximar-se a sr.^a de Villy, caminhou tambem para ella; inclinou-se e pegou lhe respeitavelmente na mão para a beijar.

—Ah! E o sr., Roland, disse a senhora de Villy. Então, lá por ser coronel não esteja com tantas cerimoniaes, na cára, meu amigo, na cára, como antigamente!

E deu ella o exemplo a Roland.

—Desculpe-me por o deixar já; mas Alice parece doida com a chegada da sua melhor amiga de collegio, e não me deixa um momento de descanço. Alem disso nós voltaremos para jantar.

Era um dia de agosto tropical. Depois da partida da senhora de Villy e da neta os três homens tinham entrado para a casa de jantar, onde de Villy fizera servir refrescos, de que bem necessitava o coronel depois da subida do valle até ao castello.

—Alice, perguntou elle, não disse o nome de Mademoiselle de Croisy?

—Exactamente, respondeu Manuel.

Continúa.

mais de cem participações, na secretaria da camara, para serem applicadas multas, por transgressões, e nenhuma dellas teve ainda o devido andamento!

Ora quando só uma freguesia deu um tal contingente, imagine-se quantas participações devem existir por julgar!

Se o collega quizer provas, temos testemunhas, e o proprio guarda rural que deu as participações, que confirmaram o que affirmamos.

Já vê o collega, a quem não conheciamos como orgão da camara, que se fizemos affirmativas, é porque tinhamos bases para isso.

E o collega é que perdeu uma excellente occasião de estar ealado, creia.

Folha do Sul

Fomos visitados por este collega, que vê a luz da publicidade em Loulé.

Accedendo ao seu pedido estabelecemos a permuta, agradecendo a visita.

Para as creanças

Recebemos o n.º 42 da 8.ª série desta excellente publicação, devida á penna da notavel escriptora D. Anna de Castro Osório, editada pela livraria editora Guimarães, Libanio & C.ª, de Lisboa.

Agradecemos o exemplar.

O agrónomo inspector sr. Antonio Gomes Ramalho, foi nomeado inspector de agricultura da região do centro com sede nesta cidade.

Para a região agrónomica do sul, com sede em Lisboa, foi nomeado o inspector sr. Alexandre de Sousa Figueiredo.

Por iniciativa do distincto bacteriologista sr. Charles Lepierre vai ser collocado, numa das salas do gabinete bacteriológico da Universidade, o busto de Pasteur.

A importância para a compra do busto é adquirida por meio de uma subscrição aberta entre os frequentadores, daquélle gabinete.

E' uma ideia louvavel, que representa uma justa homenagem ao grande bemfeitor da Humanidade—Pasteur.

General Queiroz

Falleceu na sexta feira, pelas 4 horas da manhã, em Lisboa, o general Queiroz, ex-commandante das guardas municipaes e actualmente chefe da casa militar do rei e membro da comissão dos limites do reino.

Diz-se, que a carreira militar do finado foi distincta, o que não affirmamos, nem negamos; pois não a conhecemos, mas o que podemos afirmar é que elle foi antes um sustentaculo e serventuario da realza, do que um servidor dos interesses do pais.

Não é, quando o seu tumulo se acha ainda mal cerrado, que se pode devidamente fazer o *balanço* da sua carreira militar; porem o que se pode e deve dizer, é que esteve sempre ao lado dos poderosos, apoiando-os com a força de que dispunha, para que os humildes, os lesados nos seus direitos e justiça, não podessem fazer valer as suas justas reivindicações.

Como servidor da realza, esta que o honre como quizer e intend; como servidor da nação apenas tem jus ao respeito que todos os mortos devem merecer.

Mas quer nos parecer que o pais é que hade pagar os serviços que o extinto fez aos homens da monarchia!

E senão ver-se-ha.

A situação e o dever

A patria portuguesa, loucamente arrastada para a voragem duma morte, que os horisontes do futuro cada vez mais estão ennegrecendo, parece ter entrado nos deliquios da hora extrema, devido ao infatigavel bandoleirismo dos apaniguados dum regimen, que, desde ha muito, falliu perante as consciencias honestas.

A monarchia e os seus homens têm conduzido o pais numa systemática desmoralisação, aos últimos extremos dum desfalecimento, do qual só poderá emergir evocando a si, num heroico esforço, a atavica energia propria da raça a que pertence, e que, segundo parece, se exgotou com a actual geração.

Estamos depauperados e gastos materialmente, sem garantias que nos habilitem a concorrer com os paeses extranhos no grande certamen universal com que se expõem os resultados do trabalho nacional e se apreciam os progressos, que cada povo vae fazendo na via do seu enriquecimento. Moralmente, nem é bom fallar. Arrastamo-nos no último dos descreditos para com os extranjeiros que, em nós, só já vêem um povo que é preciso explorar, uma nação que é necessário calcar, uma sociedade destinada a morrer duma morte cheia de opprobrio, porque desde ha muito está dando ao mundo e á civilisação o vergonhoso espectáculo duma fallência irritante.

E porquê? Porque é que perante a consciencia universal, incluindo a dos poucos portuguezes que ainda sam verdadeiros patriotas e, como taes, amam entranhadamente o torrão que os viu nascer, baixamos a tamanho descredito que poucos dias se passam sem que nos jornaes de fóra, verdadeiros echos da opinião extranjeira, deixem de apparecer as mais graves censuras e até os mais abertos insultos, que as faces dum povo livre podem suportar?

E' porque, mercê dum regimen, que corresponde a velhos estados e, como tal, está bandido das últimas formulas do progresso social, somos desvergonhadamente governados por verdadeiros bandos cuja única preocupação é exclusiva das forças vivas da nação, dos elementos de progresso que, bem dirigidos, fariam a nossa felicidade, todo o sangue, que ainda contem e que elles vam beber numa orgia que, por nosso mal, desde ha muito dura e que, se continúa, em breve acabará por nos roubar os restos de vida que ainda arrastamos.

Mas já é tempo de acabar com esta farça em que o unico explorado é o povo, o povo que trabalha, o povo que geme, o povo que tudo dá,—o que tem e até o que não tem.

Saibamos ser homens livres, conscios da dignidade que nos assiste, e neste momento em que, num conluio vergonhoso, os bandoleiros da monarchia tentam dar-nos um golpe de morte, acordemos da prostração em que temos vivido, para levantar em bases firmes essa outra patria nova, cheia de vida esperanza e ideal, que a Republica incarna tam felizmente.

S. C.

Semana Santa

Com a solemnidade dos annos anteriores deve effectuar-se, na Real Capella da Misericórdia, a festividade da semana santa, que constará do seguinte:

Domingo, Benção dos Ramos, paixão e missa, ás 10 e meia horas;

Quarta feira, Matinas e laudes ás 6 horas;

Quinta feira, Missa solemne, exposição e desnudação dos altares ás 11 horas. Matinas e laudes ás 6 horas;

Sexta feira, Paixão, adoração da cruz, missa dos Presantificados e sermão ás 10 e meia horas. Matinas e laudes ás 6 horas.

Sabbado, Benção do lume novo, preçonio e missa ás 10 horas;

Domingo, Procissão, missa solemne e sermão, ás 11 horas.

E' orador, em sexta feira, o reverendo dr. José Joaquim d'Oliveira Guimarães Junior, e no Domingo de Paschoa o reverendo dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos.

Caverna de Caco

O sr. Dias Ferreira, de quem temos transcripto phrases sobre a situação do pais, faz estas revelações:

«Ainda não está feita a collocação do pessoal de fazenda, e no ministério dos extranjeiros ha, além de augmentos de ordenados, *quatorze novas nomeações*, mais ou menos illegaes. Os nomes dos beneficiados não vieram no *Diario do Governo*, não ha visto do Tribunal de Contas, mas recebem já o dinheiro. *Abyssus abyssum invocat.*»

Decididamente o Terreiro do Paço está convertido em perfeita caverna de Caco. Assim a derivar para o bandoleirismo impudente, não é muito que a monarchia vá em breve recrutar o seu pessoal maior no Limoeiro.

Havemos de ver ainda, florescendo o regimen monarchico-constitucional, um ministério assim constituído:

Presidência e reiuo:—O Bicho; Justiça, O Regedor; Fazenda, O Perna de Pau; Guerra, O Lobo; Marinha, O Saffo; Obras Publicas, O Paliteiro; Extranjeiros, O Inglês.

As chónicas da Boa-Hora resumam das bellas qualidades destes nobres futuros conselheiros.

Nova collecção Horas de Leitura

Walter Scott

Ivanhoé

Volume I

LIVRARIA EDITORA

Guimarães Libanio & C.ª

LISBOA

Preço, 200 réis

AVENTURAS PARISIENSES

14.º

A mancha da familia

POR

Pierre Salles

LISBOA

Antiga Casa Bertrand

de José Bastos

Cada volume illustrado, 200 réis

ANNUNCIOS

GRANDE ALFAIATERIA

Leão d'Ouro

44—Rua Ferreira Borges—46

O proprietario desta acreditada alfaiateria resolveu fazer um grande abatimento nas fazendas existentes, não só por causa de balanço a que vae proceder no principio do proximo mez, mas para dar logar ao sortimento da *estacão de verão*.

Fazendas para fatos d'homem e creança, vestidos e capas de senhora, gostos variadissimos, qualidades superiores, preços reduzidos.

E' aproveitar, quem quizer vestir bem e barato.

REMEDIOS DE AYER



Peitoral de Cereja de Ayer—O remédio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmonar, frasco, 1\$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer.—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. Frasco 1\$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões.—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer.—O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquisita preparação para aformosear o cabelo

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLOBIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarías e lojas de perfumarias

CASA INNOCENCIA

CONFEITARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)

AGUARDENTE

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amêndoa e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.

Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos mínimos preços, garantindo a sua perfeição e acção na fabricação.

Dirigit correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{mos} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—**Memória**—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchima de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tam acreditadas máchimas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivaes, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e acceitam-se máchimas em troca.

Esta casa acaba tambem de receber um grande sortimento de armures pretos, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalizados, a rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amêndoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscuitos na Couraça de Lisboa, 32.

Amêndoas e cartonagens

Brindes de Semana Santa

Visitem a **MERCEARIA LUSITANA**, na rua do Cego, n.º 1 a 7, que ali encontrarão o que ha de mais surpreendente em caixinhas e outros diferentes objectos de luxo e a mais fina e saborosa **AMENDOAS DE LISBOA**, fabricada especialmente para esta casa.

VINHOS

finos e generosos, tanto nacionaes como estrangeiros, encontram-se no mesmo estabelecimento, assim como tudo o que ha de mais fino em géneros de mercearia.

1, Rua do Cego, 7 — Coimbra

MERCEARIA LUSITANA

Loteria da Paschôa

40:000\$000

Extração a 3 de Abril de 1902

Bilhetes a 20\$000 réis

Vigessimos a 1\$000 réis

A commissão administrativa da loteria, incumbem-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes e vigessimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Bicyclete Peugeot

Modêlo «course route»

Vende-se quasi nova e garantida.

Para tratar Castro Leão—Calçada, Coimbra.

THEATRO-CIRCO

Tendo a Sociedade do Theatro-Circo Principe Real de Coimbra deliberado a sua dissolução e liquidação amigavel, nomeando para liquidatário o advogado abaixo assignado, são por este meio convidados todos os crédores da mesma sociedade a dirigirem a reclamação dos seus créditos por escripto ao mesmo liquidatário, afim de serem verificados, e se proceder ao seu pagamento, em harmonia com as deliberações da Assembleia Geral.

Coimbra, 20 de março de 1902.

Dr. Teixeira d'Abreu.

MERCEARIA

DE

José Tavares da Costa

SUCCESSOR

ALVARO ESTEVES CASTANHEIRA

2, L. do Principe D. Carlos, 8

Amêndoas finissimas de todas as qualidades, fabrico especialmente destinado a este estabelecimento.

Cartonagens variadissimas do mais fino gosto artistico, nacionaes e estrangeiras, para todos os preços.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de chá, e todos os objectos de escriptorio.

Phonographos e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, cançonetas, operas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

LOJA DO MINHO

Deposito das legitimas machinas **Singer**, instrumentos, musicas, Pianos, Bicycletas, oculos e lunetas.

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Por mais uma vez provar que as machinas **Singer**, são as mais acreditadas do Mundo, as mais solidas, e as mais simples, é que já vendemos no nosso deposito mil e tantas machinas. É caso raro aparecer uma machina **Singer**, a concertar aparecendo diariamente dezenas dellas doutros auctores a concertar na nossa officina. Recommendamos ás sr.^{as} costureiras e alfaiates a machina **Singer**, Bobina Central (ultima palavra); temos sempre um completo sortido em agulhas e peças para todas as machinas. Guitarras, Violões, Bandolins, Bandolinetas, Rebecas, Violetos, arcos, cordas, flautas, clarins, oculos e junetas.

Ha um saldo de musicas para piano a 40 réis. Concerta-se toda a qualidade de machinas, bicycletas, instrumentos e tudo o quanto for em metal amarello, para o que temos pessoal competentemente habilitado.

PREÇOS FIXOS

LOJA DO MINHO

MARTINS DE ARAUJO

44, Rua do Visconde da Luz, 48

COIMBRA

Venda de Theatro

No dia 20 de abril próximo, e para completa liquidação da respectiva sociedade, será vendido em hasta publica, e pelo maior preço offerecido, o edificio do Theatro Circo Principe Real desta cidade, com todo o seu mobiliário, e bem assim um olival annexo—tudo num só lote.

A praça terá logar no proprio edificio do Theatro, começando ao meio dia, e não podendo fechar-se sem ter durado pelo menos uma hora; devendo o arrematante entregar ao liquidatário, que é o abaixo assignado, no proprio acto da praça, a quantia de 5000000 réis, e pagar o resto do preço no acto da escriptura, a qual será lavrada em dia escolhido pelo arrematante, dentro dos oito dias immediatos ao da arrematação.

A venda é feita com a condição de ficar pertencendo á sociedade a renda dos prédios annunciados até ao S. João do corrente anno; podendo, no entretanto, o comprador exercer desde a compra todos os seus direitos de propriedade, inclusive despedir o actual arrendatário.

Faz-se egualmente público que o terreno, onde foi construido o edificio do theatro foi comprado á Camara Municipal de Coimbra, sob diversas condições constantes da escriptura de 14 de fevereiro de 1891, que aqui se dão todas como reproduzidas, entre as quaes se encontram as seguintes:

Condição 4.^a

O terreno não pode ser applicado a outro fim, voltando nesta hypothese para a posse do municipio.

5.^a

Se, depois de construido o Theatra Circo, houver de se lhe dar outra applicação por motivo de força maior, os possuidores do referido Theatro serão obrigados a indemnisar a Camara com o excesso que vae de 300 réis para 680 réis que foi o preço médio dos terrenos naquelle local.

Para quaesquer informações antes da praça podem os interessados dirigir se ao advogado abaixo assignado, e na sua ausencia ao sollicitador Manuel Mendes Pimentel, no Pateo da Inquisição, n.º 25.

Coimbra, 20 de março de 1902.

O liquidatário,

Dr. Teixeira d'Abreu.

FECTUBAS

e envelopes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

REWOLVERS

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

JOÃO GOMES MOREIRA

EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA

COIMBRA

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor

Manuel d'Oliveira Amaral

Redacção e administração, rua Ferreira Borges, 135

Officina typographica

Rua Martins de Carvalho, 7 e 9

N.º 685

COIMBRA — Quinta feira, 27 de Março de 1902

8.º ANNO

NA AGONIA

Está preparada pelo governo a agonia do país.

Sabido é, pois já assim o mandou proclamar essa alcateia faminta que explora a nação, que o convénio com os credores externos está assignado e que logo depois das férias de Páschoa será apresentado ao pseudo-parlamento, que para aí está funcionando; sabe-se também que a consignação do rendimento das alfândegas aos encargos da dívida é um facto, facto, tristíssimo e vergonhoso de que fica dependente o futuro e a honra de Portugal; sabe-se que essa cláusula, mal disfarçada, arditamente disfarçada, é condição fundamental da traição preparada; sabe-se que o parlamento de farçantes progressistas e regeneradores votará em poucas horas, approvando-o, o ominoso contracto; é manifesto que, depois deste facto consummado, fica para sempre acorrentada ao arbitrio interesseiro das nações credoras a economia nacional; ninguém se illude sobre a natureza do convénio, nem ha quem possa convencer-se de que os credores tenham estado a lesar-se nas suas vantagens sómente para nosso bem; toda a gente reconhece, por isso, que as afirmações mandadas fazer por Hintze Ribeiro nos jornaes que o governo paga, como as *Novidades* e o *Século*, sam embustes tórpes a mascararem uma traição manifesta... Pois apesar deste conhecimento, positivo e certo, que todos têm da monstruosidade política, económica e financeira que envolve o fatal convénio, assistimos dolorosamente a uma criminoso indifferença nacional, que por si só justifica bem todas as machinações embusteiras dos comediantes da politica portuguesa!

Pois de que servem neste país — rigidez de principios, austeridade de convicções, honestidade de processos, rigores de administração, se o país se acha bem com as tranquibernas do poder, na miseravel rotação constitucional de regeneradores e progressistas? Na mais deprimente situação moral, a braços com a ruína patente todos os dias, manifestando-se abertamente o louco desperdício dos dinheiros públicos em compras miseráveis de consciencias tórpes que se vendem, não ha um movimento salvador que se desenhie ao menos, não ha uma revolução purificadora que saneie e depure a organização politica do país!... Que nacionalidade é esta, que cada vez mais se avilta e se afunda, numa agonia que infunde desprezo em vez de respeito?

Mas queremos ter esperança ainda. Não se consummou de todo, por ora, a venda da nação; o convénio não está por enquanto firmado por aquelles que juridicamente representam o país; não está tudo perdido ainda... Aproveitemos os poucos dias que nos restam; aniquilemos os trapezeiros das escuras negociatas; resurjamos deste lodaçal de torpêsas para uma atmosfera vivificante e sadia; expulsemos os vendilhões e salvaremos a nação...

Aproveitemos os poucos dias que nos restam; aniquilemos os trapezeiros das escuras negociatas; resurjamos deste lodaçal de torpêsas para uma atmosfera vivificante e sadia; expulsemos os vendilhões e salvaremos a nação...

Aproveitemos os poucos dias que nos restam; aniquilemos os trapezeiros das escuras negociatas; resurjamos deste lodaçal de torpêsas para uma atmosfera vivificante e sadia; expulsemos os vendilhões e salvaremos a nação...

RESISTENCIA

Não se publica no próximo domingo.

Enquanto é tempo

Sam do *Imparcial*, de Lisboa, os seguintes periodos:

«O governo faz constar pela sua imprensa que o convénio é uma maravilha, mas a imprensa alemã avisa-nos de que os credores ficam com a garantia das alfândegas e com o «controle» diplomático.

Já o sabemos. Mas não é mau reproduzir o que dizem os credores, que sempre merecem mais credito do que o governo português, tam empenhado em occultar a triste verdade da situação.»

Controle diplomático e garantias das alfândegas, taes são as duas principais bases sobre que assenta o deshonroso e perigosissimo convénio, que os governantes querem fazer, para conseguir um empréstimo.

Enquanto é tempo, enquanto os falsos representantes do país não chancellam a infamia, é que se deve proceder.

O povo soberano não quer a deshonra e a ruína que a monarchia lhe quer impôr?

Pois se não quer, que o demonstre, por meio da força.

Que os governantes não sam gente que vá com palavras, pois quem pretende vender a patria, não tem vergonha, nem dignidade.

Pelos boërs

Hoje e amanhã deve realizar-se em Lisboa, na sala das sessões da *Associação Commercial dos Logistas*, uma conferência de delegados de varias procedências, para se discutir a maneira de poderem concorrer eficazmente para que a iniqua guerra, que a Inglaterra está fazendo aos heroicos republicanos Sul Africanos, tenha um termo honroso para elles.

O convite para a reunião é feito pelo *Cirio Civil Estrella* e pela *Federação Socialista Livre*, assignando os convites por parte da primeira o sr. Julio Dias e pela segunda o sr. José do Valle.

A ordem dos trabalhos é a seguinte:

- 1.º — Qual deve ser a attitude do povo português em geral, e da democracia em especial, em face da guerra sul africana?
- 2.º — Em face da influencia nefasta do militarismo, como pôr em pratica a nossa acção afim de evitar a guerra?
- 3.º — Propostas diversas sobre questões humanitárias.

O fim da reunião é justissimo e a elle nos associamos de todo o coração, pois somos dos mais sinceros admiradores do heroismo e abnegação dos boërs, raça de valentes que têm assombrado o mundo com os seus feitos.

Agradecendo o honroso convite que nos foi d rigidio, fazemos ardentes votos para que da reunião saiam alvitre aproveitáveis e praticos.

O governo tem medo

Sam ainda do *Imparcial* os periodos que transcrevemos em seguida:

«Corria hontem, que ao último conselho de ministros houve serias dissidências entre dois ministros.

«Mais se dizia que se no norte continuarem as manifestações de desagrado contra o convénio, este talvez não se chegue a realizar.»

O governo já se assusta com a onda de indignação que se avoluma em todo o país contra o seu tórpe procedimento.

Haja coragem e decisão, e a patria será salva.

E se os protestos patrióticos não produzirem os devidos efeitos, tem a palavra a insurreição.

SEM DESANIMOS

Perante a imminência do perigo que ameaça soterrar numa avalanche de lama este povo que na história avulta em tam brilhante destaque, nenhum português deve refugiar-se no desalento acobruhador que prende os braços e esmaga as almas com a entrevisão dolorosa de que tudo está perdido.

Não!

E certo que a dentro da monarchia, nenhuma garantia de vida nova deparamos.

O regimen, sob todos os aspectos, falliu. Os seus homens, os seus processos, os seus vícios, cairam ha truito sob o anáthema da consciencia collectiva. Os proprios que, por uma adscrição estreita de interesses, o defendem e tripudiam nas suas orgias, confessam por vezes, em momentos de irado despeito ou rude franqueza, que o país, levado na onda turva da corrupção monarchica, vae celeremente para Pantana. Permutando-se accusações os homens proeminentes do regimen, organisam, com documentos, o seu processo. E perlustrando esse processo, vadeando esse chavascal de infamias que elle descobre, todos os espiritos independentes e todas as consciencias briosas, se pronunciam pela urgencia de executar os reos de todas as vergonhas e crimes que a esta triste situação nos reduziram.

A dentro da monarchia, pois, é impossivel continuar a viver com honra e com liberdade.

Todos os promettimentos neste sentido sam uma dolorosa captação. Pois quem ha ahí entre a turba anonyma e famélica dos serventuários da monarchia, que possa metter hombros á empreza patriótica da regeneração nacional? Ninguém. Annos e annos de desperdícios e de infamias, de cynismo ovante, de transigências vergonhosas, de lenta morte moral, o provaram clara, inilludivelmente.

Hintze Ribeiro ou José Luciano equivalem-se, confundem-se. Nenhum delles nasceu para as cavallarias altas da governação. O acaso caprichoso, só, apanhou-os na alfofa dum trapeiro e destes farrapos sujos fez bandeiras de partidos.

Mas, porque isto é assim, porque os homens do regimen falliram fraudulentamente, devemos nós abandonar o país á sorte miseranda que esses bandoleiros lhe talham?

Nunca!

Chegou o momento de intervir. Sem stardes, sem fraquezas, com a serenidade de quem marcha para um altissimo sacrificio, é preciso lutar para viver ou para nos darmos, ao menos, a compensação de saber morrer.

Estamos atravessando, é certo, uma crise de profunda atonia, de intenso enervamento. Esquecemo-nos do passado, dos heroismos e das glorias que um poeta genial entalhou nos versos de ouro duma epopeia incomparavel. Deçaimos, cobrimo nos de vergonhas.

Tem destas crises, os povos. Amadornados, frios, nenhuma commoção os levanta, nenhum grito os arrasta. Imobilizam-se, retrogradam, deshonram-se.

A França, não ha muito, sentiu-se em perigo ao ullular selvatico da clericalha e do militarismo. A sua mocidade, quando foi dessa luta, atirou a lama dos seus apupos ás câns imaculadas dum velho senador, que só á justiça e á Verdade sacrificava.

E essa França, a terra angusta da Revolução, e essa mocidade, é filha dos adoráveis campeadores que morriam nas barricadas, pela Republica, com o cá irá a estourar-lhe nos lábios...

Nós estamos assim, prostrados, frios, numa immobilidade de cadaveres.

Mas ao surge clamoroso da Revolução podemos ainda levantar-nos, viver, fazer uma epopeia grandiosa, não tecida dos heroismos e das aventuras antigas, mas das conquistas nobres e altas da liberdade e do trabalho.

Chamem-nos romanticos, sentimentaes, piegas. Insistimos em ir atraz do

nosso sonho, que se forma e ascende da aspiração santa das nossas almas puras.

As quadrilhas do regimen, conluídas para esse assalto infando que é o convénio, querem dar-nos uma situação infima de escravos. E pois que a monarchia caiu, arrastando a grilheta da sua premeditada traição, salvemos a Patria pelejando um derradeiro combate, arriscando a ultima esperança, abrindo, se tanto for preciso para a erguer e purificar num grande baptismo redimidor, as nossas veias tumidas de sangue revoltoso.

**Pela Patria!
Pela Republica!**

CAIRÁ?

O governo parece que ja entrou na agonia. Ha indicios valiosos que o demonstrem, apezar da imprensa officiosa e alugada desmentir o caso.

O *Século*, camaleão politico ás ordens de todos os que lhe pagam, e que tanto tem amparado e defendido a infame negociata do convénio, já começa a ataca-lo!

Isto faz-nos lembrar a fabula do leão velho e do burro, em que este, vendo o seu senhor sem forças, na agonia, lhe deu uma parelha de coices.

Alem deste symptoma, que é conclusivo, ha mais. O *Diario de Noticias*, órgão officioso de todos os governos, também já ataca a firma Hintze & C.ª.

A causa do governo estar periclitante é attribuida a recusa dos financeiros estrangeiros a tratarem com um ministério impopular e que, com o seu anti patriótico procedimento, está produzindo um mal estar gravissimo no país.

Por tal motivo, se a revolta nos espiritos se continuar a manifestar, a nação ficará livre dum governo que a arruina e de um convénio que a deshonra.

Dr. Teixeira de Carvalho

Partiu para a capital, a passar as férias de Paschoa, o nosso querido collega de redacção sr. dr. Teixeira de Carvalho.

Em virtude da sua precipitada saída não podemos publicar no presente numero a sua scintillante *Chronica do teatro*, o que sobremaneira nos penalisa.

Irá no próximo numero, — tranquillizem-se os admiradores do notavel escriptor.

O DEVER

«Todos os portugueses são obrigados a pegar em armas para sustentar a independência e integridade do reino, e defendê-lo dos seus inimigos externos e internos.»

(Art.º 113.º da Carta Constitucional).

Contra o convénio

A conferência, que o illustre cathedrático da Universidade sr. conselheiro Bernardino Machado realisou no dia 21, no *Gremio Commercial*, do Porto, foi importantissima.

O numero auditorio, que escutava a palavra auctorizada do distincto conferente, cobriu de applausos as passagens mais pungentes do seu discurso e que se referiam ao convénio á marcha do governo.

O Porto parece que se quer impor á horda de bandoleiras que, tendo levado de assaltos os bancos do poder, fazem mão baixa nos rendimentos públicos e nos conduzem á deshonra e á bancarrota.

Que o Porto se levante, e todos os cidadãos honestos e amantes da independência da patria o secundarão cheios de enthusiasmo, promptos para os maiores sacrificios.

CHRÓNICA POLITICA

Uma chónica politica, em quinta feira santa, bem poderia ser um sermão de lágrimas, recordando a via dolorosa que tem seguido a pobre patria dentro dessa fixação constitucional em que assenta a monarchia.

Os sacerdotes da religião de Christo recordam os tormentos e a paixão do mártir Nazareno, e arrancam lágrimas, lamentos e suspiros, á sensibilidade dos fieis; por desgraça nossa os sacerdotes da religião civica calculada ou criminosamente emmudecem perante os espectáculos dos tormentos que os rabinos desta judeia inflingem ao manso cordeiro!

A semana santa dos christãos corresponde a semana angustiosa da patria, que, depois de vendida por uma quadrilha de judas, sobe a olhos vistos ao cume do seu Gólgotha, mil vezes vilipendiada e escarnecida, sob o peso do terrivel madeiro que os judeus da monarchia lhe poseram ás costas.

E nem um bom Cyrineu a ajuda a subir ao Calvário, nem duas cruzes se levantam para crucificar os dois principaes ladrões, nem as lágrimas dos arrependidos lhe metigam as áncias da agonia!

Pobre mártir!...

A batalha de Pharsália foi o *consumatum est* da liberdade romana, o convénio, que os chefes monarchicos estão pondo em ordem nesta semana terrivel, poderá ser o *consumatum est* de todas as nossas franquias de povo livre.

Consumatum est foram as últimas palavras do Christo; quem sabe se dentro em poucos dias serão também as derradeiras deste bom povo que se não defende das mãos traçoceiras que o estrangou para regalo e satisfação dos interesses inconscientes de meia dúzia de Migueis de Vasconcellos!

A meditação dos graves acontecimentos que os traidores da patria estão preparando, chamamos os poucos ou muitos patriotas em quem o sentimento da dignidade portuguesa não tenha soffrido o mal terrivel da indifferença.

Pavorosa é a situação!
Mais um pouco, e tudo estará perdido!

A figura mephistophélica do Carrilho por lá anda, por conta do thesouro e da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, a tratar do arranjo, e a dentro de fronteiras cá estão Hintze Ribeiro e José Luciano de Castro a preparar o resto.

O resto será o voto urgente dos representantes da nação, sancionando o tratado provisório firmado pelo delegado do governo. Esse voto representa uma traição dos partidos que entre si devidem, como os salteadores associados, o producto do crime; mas esse voto completará o trabalho de deshonra nacional, e sobre elle ficará, como lugubre epitaphio, o desolador *consumatum est*!

Haverá ainda tempo de evitar tamanha catástrophe?

Talvez!...

Talvez, se o povo, em um natural impeto de dignidade e indignação, se convencer que está sendo vendido a companhias ambiciosas para interesse de uma politica irrita e repugnante, que depois de tudo arruinar na mais completa das bachanais administrativas põe em almoeda a honra da nação.

Nada ha que esperar dos dois partidos — regenerador e progressista. Aliados para a obra deprimente e vergonhosa, que, mais que nenhuma outra vergonha, deve commover o país, sam elles os principaes inimigos da patria.

Reunidos e de pleno accôrdo no parlamento nenhuma sombra, nenhum obstáculo ai se levantarão aos seus negregados designios; mas a soberania é e continuará a ser do povo, que por diversas formas pôde e deve retirar a sua confiança aos que atraçoam o mandato que lhe foi outorgado.

Quando no parlamento se não levantam protestos contra um convénio que offende os brios nacionaes, pro-

testa-se fóra do parlamento, pelos meios que a própria dignidade popular aconselhe.

Bem sabemos que os chefes monarchicos estão guardados pelas armas da guarda municipal, e pelos chafalhos da policia, mas mesmo no campo das violências, se para esse campo arrastarem a nação — ainda a consciência do dever foi, e, e será sempre, a maior força de um povo que pugna pelas suas liberdades, defende a própria independência.

Vamos, se ainda é tempo e ainda é possível!

Protestemos contra o convenio, que não pôde deixar de ser vantajoso para os credores, e, como consequência, insuportavel e ruinoso para a nação.

Levante o povo a sua voz em comícios, em associações, em toda a parte. Affirme á face do mundo, que honradamente quer administrar o seu patrimonio, e honradamente quer pagar aos seus credores.

Saccuda de uma vez para sempre a influencia da oligarchia dominante, e tudo o mais se tornará fácil.

E' claro que com embaixadores á China, viagens inúteis aos Açores, e a defesa da politica monarchica á custa de rios de ouro arrancados ás arcas do thesouro, — as nossas difficuldades financeiras se tornarão cada vez mais difficéis; mas fóra desse regimen, — economizando-se o que se pôde economizar na lista civil e nos diversos ministerios, onde a vida monarchica é sustentada com milhares e milhares de contos de reis em prejuizo do fomento agricola e industrial; — fóra desse regimen, repetimos, facilmente se convenciamos os nossos credores que temos recursos e honestidade para briosamente solvermos as nossas dividas.

A não ser isto nada se resolverá sem contendas mais ou menos graves, porque não estando feito o accordo entre os chefes dos partidos da rotação constitucional. Por agora, e o mais urgente, é derrubar os chefes desses partidos, e chamar á consciencia do dever todos os cidadãos, que acima de tudo colloquem a honra e os sagrados interesses da patria.

Teremos tempo para isso? Quem sabe!...

A confissão

Para provar a bondade da confissão, diz assim *A Ordem*:

«—Eu confessar-me? Não preciso... não tenho peccados.

«—Não precisará, não. Ha duas classes de pessoas que não precisam de confissão: as creanças que ainda não têm uso de razão e os parvos que já a perderam.»

A isto diremos; que a confissão é a devassa da consciencia feita por homens muitas vezes sem vergonha, sem honra, sem humanidade.

Eis uns exemplos: Em Villa Real, no collégio de Nossa Senhora do Rosario, um dos padres de lá, a fez tam infames perguntas a uma filha e uma creada, ambas menores, pertencentes ao chefe da policia civil d'alli, que este foi procurar o miseravel para o matar, valendo-lhe o ter já saído da igreja.

Na Figueira da Foz, ainda não decorreram muitos annos, que um padre fez taes perguntas ao confessorário a creanças e mulheres casadas, que se não foge tam depressa, era victima, tendo de posto no tribunal daquella comarca varias creanças e mulheres a quem foram feitas propostas e insinuações obscenas no confessorario.

Imagine-se o que dirá no confessorário, ás suas penitentes, o padre Joaquim do Amaral Gomes, vulgo *O Pinguinhas*, batoteiro emérito bebado, frequentador de lupanares, emfim um pouco de viciado.

E diz *A Ordem* — que só não necessitam de confessar-se as creanças que ainda não têm uso de razão e os parvos que já a perderam!...

Com certeza o auctor de tal prosa, no seu entender, não é um parvo, porque se confesse; pois na nossa opinião, não só não é um parvo, mas até um finório; mas que finório!...

E por agora basta.

Por ordem do sr. ministro das obras públicas foi chamado a Lisboa o digno director das obras públicas deste districto, para conferenciar com elle sobre o melhoramento do estado sanitário desta cidade e para combinar as obras que forem urgentes fazer-se para tal fim.

Na verdade muito se necessita fazer para que Coimbra fique nas devidas condições de salubridade.

PELA SEMANA

Um glorioso sol de primavera logrou emfim varrer para bem longe aquella parda camada nevoenta que vinha pondendo tristezas e angústias em toda a vastidão do illimitado céu, como se brancas lendas do Norte andassem no ar, mysteriosas e vagas, e da alma das coisas surgissem — num côro que ferisse apenas, indeciso e remoto, o ouvido dos que muito sentem — desoladoras balladas sentimentaes.

Agora, por esta clara manhã de quarta-feira, vêem-se os montes distantes amplamente batidos da luz aspera, que os affronta, que os colleia, que os penetra e revolve, sem que em toda a sua vasta superficie a mancha dum sombra fique, a avelludar-lhes o dorso bravo e rude; e a campina é docemente tocada dum faixão d'ouro com que a veste o sol para o supremo e largo beijo fecundante de março.

Entretanto, cae das torres um som triste de sinos. É quarta feira de Trevas. Pessoas circumspectas, gravemente vestidas de preto, passeiam na Baixa, com todo o ar gato-pingado de quem vai rememorando a tragédia da Paixão; e entram no Telles, sempre soturnas, lugubres sempre, a afogar a Paixão em copinhos de vinho branco.

A alta é quasi deserta. Ficamos poucos mais do que eu e o ornamental sr. Siqueira. Ainda não o vi hoje, o sr. Siqueira. Mas como elle deve andar! Estou-o figurando muito de negro, negras luvas sobre a capa negra, apenas uma orlasita dos punhos saído — o sufficiente para que se mostrem os botões negros. Traz certamente a cara fúnebre, a cara-Horta, a cara velludillo-e-galões-brancos com que invariavelmente o vemos nos funeraes académicos, invariavelmente levando uma corôa, invariavelmente pegando numa fita, empunhando invariavelmente uma vella.

Assim assistirá ás Trevas, hoje; assim amanhã á Paixão; assim ao Enterro, depois. E apparecerá no sabbado deslumbrante, luva branca e laço branco, a rutila bota reflectindo o azul suave do céu; e hade apresentar a cara alegre, a cara musica-e-foguetes, a cara tarde-de-toiros, que o sr. Siqueira tem sempre para as occasiões festivas: a cara com que no anno passado, caloiro, no dia da emancipação, o sr. Siqueira flanou, na boleia dum trem de quartanistas, brilhantemente adornado e preso atraz, como um pombo, por berrantes fitas vermelhas.

Nas férias, a Alta desmascara-se. Costureiritas graciosas e *chics*, que se passeiam de ponto em branco, em tempo d'aulas, o tacão da botina batendo rijamente a calçada, a saia um pouco erguida deixando ver brancuras estonteantes de rendas, sentam-se agora pelas ruas, bambalhonas e lassas, os pés largamente calçados em chinellos réles, d'ourello, dos quaes saem, com calcanhares remendados, grossas meias d'algodão.

Ha grupos pelas portas; e *cocottes* rivaes, que passam o anno a morder-se, a intrigar-se, a lançar-se olhares feroces e ardidos de ciúmes — *para inglês vêr* — acamaram agora, numa grande intimidade, trocando impressões da temporada, e pondo a nu os nossos hábitos, os nossos defeitos, as nossas ceroulas rôtas, as nossas cautellas do prego e as nossas moléstias de pelle.

O sapateiro apparece ás vezes, e apparece o alfaiate. E' todo um desfiar de dividas. E que vestimos mal. E que calçamos peor. E vem o feito do nosso pé e a largura dos nossos hombros. E que não assignamos sébentas. E que não temos engraxador. E que não bebemos champagne.

As serventes esfolinham, rebustam, revolvem tudo. Cartas da familia, contos de credores, pistolas amorosas, o rol da roupa suja, tudo é lido e relido e largamente narrado.

Sorrisos que nós pagamos caros, teem-nos de graça os fúricas, agora, cheios de ternuras e promessas.

E dentro em dias, quando as férias forem findas e os *saccas de carneão* voltarem, outra vez se armará a comedia, para o sapateiro, o alfaiate, a servente, nos cumprimentarem humildes, com um *sr. doutor* desbarretado e profundo; enquanto as costureiritas e as engomadeiras, ingenuas e mignonnes, hão de tombar-nos nos braços, olhar em fogo e labios rubros — chorando de puro amor...

A. S.

Quem tudo quer...

Constantino Pereira, feitor dum quinta em Mucelão, pertencente ao sr. Francisco Rodrigues da Cunha Lucas, desta cidade, foi burlado por uns *finórios*, que lhe impingiram um canudo, cheio de arais,

chumbo, serradura e outras trapalhadas, com uma pequena camada do *vil metal*, por pé do fio oiro.

O Pereira deu 90\$000 réis, que pediu emprestados ao patrão, pelo conteúdo do canudo, julgando que fazia um negocio de arregalar o olho, mas apenas apañhou um canudo, o que canudo...

Vendo-se roubado, recorreu á policia, apresentando a sua queixa na 2.ª esquadra.

Suppõem-se que os *finórios*, que embarrilaram o Pereira, são os conhecidos gatunos *Gaspar e Castro*, que andam em digressão pelo país, visto a policia do Porto andar á sua procura para os hospedar na Relação.

Isto de se querer em fazer negocios de grandes lucros, comprando *nabos em saccos*, são perigosos, e o Pereira que o diga, pois o aprendeu á sua custa. Agora chora o seu rico dinheiro, que tarde ou nunca tornará a vêr.

Diz a Ordem:

«Um agente de enterros civis a uma aldeia:

«—Quero fallar a seu marido.

«—Não está.

«—Pois olhe, eu vinha tomar nota dos que se quizessem associar para terem enterro civil...

«—Lá por isso, não seja a dúvida. Olhe, venha commigo ao curral, que eu digo-lhe os nomes dos meus brutinhos.»

Certamente o auctor catholico do caso, encontrava-se no tal curral, com as suas longas orelhas afiladas, o pescoço estendido, os dentes a entrechocarem-se, á espera da razão.

E não foi senão elle que informou *A Ordem*...

Diz-se que uma das medidas que o governo porá em pratica, se conseguir o convenio, é obrigar o commercio a pagar em ouro parte dos direitos aduaneiros.

Depois de ter posto o país no regimen do papel moeda, quer obrigar o commercio a arranjar ouro para a continuação da orgia em que vivemos.

E não ha do país levantar-se e esmagar semelhante cáfila.

A iluminação publica e o «Tribuno»

Pretende replicar, no seu numero de ontem, este collega local, ao que escrevemos referente á suppressão duns candieiros de iluminação publica.

E dizemos que pretende replicar, porque o *Tribuno* o que tratou foi de arranjar uma escapatoria airosa, afim de sair da alhada em que a sua muita «vivacidade» o metteu.

Nós deixamos lhe fazer uso da tal escapatoria sem protestos, pois que, não obstante o collega ter-nos talvez na conta de gente de mau génio, somos boas pessoas, creia-o. E para prova até nem fazemos reparo á sua affirmativa, de que aproveitámos uma *censura injusta* para arguir a camara, o que é uma insidiasinha que bem merecia reprimenda, pois o collega bem deve saber, que aqui não se fazem accusações por prazer, nem por odios, mas apenas quando estamos convictos de que são justas.

O mais que diz sam coisas a armar ao effeito, mas que em nada destroem as nossas affirmativas.

E descance o collega na sua tarefa de defensor da camara, que enquanto ella proceder bem, nunca terá que vir em seu socorro, porque até nós a defenderiamos officiosamente.

Recita dos quintanistas

E' no dia 19 do proximo mez, que se deve effectuar a recita de despedida dos quintanistas de direito e theologia.

O titulo da peça é *Até que emfim!*, sendo seus auctores os srs. Augusto de Castro e João Lucio.

O theatro é illuminado a luz electrica; as ornamentações estão a cargo do sr. Roberto Fino; os ensaios sam dirigidos pelo maestro sr. Manoel Benjamim.

O governador civil deste districto remetteu á direcção geral de instrucção publica uma representação da camara municipal de Montemor-o-Velho, pedindo urgentes reparos no edificio da escola do Conde Ferreira, daquella villa, participando que concorrerá com a decima parte das despesas orçadas.

O edital do cuspo

Com bastante troça foi ha dias recebido um edital pelo qual o governador-civil de Lisboa mandava collocar nos estabelecimentos públicos e nos vehiculos para transporte de passageiros, escarradores especiaes, destinados a evitar o uso prejudicial e mesmo perigosissimo de escarrar no chão. A' parte, porém, a reacção que naturalmente sempre desperta a implantação de um novo habito, nada mais pôde justificar aquella mofa com que muita gente e até alguns jornacs receberam o edital, que, por graça, se lhe chamou do *cuspo*.

O escarrar no chão, embora poucos o saibam, assume hoje, em face dos novos conhecimentos, as proporções de um verdadeiro crime. E' pelo escarro que melhor se espalha e propaga o terrivel bacillo que nos causa, por anno, perto de vinte mil óbitos.

E é combatendo a velha e porca costumeira, que poderemos enfrequecer, em grande escala, o mal terrivel que não, só nos rouba muita vida, causa muita dôr, muita lucta e muita miséria, mas que tambem nos vae enfraquecendo a raça, e acelerando-lhe consequentemente a decadência.

Não faltou quem risse, a bom rir, quando no átrio e escadas do Museu appareceram, postos sobre columnas, escarradores de porcellana, que os rapazes por torça, varias vezes, transformaram em vasos de flores. No entanto, é mister dizer-se que essa forma de escarradores se impõe, como poucas, porque obsta, e bem, a que o escarro vá cair no chão, onde secando, se torna numa poeira, que espalhada pelo ar ataca os organismos que nella vivem, e implanta nelles a doença que os definha e mata.

Agora mesmo, que se vam abrir os templos para as concorridissimas cerimoniaes da Semana Santa, seria uma bella occasião para tratar deste ponto de hygiene nesses edificios onde durante muito tempo se agglomeram, por vezes, grandes massas de povo. Seria bom que á igreja, onde se deve ir buscar força, animo, resignação, perdão e virtude, se não fosse, tambem por engano, buscar a doença, a dôr, a morte, o lucto e a miséria.

O que dizemos das igrejas, dizemos tambem dos outros edificios públicos. Oxalá que as auctoridades competentes da nossa terra, olhassem a sério para esta questão hygienica, e seguissem, como norma, o procedimento louvavel do governador-civil de Lisboa.

A' policia

Em beneficio das pessoas que teem de transitar nos carros que saem da Portagem para diferentes pontos do districto, deve a policia avisar os respectivos cochoiros, de que procederá contra elles, desde que levem passageiros a mais ou grandes quantidades de bagagens, que ponham em risco a segurança de quem vai dentro dos carros.

Alguns dos arreios tambem andam em estado deploravel, quebrando a cada passo, o que é um perigo podendo dar lugar a desgraças muito para lamentar.

E para que isso não succeda, é que chamamos a attenção da policia.

Incendios

Pelas 2 horas da manhã, de hoje, manifestou-se um começo de incendio num predio da Quinta de Santa Cruz pertencente ao sr. Alberto Carlos de Moura.

O incendio começou num enxergão, e se não fossem promptos os socorros poderia tomar grandes proporções.

Comparceu material dos voluntarios e municipaes, sendo os voluntarios os primeiros a chegar.

Tambem numa casa da rua Direita, habitada pela sr.ª Maria da Guia, se manifestou um começo de incendio, pelas 8 horas da noite de hontem, sendo apagado pelas pessoas da casa.

Mortuaria

Na quinta da Machada, suburbio desta cidade, falleceu na terça feira o commandador sr. João Francisco Ferreira Jorge, natural de Oliveira de Azemeis, e que durante muitos annos rezidiu no estado de Campinas, Brazil.

O cadaver foi embalsamado pelos distinctos clínicos srs. Drs. Sousa Refoios e Daniel de Mattos, afim de ser transportado ou para Oliveira de Azemeis, como querem os seus parentes residentes em Portugal, ou para Campinas, conforme instam as pessoas da familia do extinto ali moradoras.

O cadaver está provisoriamente depositado no jazigo municipal, do cemiterio da Conchada.

Na Arragaça falleceu tambem na terça feira, o sr. Antonio Jorge Coimbra, natural do Poiares, e aqui morador ha bastante tempo.

O lestro foi acompanhado pela philarmonica dos Bombeiros Voluntarios e por um piquete de tam prestimosa corporação, por o finado ser seu socio honorário.

Em Cellas falleceu, na terça feira, uma creancinha, filha do sr. João de Menezes e sobrinha do sr. dr. Fernandes Costa, distincto professor de lyceu e director politico deste jornal.

Avaliando devidamente a dôr que punge as familias dos fallecidos, a todas enviamos a expressão do nosso pesar.

A' CARIDADE

Uma vergonha para a nação

Lê-se no *Jornal do Commercio* de terça feira, 25:

Recebemos o seguinte memorial:

Sr.

A filha do fallecido bibliographo Innocencio Francisco da Silva continúa doente e na mais extrema miseria. Recorre ao bondosissimo coração de v. para ser soccorrida com a esmola com que v. soccorre os pobres, o que de todo o coração agradece.

Lisboa, 15 de março de 1902.

Augusta da Conceição e Silva.

O reverendo prior attesta, no documento que acaba de ler-se, o seguinte:

Esta senhora é muito pobre e digna de ser attendida, o que attesto.

O prior, Gomes Freire.

Depois, ainda a pobre senhora escreveu á margem o seguinte afflictivo appello:

Rogo que desculpe a liberdade que tomo em incomodar v. Sabendo quanto é bondoso o coração de v., me animo a pedir para pôr o meu nome no numero dos seus pobres.

Minha miseria é extrema; vejo-me morrer de fome, quasi entevada pelo rheumatismo. De todo o coração agradeço o que faça em meu beneficio.

A filha do erudito e benemerito Innocencio morro da fome, sem que a assistencia publica sequer olhe por ella. Entretanto, dão-se penões até a quem é válido e tem empregos rendosos!

E' uma vergonha para o país. Mas acuda, ao menos, a bondade dos nossos leitores á desprotegida senhora que para nós appella, e que mora num quarto da rua do Aroo da Graça n.º 61, 2.º

Pelo nosso austero correligionario sr. Antonio Augusto Gonçalves, illustre director da Escola Brotero, foi feito o desenho que orla as novas cartas para bachareis formados e doutores, que vão ser usadas na Universidade.

O desenho, que é um primor como todos os que saem do lapis do abalissado professor, representa o portico da capella da Universidade e o emblema da faculdade para que forem destinadas as cartas.

As cartas já estão impressas.

Na ultima reunião do conselho superior de obras publicas e minas foi apresentado o projecto e orçamento de obras a realizar na Penitenciaria desta cidade.

Para contador do juizo de direito da comarca de Condeixa-a-Nova, foi nomeado o sr. Henrique Godinho de Mello.

O primeiro aspirante, telegrapho-postal, sr. José de Figueiredo Paiva, foi transferido da estação de Evora para a desta cidade.

Para resguardar o templo de Santa Cruz das inundações que tanto o prejudicam, teem de se fazer importantes obras nos canos de exgote desta cidade. Muitos canos encontram-se completamente deteriorados e até interceptados nalguns sitios por grandes pedras.

O sr. Pinheiro Borges já informou o governo de tudo, esperando-se as necessarias providencias para que as inundações se não repitam.

Padre Joaquim do Amaral Gomes

O PINGUINHAS

IV

Intervenção do sr. BISPO-CONDE
Participação ao poder judicial
e ao reitor da Universidade.
Pinguinhas escarrado.

Em homenagem á correção jornalística, que, ainda nas mais rijas contendas, deve ser escrupulosamente observada e mantida, a *Resistencia* termina hoje a sua campanha de moralidade, levantada, no meio dos applausos unânimes, contra o immoral padre Joaquim do Amaral Gomes, o *Pinguinhas*.

Suspensão pelo sr. Bispo-Conde, que vai proceder, informam-nos, a um rigoroso inquerito, e entregue ao poder judicial não só pelo attentado committido contra o operário sr. Augusto de Sousa Figueiredo, mas também pelas últimas façanhas committidas na freguesia onde parochiava, taes como a de perseguir pelo meio do campo uma pobre rapariga, depois de ter andado pelo logar em descantes obscenos, entendemos que o triste heroe está bem entregue e cedo receberá a justa recompensa dos seus méritos e acções.

Unicamente pela Justiça, e só pela moralidade, não queremos que alguém veja da nossa parte, continuando a dissecação do monstro, o requinte mal-doso de influir no espirito daquelles a quem cabe, sem commiseração e sem dó, castigar, num alto exemplo de reabilitação e para contempção de todos, esse indecoroso padre, que é simultaneamente um perigoso faccínora.

Fica assim interrompida a sua espartosa biographia.

Impossibilitados nos encontramos de continuar narrando feitos gloriosos do padre *Pinguinhas*, em que ora se revela o repugnante D. João de sachristia, ora se descobre o bandido do matto. Todavia, essa interrupção não nos penalisa, pois o publico encontra-se já sufficientemente elucidado para que a condemnação deste homem sordido seja por todos recebida como um profundo desabafo, um grande e generoso allivio.

A redacção da *Resistencia* sente neste momento a serena tranquillidade que na consciencia rebate o echo duma boa acção, e espera que a justiça desta terra cumprirá mais uma vez a sua elevada missão punindo esse criminoso por forma inclemente e exemplar. E' preciso impedi-lo de continuar a passear óvante as ruas desta cidade, que não é desterro de grilhetas.

Nota final. — O padre *Pinguinhas*, quando a *Resistencia* annunciou a sua campanha, pediu a intervenção de varios amigos nossos no sentido de conseguir silencio em volta da sua casa de tavolagem. Como nada obtivesse, publicou numa *folha volante* um estúpido alinhavado de insultos de mau vinho e de improperios obscenos no seu calão de batoteiro. Triste e sordido documento da sua intelligéncia e da sua alma!

E' claro que gente como o *Pinguinhas* insulta, calumnia, grita, sempre

na mais completa impunidade. Ninguém desce a levantar os insultos, a rebater-lhe as calumnias, ou a puxar-lhe as orelhas. Quando muito: *escarra-se-lhe*. Foi o que ante ontem lhe fizemos, pelas seis horas da tarde, á Couraça de Lisboa, quasi á porta da sua habitação, pois desde a publicação do pasquim o heroe estava aferrolhado, não apparecia.

Prevenimo-lo de que iam escarrar-lhe na cara, fugiu. Detivemo-lo só sob a ameaça da nossa bengala; escarramos-lhe então em pleno rosto, tremeu, estava verde, e deslisou no meio das vaias dos seus visinhos, que assistiam, sem uma palavra de protesto, sem um único gesto no phrenesi do desforço.

Um canalha!

Foi aposentado, com a pensão annual correspondente á totalidade de seu vencimento, o 2.º official do quadro telegrapho-postal desta cidade, sr. João Luiz Gonçalves.

CORRESPONDÊNCIAS

Sant'Anna, 8-3-902.

No dia 26 do mez passado, pelas 8 horas da noite, vindo de Montemor o velho para sua casa em Sant'Anna o sr. Manoel G. Margalhau, digno professor official na Carapinheira, foi assaltado por uns *amigos*, que não pôde conhecer. O sr. Margalhau tinha ido a Montemor receber alguns proventos, provenientes da regencia da sua escola no mês anterior.

Tendo este senhor, alguma demora com alguns amigos, partiu já tarde, e como o caminho é bastante medonho, não só pelos sitios por onde passa, mas também pelas muitas arvoredos que em parte o cobrem, o sr. Margalhau receando não só ficar sem o dinheiro, mas também sem a vida, convidou em Montemor Manoel da Costa Jacaré para o acompanhar e logo seguiram jornada. Ao chegarem adiante um pouco da quinta de Velveia, aonde a estrada é bastante escura, sentiram passos em direitura a elles e uma voz dizendo: *Faça alto e largue o que leva!*

O sr. Margalhau, ficando atrapalhado não deu palavra; mas o Jacaré, que é muito resolutivo, disse: sr. Margalhau, tome esta arma que eu fico com outra, unha e dente, e deixe vir os *amigos*. Os larapios, ouvindo estas palavras, retiraram, e mesmo porque indo alli tal bicho (um Jacaré) não tinham o arrojo de chegar á estrada, não podendo por isso levar a effeito o assalto.

Isto por aqui vae ficando bonito, parecendo que voltamos aos antigos tempos do José do Telhado.

—Diabol! Se é bonita, meu caro, não é coisa muito alegre. E Mademoiselle deve ser bonita.

—E ahí tens porque Alice, que é muito amiga della, a convidou a vir passar cá as férias para a distrahir dos seus tristes cuidados.

IV

Os três conversadores, cujo cavaco depressa mudara de assumpto, para cahir por perguntas de Villy sobre as ultimas aventuras militares de Lambrune, desceram ao parque, quando começou a estar mais fresco. Haviam-se afastado um pouco do castello, seguindo as linhas sinuosas das alamedas e entraram no mais espesso da verdura, não sentindo por isso voltar o caleche que trazia Madame de Villy e Alice, acompanhadas por Herminia.

Foi a primeira badalada da campanha que os avisou de que se haviam esquecido, não com os cavacos do coronel, que tinha bastante espirito para ser sombrio nas suas façanhas, mas com as reflexões e divagações, que as palavras suas provocavam.

—Em que estamos nós a pensar? exclamou alegremente Manuel d'Argouges. A querida e bella amiga de minha prima tem de esperar, como Luiz XIV.

—Não brinquemos, sobrinho, a pontualidade, não é só, como declarava Luiz XVIII, a civilidade de reis.

—E para nós, qualquer que seja a

—Fês 36 annos de idade, no dia 2 do corrente, o sr. Manuel da Silva Saltão, offerecendo um lauto banquete aos seus empregados e a alguns amigos.

Enviámos-lhe os nossos parabens, pelo seu anniversário.

N.

Esposende, 22 de março de 902.

Foi apprehendida na quinta feira ultima, pelos empregados da fiscalisação do real d'água, uma rez com 120 kilos de pezo, ao *magarefe* da vesinha freguezia de Fão.

A multa, ao que consta, é de réis 1000000 aproximadamente, visto o *magarefe* ser reincidente.

Mas o que é mais, é o facto d'elle tentar abater uma outra rez affectada, a qual, segundo é corrente, comprou a um lavrador da freguezia de Belinho, dês. te concelho, por 180000 réis, quando é certo que saudavel valia mais de réis 500000.

As autoridades locais ainda não procederam a averiguações, como lhes competia, a fim de punir os contraventores, e embora soffra com isso a saúde pública.

O jornal da localidade vae occupar se do assumpto.

—Não sabemos a razão por que quem supe rintende, não tem averiguado o procedimento do faroleiro desta villa, que se auzenta do farol toda a noite para fazer negocio no seu tasco da rua Nova, desta villa, onde reside, a uma distancia de mais de 1 kilometro do farol e não só isso como também fabrica diariamente pão para a sua enorme freguezia, empregando o mais do tempo na compra e venda de gado vaccum e na cultura dos productos agricolas de mais procura no mercado.

Isto não é extranho ao encarregado da delegação maritima deste porto, nem aos seus subordinados. E a navegação que soffra as consequencias deste... compadrio.

Todo o publico reconhece a necessidade do faroleiro residir, isto é transferir para o farol a sua residencia, como exigem os respectivos regulamentos.

—Continua impune o *carneiro desenfreado*, arruinado e sem credito, que em pleno recinto da Câmara Municipal insultou a illustrada vereação—graças á escandalosa protecção do *transmontano*.

E.

Perigo das grandes Cidades

O sr. José Abad Lemos, morador em Madrid (Espanha), rua S. Philippe Nery, n.º 4, á esquerda, salienta-nos tal perigo nas linhas abaixo, que sam de grande interesse pelo ensinamento, que proporcionam.

«Leva-me o agradecimento mais profundo a pegar da penna, pois devo lhas a saúde de minha filha. A anemia tam geral nos grandes povoados, havia-lhe minado a saúde e com ella desaparecera a alegria, que dantes a caracterisava. Haviam sido inúteis todos os tratamentos e o mal ficava por conjurar. Feliz acaso, ouvi fallar das pilulas Pink e desejando obter a cura de minha filha, dei-lhas a tomar. Não posso expressar o quanto me dou por satisfeito ao vêr-lhe o rosto corado de lindas côres como em tempos. Voltam lhas

nossa idade, a galanteria é sempre um dever.

E alargava o passo.

—Coronel, observou Argouges, çaminhas como quem vae para o fogo.

—E' que não posso temer golpe nenhum, replicou Lambrune.

Herminia tivéra tempo para ser instalada no quarto por Mademoiselle de Villy de fazer um pouco de toilette para reparar a desordem que causa sempre uma viagem. Fôra Alice mesmo que a ajudára a compôr-se, a abotoar o seu largo colarinho e os punhos que as senhoras traziam ainda voltadas sobre as mangas do vestido.

—Quero que sejas encantadôra, que ninguém tenha nada que dizer de ti, que sejas como eu te annunciiei, dizia ella ingenuamente.

—Annunciastes a quem? perguntou Herminia. Tua avó conhece-me, e tenho a certeza, que por causa da tua amizade, Madame de Villy será cheia de benevolencia para mim.

—E' que nós temos hospedes no castello.

—Ah! Essa agora! Mas tu não me tinhas dito nada.

—Para que havia eu de te escrever? Suponho que nos poucos dias que temos estado separados te não tornaste selvagem?

—Sem duvida que não; mas, em todo o caso, quem sam elles?

—Primeiro meu primo Manuel d'Argouges...

as forças rapidamente e os incómodos, que a achucavam, lá se fóram.

Posso asseverar-lhe que está completamente curada e com desejo do ser útil aos interessados, auctorizo a V. S.ª a publicarem a presente, que dá a conhecer as excellentes qualidades das pilulas Pink. Sendo a anemia uma doença, que tanta gente victima, conveniente será que se não ignore que as pilulas Pink debellam-a com grande efficacia, enriquecendo o sangue e desaparecendo assim as taes dôres de cabeça, d'estômago, as suffocações, os flatos e a fraqueza geral, consequência da anemia; além d'isso curam também a chlorose, a neurasthenia, o rheumatismo e o debilhamento geral d'ambos os sexos.

A um médico foi confiado o encargo de responder gratuitamente a todas as informações relativas ás pilulas Pink, que forem pedidas aos Srs. James Cassels & C.ª no Porto.

As pilulas Pink foram officialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estam á venda em todas as pharmácias pelo preço de réis 1:000 a caixa; 5:000, 6 caixas. Depósito geral para Portugal, James Cassels & C.ª Rua Mousinho da Silveira, 85, Porto.

Escriptas commerciaes

Individuo habilitado com o curso commercial do 2.º grau, pelo Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, dando excellentes referências, deseja tomar conta duma ou mais escriptas commerciaes e particulares, mediante as condições que mutuamente forem accites.

Carta a esta redacção com as iniciaes A B.

ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS MUTUOS

para o sexo feminino

Olympio Nicolau Ruy Fernandes

AVISO

A direcção da Associação Conimbricense de Soccorros Mutuos para o sexo femenino—Olympio Nicolau Ruy Fernandes, em harmonia com o disposto no § 3.º do art.º 26 dos nossos Estatutos, faz publico que se acham patentes na sala da nossa Associação, as contas da gerencia de 1901, durante o prazo de 15 dias a contar de hoje, d.ºs 8 ás 9 horas da noite.

Coimbra, 15 de março de 1902.

A vice secretária da direcção,

Maria da Piedade Lopes.

Nova collecção Horas de Leitura

Walter Scott

IVANHOÉ

VOLUME I

LIVRARIA EDITORA

Guimarães Libanio & C.ª

LISBOA

Preço, 200 réis

—Esse... conheço um bocadinho, por ti, respondeu Herminia a sorri. E depois?

—E depois o coronel de Lambrune, acrescentou Alice, que se fizera muito vermelha com a observação de Herminia.

—Um coronel! Continuou Mademoiselle de Villy, com um tom meio ironico e meio sério. De uniforme, perguntou a rir?

—Não, sem uniforme; um amigo velho de meu pae...

—Então, duplamente respeitavel, replicou Herminia, mas...

—Mas sem prestigio, não é verdade? Confessa que é esse o teu pensamento.

—Olhal Escuta, continuou Herminia rindo, um coronel sem uniforme, e tenho visto muitos, não se parece com ninguém.

Alice poz-se a rir com a graça em que encontrava o bom humor habitual da sua amiga de convento.

E desceram ambas á sala de jantar.

—Então, esses senhores ainda não chegaram? perguntou Mademoiselle de Villy á avó.

Por ordem della voou pelo parque fóra o segundo toque de sineta, atordoador, desesperado, ni occasião em que os três ausentes voltavam a alameda e chegavam no castello.

—Emfim! exclamou, Alice, ao avistal-os.

Herminia estava de pé, á lado

AVENTURAS PARIENSES

14.º

A mancha da familia

POR

Pierre Salles

LISBOA

Antiga Casa Bertrand

de José Bastos

Cada volume illustrado, 200 réis

Bibliotheca das creanças

II

Contos para as creanças

POR

Antonio Figueirinhas

PORTO

Livraria editora

DE

ANTONIO FIGUEIRINHAS

1901

OS AMORES

DE

Margarida de Borgonha

POR

H. DEMMESSE

LISBOA

Antiga Casa Bertrand—José Bastos

75=Rua Garret=75

PAULO MANTEGAZZA

O AMOR DOS HOMENS

Ensaio d'uma ethnologia d'amor

Traducção do italiano

LISBOA

LIVRARIA EDITORA

DE

Tavares Cardoso & Irmão

5, Largo do Camões, 6

A RAINHA SANTA

Grande romance histórico

POR

Armando da Silva

e

Caldas Cordeiro

LIVRARIA EDITORA

Guimarães Libanio & C.ª

LISBOA

H. SIENKIEWICZ

O DILÚVIO

(Romance histórico)

TRADUÇÃO DE

Selda Potocka e Eduardo de Noronha

LISBOA

Companhia Nacional Editora

Largo Conde Barão, 50

della, levemente encostada á pedra do fogão. Levantou-se elegantemente para cumprimentar o senhor de Villy, que fóra o primeiro a entrar e vinha apresentar-lhe as suas desculpas.

—A senhora, que é como se fosse irmã de minha filha, deve ser indulgente connosco.

Emmanuel e M. de Lambrune, que haviam parado á porta, olhavam para Mademoiselle de Croizy.

—Diabol! disse o coronel baixo, lembrando-se sem dúvida da peça que vira no Palais Royal, ao atravessar Paris, o monstro é encantador! D'Argouges não respondeu, mas custou-lhe a disfarçar um leve estremecimento. E' que lhe parecia, como ao coronel, que a sala de jantar, de ordinário escura, com os seus coiros lavrados e os moveis de vieux-chêne, se illuminava simplesmente com a presença de Herminia.

—Vamos, senhores, disse Alice caminhando para elles, entrem para os apresentarem.

Emmanuel e Lambrune inclinaram-se e seguiram na.

—O coronel Roland de Lambrune, continuou Mademoiselle de Villy, fallando com Herminia; Mademoiselle de Croizy olhou para o coronel com um pouco de sobranceira.

—Emmanuel d'Argouges.

Continúa.

(8) Folhetim da "RESISTENCIA,"

MAXIME RUDE

UMA VÍCTIMA

DO

CONVENTO

III

—Essa menina seria da familia dos Croisy, parentes dos d'Harcourt?

—E' filha do ultimo, respondeu de Villy.

—Oh! Então, conheci a em pequena. Era endiabrada. A fortuna do pae, se me não falta a memoria, estava muito comprometida.

—Perdida de todo! replicou Villy. Siméon de Croisy morreu, ha muitos annos, e a mulher ha alguns meses.

—Uma senhora encantadora, um anjo de doçura, disse Lambrune. E então, ... Como a chamam?

—Herminia, respondeu Argouges.

—Herminia, é isso mesmo.

—Herminia não tem mais parentes que duas velhas senhoras, recolhidas no convento de Bayeux, as quaes lhe fizeram ver que da fortuna paterna lhe resta apenas com que pagar o dote de freira.

REWOLVERS

Saint Etienne
Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.
JOÃO GOMES MOREIRA
EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA
COIMBRA

GRANDE ALFAIATERIA

Leão d'Ouro
44 — Rua Ferreira Borges — 46

O proprietario desta acreditada alfaiateria resolveu fazer um grande abatimento nas fazendas existentes, não só por causa de balanço a que vai proceder no principio do proximo mez, mas para dar lugar ao sortimento da estação de verão.

Fazendas para fatos d'homem e creança, vestidos e capas de senhora, gostos variadissimos, qualidades superiores, preços reduzidos.

E' aproveitar, quem quizer ver tir bem e barato.

Mesa rica

Thomas Pombal com estabelecimento de bric-a-brac, tabacos e oculista na rua Ferreira Borges, em frente ao Arco d'Almedina, tem para vender uma mesa de pau preto e sândalo, com embotidos de marfim e obra de talha. Quem a pretender pôde ir vê-la ao seu estabelecimento onde está em exposição.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

E XPORTAÇÃO

PEQUINIA

LINHOS E ATOALHADOS DE GUIMARÃES

Ha para liquidar grande quantidade de toalhas de mesa e guardanapos de linho e algodão, toalhas para rôsto em linho, algodão e felpa. Colchas, panno de linho e algodão para lençoes, pannos para mesa, etc, etc, por preços excepcionaes.

Quem precisar, queira dirigir-se ao estabelecimento de ferragens e utensilios de cozinha e mēza de João Gomes Moreira — Rua Ferreira Borges — (em frente ao Arco d'Almedina) — Coimbra.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril e Artística SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida.

RESISTENCIA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilhas:

Anno..... 27700
Semestre..... 13350
Trimestre..... 686

Sem estampilha:

Anno..... 27400
Semestre..... 13200
Trimestre..... 660

Avulso 40 réis

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

Venda de Theatro

No dia 20 de abril proximo, e para completa liquidação da respectiva sociedade, será vendido em hasta publica, e pelo maior preço oferecido, o edificio do Theatro Circo Principe Real desta cidade, com todo o seu mobiliário, e bem assim um olival anexo—tudo num só lote.

A praça terá lugar no proprio edificio do Theatro, começando ao meio dia, e não podendo fechar-se sem ter durado pelo menos uma hora; devendo o arrematante entregar ao liquidatario, que é o abaixo assignado, no proprio acto da praça, a quantia de 500.000 réis, e pagar o resto do preço no acto da escriptura, a qual será lavrada em dia escolhido pelo arrematante, dentro dos oito dias immediatos ao da arrematação.

A venda é feita com a condição de ficar pertencendo á sociedade a renda dos prédios annunciados até ao S. João do corrente anno; podendo, no entretanto, o comprador exercer desde a compra todos os seus direitos de propriedade, inclusivê despedir o actual arrendatário.

Faz-se igualmente público que o terreno, onde foi construido o edificio do theatro foi comprado á Camara Municipal de Coimbra, sob diversas condições constantes da escriptura de 14 de fevereiro de 1891, que aqui se dão todas como reproduzidas, entre as quaes se encontram as seguintes:

Condição 4.^a

O terreno não pode ser applicado a outro fim, voltando nesta hypothese para a posse do municipio.

5.^a

Se, depois de construido o Theatro Circo, houver de se lhe dar outra applicação por motivo de força maior, os possuidores do referido Theatro serão obrigados a indemnisar a Camara com o excesso que vai de 300 réis para 680 réis que foi o preço médio dos terrenos naquella local.

Para quaesquer informações antes da praça podem os interessados dirigir-se ao advogado abaixo assignado, e na sua ausencia ao sollicitador Manuel Mendes Pimentel, no Páteo da Inquisição, n.º 25.

Coimbra, 20 de março de 1902.

O liquidatário,

Dr. Teixeira d'Abreu.

MERCEARIA

DE

José Tavares da Costa

SUCCESSOR

ALVARO ESTEVES CASTANHEIRA

2, L. do Principe D. Carlos, 8

Amendoas finissimas de todas as qualidades, fabrico especialmente destinado a este estabelecimento.

Cartonagens variadissimas do mais fino gosto artistico, nacionaes e estrangeiras, para todos os preços.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

PURGAÇÕES

Pilulas orientaes de A. R. de Passos

Pharmaceutico pela Universidade

Cura frequente, em 48 horas, da blenorragia (purgações, mesmo as mais rebeldes.) Só com o uso deste acreditado medicamento. Resultado seguro e garantido por numerosas curas.

Preço da caixa—500 réis, pelo correio 510. Depósito em Coimbra — Pharmacia Cordeiro — R. Ferreira Borges.

FACTURAS

e envelopes

Typ. de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 e 9 — Coimbra

Phonographos

e grande variedade de cylindros impressos com canções populares, canconetas, óperas, zarzuellas, bandas, operetas cómicas, revistas, fados, etc. etc.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Bicyclete Peugeot

Modelo «course noute.»
Vende-se quasi nova e garantida.

Para tratar Castro Leão—Calçada, Coimbra.

LOJA DO MINHO

44, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 48

Deposito das legitimas machinas Singer, instrumentos, musicas, Pianos, Bicycleetas, oculos e lunetas.

Por mais uma vez provar que as machinas Singer, são as mais acreditadas do Mundo, as mais solidas, e as mais simples, é que já vendemos no nosso deposito mil e tantas machinas. E caso raro apparecer uma machina Singer, a concertar apparecendo diariamente dezenas dellas doutros auctores a concertar na nossa officina. Recomendamos ás sr.^{as} costureiras e alfaiates a machina Singer, Bobina Central (ultima palavra); temos sempre um completo sortido em agulhas e peças para todas as machinas. Guitarras, Violões, Bandolins, Bandolinetas, Rebecas, Violetas, arcos, cordas, flautas, clarins, oculos e lunetas.

Ha um saldo de musicas para piano a 40 réis. Concerta-se toda a qualidade de machinas, bicycletas, instrumentos e tudo o quanto for em metal amarello, para o que temos pessoal competentemente habilitado.

PREÇOS FIXOS

LOJA DO MINHO

MARTINS DE ARAUJO

44, Rua do Visconde da Luz, 48

COIMBRA

AUTOMÓVEIS

A. Darracq & C.^a

Agência — R. Ferreira Borges, 49 a 52

Coimbra

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Esta casa encarega-se da collocação de PARA-RAIOS e CAMPAINHAS ELECTRICAS pela Casa Ramos & Silva, de Lisboa.

Toma conta de encomenda de qualquer artigo que tenha de ser feita directamente com o extranjeiro.

Fornece pelos preços do catalogo COFRES Á PROVA DE FOGO da casa João Thomás Cardoso & Filhos, do Porto, que sam os mais garantidos.

Tambem se encarrega de qualquer obra de serralleiro, como: gradeamentos, portões, fogões e reparações mechanicas de qualquer naturêsa.

Máquinas de costura MEMORIA

Júlio Machado Feliciano

CASA DO LEQUE

Participa aos seus ex.^{mas} freguêses e ao público em geral, que acaba de receber uma importante remessa das bem conhecidas e acreditadas máchinas—Memória—a melhor até hoje conhecida.

Quem precisar adquirir uma bella máchima de costura, para familias, alfaiates e sapateiros, não o faça sem primeiro examinar todos os modelos destas tam acreditadas máchimas e que se garantem por tempo illimitado e que não têm rivais, nem em qualidade nem em preços.

Dão se todas as explicações e aceitam-se máchimas em troca.

Esta casa acaba também de receber um grande sortimento de armures pretos, sédas pretas e mantilhas de séda e outros artigos próprios do seu commercio, o que tudo vende a preços resumidos.

Amendoas e cartonagens

Brindes de Semana Santa

Visitem a MERCEARIA LUSITANA, na rua do Cego, n.º 1 a 3, que ali encontrarão o que ha de mais surpreendente em caixinhas e outros diferentes objectos de luxo e a mais fina e saborosa AMENDOA DE LISBOA, fabricada especialmente para esta casa.

VINHOS

finos e generosos, tanto nacionaes como estrangeiros, encontram-se no mesmo estabelecimento, assim como tudo o que ha de mais fino em géneros de mercearia.

1, Rua do Cego, 7 — Coimbra

MERCEARIA LUSITANA

THEATRO-CIRCO

Tendo a Sociedade do Theatro-Circo Principe Real de Coimbra deliberado a sua dissolução e liquidação amigavel, nomeando para liquidatário o advogado abaixo assignado, são por este meio convidados todos os crédores da mesma sociedade a dirigirem a reclamação dos seus créditos por escripto ao mesmo liquidatário, afim de serem verificados, e se proceder ao seu pagamento, em harmonia com as deliberações da Assembleia Geral.

Coimbra, 20 de março de 1902.

Dr. Teixeira d'Abreu.

Loteria da Paschoa

40:000\$000

Extracção a 3 de Abril de 1902

Bilhetes a 20.000 réis.

Vigessimos a 1.000 réis

A commissão administrativa da loteria, incumbem-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes e vigessimos a quem remetter a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Espingardas

De fogo central e de carregar pela bocca. Vendem-se com grande abatimento.

VENDAS A PRESTAÇÕES

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

REDUCCÃO DE PREÇOS

Estabelecimento de João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa que em Coimbra tem melhor sortido tanto em ferragens e materiaes de construcção como em cutilaria, artigos de fantasia e utensilios de cozinha e mēsa, participa a todos os seus freguêses, e ao público em geral, que acaba de reduzir bastante o preço de quasi todos os seus artigos.

As condições em que faz todas as suas compras directamente nas principaes praças extranjeiras e fabricas portuguezas, sam uma garantia de que pôde vender em melhores condições do que qualquer outra casa desta cidade.

CASA INNOCENCIA

CONFETARIA E MERCEARIA

RUA FERREIRA BORGES — 91 a 97 (CALÇADA)

COIMBRA

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Em breve devem estar prontas as tabellas de preços de amēdoas e mais artigos de Confeitaria e Conservaria, fabricados nesta casa, a mais antiga de Coimbra e que maior sortimento tem.

Os artigos desta casa, têm sido premiados nas exposições a que têm concorrido.

Mandam-se tabellas de preços a quem as pedir.

Nesta casa encontram-se vários artigos de Mercearia, de primeira qualidade.

Vende todos os artigos pelos minimos preços, garantindo a sua perfeição e accio na fabricação.

Dirigir correspondência a

Innocência & Sobrinho — Coimbra

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiro das Companhias de illuminação a gaz e aguas

Rua do Corpo de Deus, 5

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Pazem se trabalhos fóra da cidade

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados doces sortidos, para chá e soirées, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, a rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os géneros e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá, café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systēma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc., das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vnicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscuits na Couraça de Lisboa, 32.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, Junta dos Casinos e a dois passos da praia de banhos, continúa recebendo hospedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra, desde 300 réis.

Bicycletes com motor

R. Ferreira Borges, 46 a 52

Coimbra

Bilhetes de visita

Imprimem-se

na typographia

de M. Reis Gomes

R. Martins de Carvalho